

mezes pela primeira vez. As explicações que ahí achei foram tão satisfactorias, quanto as consequencias são claras, e o resultado mostra a questão decidida para sempre. N'aquelle tempo tive a curiosidade de fazer um exame ao microscopio, para ver se condizia com a conclusão supradicta, por um modo totalmente opposto, e achei resultados que a comprovavam; elles foram assaz interessantes, porém não a continuei porque os não queria dar ao prelo. Mas lendo o n.º 40 do seu Jornal ahí achei trabalhos no mesmo sentido; comtudo se V. S.<sup>a</sup> é de opinião de inserir no seu Jornal as minhas observações, muito lhe agradecerei.

« Colloquei entre 2 laminas de vidro a mais pequena porção de unguento mercurial, e sujeitei-o a sufficiente pressão, para o obrigar a sahir em uma lamina transparente, que foi examinada por uma lente de 290.<sup>o</sup>, a imagem que desenhei sobre o papel foi vista pelo speculum de Sæmering. Esta imagem apresenta um disco crystalino, transparente, salpicado de muitas espheras de diversas grandezas, opacas, cõr de chumbo de caçar. Ha algumas allongadas e irregulares. Quando se lhe applica uma pressão a esphericidade desaparece, e mostram forma circular irregular, com um disco gibboso; tirando a pressão reassume a primeira forma.

« Uma segunda porção de unguento mercurial foi estendida com a ponta d'uma lanceta em outra lamina de vidro, e sujeita ao microscopio sem estar coberta com outro vidro.

« A imagem foi semelhante á primeira, porém as espheras em logar de opacas, a maior parte tiuham um ponto luminoso. Examinando-as particularmente, que eram illuminadas pela luz directa, que lhes era transmittida. Assim passando um bocado de papel preto, devagar, por defronte, desaparece a luz directa, assim como os pontos luminosos; as espheras tornam-se opacas, e cõr de chumbo como as primeiras. Continuando a mover o papel intercepta a luz do reflector, mas permite á luz directa que chegue ao objecto, então mostra um disco escuro luminoso.

« Globulos não excedendo  $\frac{1}{500}$  do diametro, d'uma pollegada cubica; globulos observei tão pequenos, que uma pollegada cubica podia conter 3:755,000000, que mostram egualmente imagens perfectas ao microscopio.

« D'estas experiencias não se pode tirar outra conclusão, senão que o mercurio existe simplesmente no estado de divisão extrema, preservando na pomada sem mudança alguma; até mesmo com seu brilho metallico. No primeiro caso os globulos são de cor de chumbo carregada, porque a luz directa é reflectida pelos vidros de cima, não podendo chegar aos globulos mercuriaes tão completamente, como na segunda experiencia do papel interposto.

« A pasta do disco dos globulos semelham uma quantidade de crystaes estriados de todas as formas, e que eu julguei serem maiores na pomada fresca; o que reservo para demonstrar em outras experiencias.

« A estampa (\*) que mando com os globulos, tem por baixo uma escala, pela qual se pode medir o seu tamanho relativo a 20000 partes de uma pollegada.

« Assim o maior — letra C — tem o diametro de 0015, o menor — D — não excede 0001. Para formar uma ideia exacta da extrema pequenez dos globulos de menor capacidade, não é ja capaz o microscopio de mostrar fracções de materias tão diminutas; por isto puz sobre o disco uma pequena peça de papel, cercado de uma margem preta, que tem no centro um ponto escuro, como se pode ver na letra — B —.

« Fóra do disco estão representados globulos de sangue humano, regulados pela mesma escala: por esta comparação os globulos de sangue são eguaes, ou alguma cousa menores em relação á metade dos globulos mercuriaes. — Seu, &c. — *J. Grattan*, Pharmaceutico-Chymico. »

Seja o que fór, pense cada um como julgar mais razoavel e acertado; que nós fazemos votos, para que se levem a effeito as propostas ja feitas, para que este assumpto se

---

(\*) Omittimos a estampa, por desnecessaria.

examine, como convém, e se apresente um resultado que mereça fé, e sobre o qual se fundamente uma so crença, e uma so opinião.

H. J. S. Telles.

*Mistura odontologica, de* LUCIANO PIESTE.

- R. Ammoniac liquido do commercio . . . . . 20 grãos.  
Tinctura de cravo da India . . . . . 10 dictos.  
misture.

Embebe-se uma pequena quantidade d'este liquido em algodão, introduz-se na cavidade do dente cariado; determina logo a cauterisação do nervo sensivel, e a dôr desaparece como por encanto.

N'esta mistura, é o ammoniaco que produz o effeito curativo; pode dispensar-se d'ajunctar a tinctura se a não tivermos á mão. Esta propriedade do ammoniaco é pouco conhecida, e por esta razão desusada. Seria talvez possível attribui-la a alguns casos de molestia dos dentes, a um acido particular, que occasiona a desaggregação do dente que produz a causa da dôr; este acido é saturado pelo hydrogenio azotado, a dôr não existe mais.

Não cessarei de recommendar assaz o emprêgo d'este odontalgico; elle surte effeito todas as vezes que possa ser empregado no sitio da dôr.

(*Repertorio de Pharmacia.*) — F. B. Santos.

(*Gazeta Medica do Porto* — 1848.)

*Formulas de medicamentos, colligidas pelo Sr. LOURENÇO ANTONIO CORREA, Cirurgião do Hospital de S. José de Lisboa; continuadas de pag. 114.*

*Pilulas de tannino contra os suores nocturnos, de*  
CHARVET.

- Tannino puro . . . . . 1 gram. (18 grãos).  
Conserva de rosas . . . . . q. b.  
faça 36 pilulas.

*Pilulas contra a epilepsia, de DUPUYTREN.*

Oxydo de zinco.....	1 gram.	(18 grãos).
Raiz de valeriana em po.....	2 "	(4 oitavas).
Castoreo em po.....	20 centigr.	(4 grãos).

faça 12 pilulas.

*Pilulas anti-ictericas de COEROLY.*

Extracto de saponaria.....	8 gram.	(2 oitavas).
Proto-chlorureto de mercurio.....	4 "	(1 " )

faça 72 pilulas.

*Pilulas anti-ictericas de BUCHAN.*

Azevre succotrino em po.....	}ãa 4 gram.	(1 oitava).
Rhuibarbo em po.....		
Sabão medicinal raspado.....		
Xarope simples.....	q. b.	

faça pilulas de 6 grãos.

*Pomada phosphorada da Ph. Franc.*

Phosphoro.....	4 gram.	(1 oitava).
Banha de porco.....	204 "	(6 onças e 3 oitavas).

deite a banha de porco em um frasco de vidro de bocca larga, juncte o phosphoro e ponha o frasco em B. M., tendo o cuidado de pôr, entre o gargalo e a rolha do frasco, uma tira de papel, para que deixe sahir o ar interior; faça ferver a agua do B. M., então tape o frasco, e agite fortemente até que o phosphoro se dissolva.

*Pomada ioduretada da Ph. Franc.*

Iodo.....	4 gram.	(1 oitava).
Iodureto de potassio.....	12 "	(3 " )
Banha de porco.....	96 "	(3 onças).

triturre o iodo com o iodureto de potassio, juncte a banha e misture tudo em porphyro.

*Pomada d'iodureto de ferro de PIERQUIN.*

Iodureto de ferro.....	1 parte.
Banba de porco.....	8 "

misture exactamente.

*Pomada citrina da Ph. Franc.*

Banba de porco.....	} aa 250 gram. (8 onças).	
Oleo commum.....		
Mercurio.....	32 "	(1 " )
Acido nitrico de 32.°.....	48 "	(1½ " )

dissolva o mercurio no acido nitrico, por meio de brando calor; a parte derreta a banba com o oleo: quando os corpos gordos estiverem meio frios, deite-lhes o dissoluto mercurial, mexa para que fique bem misturado.

(Continuar-se-ha.)

*Sobre as emulsões do oleo de ricino; pelo Pharmaceutico o Sr. MANNE.*

Obrigado diariamente, cinco e seis vezes, a fazer emulsões d'oleo de ricino, ja por prescripção do medico, ja a pedido dos meus clientes, achei-me na posição de proceder a varias experiencias, para conseguir um meio seguro e facil d'administrar este medicamento.

Ensaiei a gomma arabica, em proporções diferentes, e somente obtive emulsões imperfeitas ou muito espessas; não me succedeu porém assim com a gema d'ovo, que um medico da minha localidade me indicou, pois consegui emulsões perfectas e homogeneas. Mas não haverá inconvenientes, em se empregar este meio para fazer emulsões de 45 a 60 grammas d'oleo de ricino? A gema d'ovo não poderá, pelas suas propriedades nutritivas, neutralisar os effeitos do purgante? Não poderá ella tornar-se mais pesado e insupportavel para o estomago do doente, que muitas vezes vomita tal medicamento? Estes tres pontos duvidosos para mim, da utilidade ou inconveniencia da gema d'ovo para a emulsão do oleo de ricino, obriga-

ram-me a fazer outras observações; a fim d'encontrar um meio, pelo qual a mesma se obtivesse muito homogênea, mais agradável á vista, menos pesada, e por conseguinte d'uma digestão mais facil para o estomago do doente, a quem o medico muitas vezes se vê constringido a prescrever o regimea dietetico. Para este fim recorri á gomma alcatira, e a formula que abaixo se segue, no meu sentir, produz um resultado satisfatorio; devendo observar-se, que a diminuta quantidade de gomma necessaria para fazer a emulsão, seguramente em nada pode alterar os principios do medicamento, em caso algum prejudicar o doente: nem finalmente annullar na generalidade os effeitos do purgante.

*Formula da emulsão purgante do oleo de ricino.*

Oleo de ricino. . . . .	45 gram.	(1 ½ onça).
Gomma alcatira. . . . .	50 centigr.	(9 grãos).
Assucar branco. . . . .	5 gram.	(1 oitava e 18 grãos).
Agua commum. . . . .	80 ”	(2 ½ onça).
Xarope de flor de laranjeira . . . . .	30 ”	(7 ½ oitavas).
M. F. S. A. a emulsão.		

Prepara-se ella da maneira seguinte: trituro a gomma com o assucar, depois ajuncto o xarope, agitando-o fortemente com pilão de pau, em almofariz de pedra, até que a mucilagem se condense um pouco; ajuncto em seguida o oleo, continuando a agitação, até que o misto fique perfeitamente homogêneo, lançando-lhe a agua em pequenas porções: e d'esta forma obtenho a emulsão d'oleo de ricino que não deixa nada a desejar, e que pode estar oito a dez dias sem que um atomo d'oleo se separe. A bebida assemelha-se na densidade ao looch branco ordinario.

*Balsamo opodeldoc liquido, empregado especialmente nas fricções ioduradas; pelo Sr. LIANDET.*

Sabão de Veneza. . . . . 90 gram. (2 onç. e 6 ½ oitavas).

Alcohol de 30°. . . . . 300 gram. (9 onç. e 5 oitavas).  
 Agua distillada. . . . . 140 „ (4  $\frac{1}{2}$  onças).  
 Camphora . . . . . 2 „ e 50 centigr. (45 grãos).

Solve-se tudo a banho-maria, em um frasco ligeiramente tapado; filtra-se por papel joseph, e ajuncta-se ao soluto:

Essencia de tomilho. . } ãa 5 gram. (1 oitavas e 18 grãos).  
 — d'alfazema. . . . . }

Ammonia caustica liquida. 60 „ (1 onça e 7 oitavas).

Em cada onça d'este liquido dissolvem-se 2 gram. e 5 centigr. (45 grãos) d'hydriodato de potassa (iodureto de potassio), e faz-se fricção de manhã e á noute. Esta formula é muito estimavel pelas senhoras; porque não çuja o pescoço, quando se esfregam as escrophulas, nem mancha a roupa: sendo de notar que similhante composição accelera a absorpção. Traduzido por J. D. Corrêa.

**DIREITO**

**PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.**

*Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; contendo alguns Arestos de Legislação sôbre Medicina e Cirurgia — tudo extrahido por Certidão do Real e Nacional Archivo da Torre do Tombo: continuado do T. IV. pag. 536.*

da Ordem N.º 49. Farmacêuticos

Eu elRey faço saber aos que este alvará virem que por mo enviar em pedir os officiaes da villa de Castello da vide e vista a informação que mandei tomar pelo provedor da Comarca da Cidade de portalegre ey por bem que elles possam dar seis mil reis cadanno a manuel dias barreto boticairo por aestir com sua botica na dita villa e isto por tempo de cinco annos das Rendas do Concelho da dita villa nam entrando nisso a minha terça e mando ao provedor da Comarca que ora he e ao diante for leve em conta aos

ditos officiaes da camara os ditos seis mil reis cada anno constando-lhe que os derão ao dito manuel dias que elle assestio sempre na dita villa e este se comprira como se nelle contem pelo dito tempo de sinquo annos o qual vallera como carta feita em meu nome posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario. joão feo a fez em Lixboa a oito de fevereiro de mil e seis centos e cinco. duarte correa a fez escrever.

(Livro 16.º da — Chancellaria de FILIPPE II. — a folhas 34.)

N.º 50.

Provisão sobre as contias que hande pagar as villas e lugares deste Regno pera pagamento dos partidos dos estudantes medicos cirurgiães e boticairos christãos velhos que estudarem em Coimbra.

Eu elRey faço saber aos que esta provisão virem que tendo elRey dom Sebastião meu primo que Deos tem mandado que na Universidade de Coimbra ouvesse trinta estudantes christãos velhos que nella estudassem medicina e cirurgia e dando Regimento da Ordem que nisso devia aver, o qual he perdido e por eu ser informado que os partidos que então se ordenarão aos ditos estudantes não bastão agora e que seria conveniente a meu serviço e bem do Regno acrescentarem-se e aver tabem boticairos christãos velhos, e allem disso para elles e para os ordenados e partidos de todos serem pagos sem falta pelo que commummente ha na aRecadação do dinbeiro de que o handeser e pera se acodir a despesas ordinarias e extraordinarias, ouve por bem que allem dos sete centos e quinze mil reis que ja se pagavão se acrescentasse o que parecesse que bastaria asse para se dar mais aos ditos estudantes medicos como para o que de novo se avia de dar aos estudantes boticarios e para este acrescentamento se aver de tirar da Renda de alguns lugares deste Regno (como se tirarão os sete centos e quinze mil reis que dantes e inda agora nas comarcas de Portalegre Lamego Pi-



nhel Castello Branco e da torre de Mencorvo se pagavam) Mandei passar Provisões para os Provedores das comarcas irem pessoalmente aos Lugares dellas que tivessem mais Renda, e a que commumente sobeja, e verem os Livros da Receipta e despesa dos annos passados e me enviarem enformação do que cada huum dos ditos Lugares poderia pagar para os ditos partidos e acrescentamento d'elles, o que os ditos Provedores fizerão como lhes mandei, e por me constar pela enformação que me enviarão que fazendo conta das despesas ordinarias e extraordinarias que commumente se fazê nos ditos lugares se podiam tomar as contias necessareas para os ditos acrescentamentos e partidos que de novo se hande dar aos boticarios e allem das que os ditos concelhos davão em tempo delRey meu primo ey por bem e me praz que nas cidades villas e lugares aqui declarados se pague pelos rendimentos e Rendas dos Concelhos delles cada ano as conthias que a cada huma vai lançada pela maneira seguinte.

Na Comarca de Evora = A villa de Estremoz pagara oito mil reis = A villa de Montemor o novo pagara cincoenta mil reis e depois de acabadas as vendas novas pagara mais vinte mil reis = A villa de Raiollos pagara seis mil reis = A villa das Alcaçovas pagara seis mil reis = A villa de Vianna pagara quatro mil reis = A villa de Borba pagara quatro mil reis = A villa de Ayis pagara dose mil reis = A villa de Veiros pagara seis mil reis = A villa de Fronteira pagara des mil reis = A villa de Cabeço da vide pagara seis mil reis = A villa de Seda pagara quatro mil reis.

Na Comarca de Coimbra = A villa de Montemor o velho pagara vinte mil reis = A villa de Penacova pagara quatro mil reis = A villa de Pereira pagara tres mil reis = A villa de Tentuguel pagara tres mil reis = A villa de Villa nova dancos pagara tres mil reis = A villa da Louzã pagara tres mil reis = A villa de Arganil pagara tres mil reis.

Na Comarca de Santarem = A villa de Santarem pa-

gara cem mil reis = A villa da Zambuja pagara cinco mil reis = A villa de Torres novas pagara des mil reis = A villa da Galega pagara cinco mil reis = A villa de Mungem pagara cinco mil reis = A villa de Coruche pagara oito mil reis.

Na Comarca de Beja = A Cidade de Beja pagara trinta mil reis = A villa de Moura pagara vinte mil reis = A villa de Serpa pagara vinte mil reis = A villa de Alvito pagara seis mil reis = A villa do Torrão pagara quatro mil reis = A villa de Portel pagara oito mil reis.

Na Comarca delvas = A Cidade de Elvas pagara quarenta mil reis = A Villa de Olivença pagara quinze mil reis = A Villa de Campo maior pagara quinze mil reis = A villa de Mourão pagara oito mil reis = A villa de Monsaraz pagara quarenta mil reis = A villa de Terena pagara oito mil reis = A villa do Alandroal pagara oito mil reis = A villa de Jurumenha pagara seis mil reis.

Na Comarca de Portalegre = A Cidade de Portalegre pagara quatro mil rs. mais alem dos deseseis que ja pagava = A villa de Castello da vide pagara tres mil reis mais allem dos vintacinco que ja pagava = A villa da Ronches pagara quatro mil reis mais allem dos trinta que ja pagava = A villa de Nisa pagara tres mil reis mais allem dos vinte que ja pagava = A villa de Marvão pagara dous mil reis mais allem dos vinte que ja pagava = A villa do Crato pagara tres mil reis mais allem dos trinta que ja pagava = A villa da Mieira pagara dous mil reis mais allem dos dose mil reis que ja pagava = A villa de Montalvão pagara dous mil reis allem dos seis que ja pagava = A Villa de Alpalhão pagara dous mil reis mais allem dos des que ja pagava = A villa de Monforte pagara tres mil reis mais allem dos vintacinco que ja pagava = A villa de Alegrete pagara tres mil reis mais allem dos cinco que ja pagava = A villa de Alter do chão pagara quatro mil reis mais allem dos deseseis mil que ja pagava = A villa de Gafete pagara dous mil reis mais allem dos dose que ja pagava.

(Continuar-se-ha.)

## PEÇAS OFFICIAES.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

Acta n.º 319, de 12 d'Agosto de 1847.

Presidência do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde abriu-se a Sessão, estando presentes 20 Membros Effectivos.

Leu-se e approvou-se a Acta da Sessão precedente.

O Sr. 1.º Secretario, deu conta da correspondencia; a qual constava, na maior parte, de agradecimentos dos nossos Conscios, por a Sociedade os haver eleito para differentes cargos. Receberam-se, com especial agrado, varios objectos doados.

Constituiram-se as Comissões Permanentes, e foram nomeados, na Comissão de Pharmacia, para Director o Sr. J. D. Corrêa, e Vice-Director o Sr. S. A. E. Silva; na de Chymica, para Director o Sr. Telles junior, e Vice-Director o Sr. J. P. Azevedo; na de Physica, para Director o Sr. J. J. A. Azevedo e Vice-Director o Sr. J. F. Silva; na d'Historia-Natural, para Director o Sr. F. Calçado, e Vice-Director o Sr. J. M. Botto; na de Direito-Pharmaceutico, para Director o Sr. J. Tedeschi, e Vice-Director o Sr. F. J. R. Loureiro.

## ORDEM DO DIA.

O Sr. Telles junior, em virtude do § 4.º do Artigo 21.º dos Estatutos, relaton á Sociedade os effeitos toxicos que tinham produzido uns *pos*, que, em Lisboa, se dão gratuitamente para curar as *seções*; os quaes elle tinha analysado, reconhecendo serem o *carbonato de chumbo*: pelo que propunha se officiasse ao Conselho de Saúde Publica do Reino, para que cohibisse um tal abuso.

O Sr. Telles senior, observou a inutilidade d'uma tal medida, e que melhor seria publicarem-se no Jornal, e em alguns mais da Capital, as observações que, acerca d'este assumpto, a Sociedade julgasse mais convenientes.

O Membro proponente, sustentou a sua proposta, baseado nos Estatutos, no bem da Saúde Publica, e interesse da nossa Classe. Esta materia foi bastantemente discutida, entre os Srs., Telles, senior e junior, Norberto, e J. A. Rodrigues; decidindo-se, conforme a opinião d'este ultimo Sr., que se remetesse ao Conselho de Saúde Publica a analyse do preparado, e a sua applicação.

O Sr. 1.º Secretario propoz, por parte da Mesa, ao Sr. V. Tedeschi para Delegado da Sociedade em Benguella.

O Sr. Norberto, propoz o fosse tambem em Angóla; o que tudo foi approvado.

O Sr. J. D. Corrêa, apresentou uma proposta de Candidato para Membro Benemerito; que foi remettida para a Commissão de Direito-Pharmaceutico.

Sendo 8 horas da noute, se fechou a Sessão.

*Acta n.º 320, de 26 d'Agosto de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas e meia da tarde abriu-se a Sessão, estando presentes 18 Membros Effectivos.

Leu-se a Acta antecedente que foi approvada, com uma emenda do Sr. Norberto.

O Sr. 1.º Secretario, deu parte á Sociedade de ter a Mesa ido comprimentar o nosso Consocio, o Sr. A. J. S. Pinto, dando-lhe os pezames pelo fallecimento da sua Consorte.

O mesmo Sr. acensou a recepção d'um Officio do Sr. F. B. Santos, do Porto, com a Acta da Sessão que alli celebraram os nossos Consocios, para elegerem Delegado, 1.º e 2.º Sub-Delegados.

Apresentou igualmente a deliberação da Mesa, que foi approvada; na qual se vê que tendo o Sr. Santos sido reeleito Delegado, e insistindo na sua negativa, ella nomeia em seu lugar, ao Sr. A. S. Dias, e para substituir este, que havia sido eleito para 1.º Sub-Delegado, nomeou ao Sr. B. S. Ferreira, e para 2.º Sub-Delegado ao Sr. A. J. Araujo.

Apresentou mais outro Officio do Sr. Jeronymo Pereira d'Azevedo, esclarecendo um engano acerca da sua residencia.

Outro do Sr. Silverio Cardoso, de Mirandella, offerecendo, para o Archivo da Sociedade, um Projecto de Regulamento Geral de Saúde Publica, apresentado nas Côrtes de 1821 a 1822. Recebido com especial agrado.

Outro do mesmo Sr. agradecendo a sua nomeação de Membro Benemerito.

Outro do Sr. J. F. Monteiro, de Pombal, agradecendo a sua eleição de Delegado.

Outro do Sr. A. M. Mattos, d'Alpedrinha, participando o mau estado em que se achava o nosso Consocio do Fundão, o Sr. A. F. Duarte, e propondo que seja coadjuvado pela Sociedade, e que continue a ser considerado Socio Correspondente. Foi remettido ao Conselho-Administrativo.

Outro do Sr. V. Palma, de Castro-Marim, agradecendo a nomeação de 2.º Sub-Delegado, e procurando se havia alguma Lei, que exhibisse os pharmaceuticos d'exercerem cargos publicos.

Outro do Sr. Juiz de Direito de Castello-Branco, remettendo uma Carta precatoria do Juizo Ordinario d'Alpedrinha, acompanhando um caixote que diz conter os productos pathologicos do cadaver de Domingos Botão, que se suppõe ter sido envenenado, para que a Sociedade os faça analysar. Depois de bre-

ve discussão, em que tomaram parte os Srs., J. Tedeschi, Norberto, Telles, senior e junior, decidiu-se que o caixote fosse guardado, fazendo-se saber áquelle Juiz, que a Sociedade se prestava á analyse requerida, logo que lhe fosse exigida pelos meios legaes.

Outro do Sr. F. A. R. Gusmão, Medico em Alpedrinha, dando alguns esclarecimentos ácerca do Auto de Corpo de delicto, que acompanha a Precatoria acima mencionada.

A Sociedade recebeu, com especial agrado, diversos objectos doados.

O Sr. J. D. Corrêa, como Director da Commissão da Analyse das Aguas Mineræes do Reino, apresentou uma nova relação de despesas feitas pela Commissão, e informou a Sociedade de se achar muito adiantada a Analyse das Aguas das Alcaçarias, e haver-se principiado a das Aguas de Cintra.

ORDEM DO DIA.

Procedendo-se á eleição para Vogal da Commissão de Saúde Publica, e Substituto da de Physica, seguidas as devidas formalidades, ficaram eleitos, no primeiro caso, o Sr. Avellar, no segundo o Sr. Assis.

O Sr. J. Tedeschi, propoz, para Membro Correspondente Nacional, ao Sr. A. F. Castro, de Montargil, ácerca do qual, sendo dispensadas as formalidades do costume, foi approvedo.

O Sr. Loureiro, por parte da Commissão de Direito-Pharmaceutico, apresentou um Parecer sobre a proposta para Membro Benemerito, feita pelo Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 8 horas e meia da noute, declarou o Sr. Presidente fechada a Sessão.

*Acta n.º 321, de 9 de Setembro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 6 horas e meia da tarde abriu-se a Sessão, estando ja presentes 16 Membros Effectivos.

Leu-se a Acta da Sessão precedente, que foi approveda, com uma emenda do Sr. J. D. Corrêa.

O Sr. 1.º Secretario mencionou a seguinte correspondencia:

Um Officio do Sr. F. J. S. Nobreza, de Guiaios, procurando quanto deve á Sociedade.

Outro do Sr. A. S. Dias, do Porto, agradecendo a sua nomeação de Delegado.

Outro do Sr. J. S. R. Cardoso, de Mirandella, pedindo, por copia, o Projecto para o arrançamento da Casa.

Outro do Sr. B. J. Sousa, do Porto, agradecendo a nomeação de 1.º Sub-Delegado.

Outro do Sr. J. A. Coelho, d'Odemira, agradecendo igual-

mente a sua nomeação de Sub-Delegado; e participando muitos abusos que alli se praticam ácerca de policia medica.

Outro do Sr. F. B. Santos, do Porto, dando parte de haver feito a entrega da Delegação, ao Delegado actual, e pede esclarecimentos ácerca do Jornal de Londres.

Outro do mesmo Sr., elogiando os novos Delegados, remetendo o Inventario dos objectos que entregara, assim como dous artigos para o Jornal.

A tudo se deu o competente destino.

Apresentaram-se varios objectos doados, que a Sociedade recebeu com especial agrado.

O Sr. J. D. Corrêa, participou á Sociedade, que lhe constava ter o nosso Consocio, O Sr. Antonio de Carvalho, solicitado e obtido da Camara Municipal de Lisboa uma verba para a Analyse das Aguas que entram no Aqueducto Geral das Aguas Livres, e que ainda não foram analysadas para o serem pela Sociedade; pelo que propunha se lhe officiasse, louvando-o pelo interesse que mostrava pela Saúde Publica, bem como pelo credito d'esta Sociedade: o que foi approvedo.

Os Srs., Telles e J. Tedeschi, fizeram duas propostas, que egualmente se approvaram.

#### ORDEM DO DIA.

Qual o melhor methodo para preparar a pomada mercurial?

O Sr. Telles senior, fallando ácerca d'esta materia, citou algumas formulas que lhe pareciam preferiveis, e a cujo respeito fez algumas observações; concluindo que seria conveniente o seu exame, pela respectiva Commissão.

O Sr. J. A. Rodrigues, perguntou a razão porque se punha este quesito á discussão? Ouvida a resposta continuou mostrando que esta materia ja havia sido sufficientemente discutida; que se tinha deliberado que a Commissão de Chymica desse a tal respeito o seu parecer; pelo que julgava intempestiva qualquer discussão, antes d'aquelle parecer se apresentar.

Seguiu-se uma larga discussão, ácerca d'este assumpto, em que tomaram parte os Srs., Norberto, J. Tedeschi, Telles senior, A. Feliciano, e Pereira d'Azevedo; approvando-se, por proposta do Sr. Norberto, que a questão ficasse adiada para a Sessão seguinte.

Sendo 8 horas e meia da noute, fechou-se a Sessão.

*Acta n.º 322, de 30 de Setembro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde abriu-se a Sessão, estando ja presentes 18 Membros Effectivos.

Leu-se a Acta do Conselho-Administrativo, de que a Sociedade ficou inteirada. Eguualmente se leu a da Sessão precedente, que foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario leu a correspondencia, que constava de quinze Officios, sobre differentes objectos, e aos quaes se deu o competente destino.

Mencionou tambem varios objectos doados, que se receberam com especial agrado.

Leu, seguidamente, uma deliberação da Mesa, auctorisando, a Commissão encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, a analysar uma agua pertencente á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. I. L. Biester, que pretende introduzir no Aqueducto Geral das Aguas-Livres.

O Sr. P. Azevedo, agradeceu por parte do nosso Consocio de Cezimbra, o Sr. Leão, a sua nomeação de Sub-Delegado na Comarca d'Almada.

O Sr. J. Tedeschi, apresentou quatro propostas, que declarou urgentes: — 1.<sup>a</sup>, para que a Mesa fosse comprimentar o Sr. Oliveira; — 2.<sup>a</sup>, para que se votassem agradecimentos ao Sr. Norberto, pelo zelo que mostrou, e serviços prestados como Director das Obras e arranjamto da nova Casa; — 3.<sup>a</sup>, para que seja auctorisado o Sr. 1.º Secretario a comprar, para o Archivo, todos os Jornaes de Lisboa, que trazem algum artigo ácerca da questão do Sr. Dr. Lima Leitão; — 4.<sup>a</sup>, para que se peça ao Governo providencias sobre a Repartição de Saúde.

Sobre cada uma d'estas propostas houve alguma discussão, em que tomaram parte os Srs., Norberto, Almeida, J. Tedeschi, Telles senior, e Ogando; depois da qual foram approvadas, mandando-se a 4.<sup>a</sup> á Commissão de Direito-Pharmaceutico.

Approvou-se egualmente um Parecer do Conselho-Administrativo, ácerca da proposta do Sr. Mendes de Mattos, d'Alpedrinha.

Remetteram para a Mesa propostas de Candidatos, os Srs., Telles, Ferreira da Silva, e Izidoro da Costa; ácerca dos quaes, dispensadas as formalidades, foram votados, por espheras, para Membro Correspondente Nacional, o Sr. João dos Santos Paes, pharmaceutico em Angra do Heroismo, proposta do Sr. Telles; e os Srs., João de Sousa Brito, e Bernardo d'Almeida Ferreira, para Membros Effectivos, propostos pelos Srs. Ferreira da Silva e Izidoro da Costa.

Leu-se e approvou-se o Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico sobre a proposta do Sr. J. D. Corrêa; proclamando-se Membro Benemerito o Sr. A. A. R. d'Oliveira.

O Sr. J. F. Norberto, apresentou um artigo sobre a quinoquina, que foi remettido para a Commissão de Redacção. (Vide pag. 5.)

O Sr. Izidoro da Costa, leu o Parecer da Commissão encar-

regada d'analysar a agua pertencente á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Izabel Loureiro Biester, que pelos competentes ensaios, se conheceu ser de boa qualidade, e capaz de ser introduzida no Aqueducto Geral das Aguas-Livres.

A'cerca d'este Parecer, houve uma profiosa discussão, em que tomaram parte os Srs., Almeida, J. Tedeschi, Alexandre Rodrigues, Izidoro da Costa, J. D. Corrêa, e Telles junior; decidindo-se que o Parecer voltasse á Commissão, para corrigir alguns pontos de redacção.

Teve primeira leitura um Parecer da Commissão d'Historia-Natural.

Tractados mais alguns objectos, e sendo ja 10 horas da noite, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Acta n.º 323, de 7 de d'Outubro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde declarou o Sr. Presidente que estava aberta a Sessão.

Achavam-se presentes 17 Membros Effectivos. Lida a Acta da Sessão precedente, foi approvada com duas emendas; uma do Sr. Norberto, e outra do Sr. J. Tedeschi.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, informou a Sociedade ácerca das visitas que a Mesa fizera ao Sr. Presidente, durante a sua enfermidade. Egualmente participou a morte do Membro Effectivo, o Sr. Francisco Caetano Pedrosa, que foi ouvida com sentimento. Mencionou dous Offícios recebidos, o que se deu a devida consideração e destino, e accusou diversos objectos doados, que a Sociedade recebeu com agrado.

Approvou-se uma proposta do Sr. Norberto, para que qualquer Socio possa, com previo consentimento da Mesa, introduzir, na Sala das Sessões, individuos que pertençam aos tres ramos da Arte de Curar, com especialidade á Pharmacia.

O Sr. Loureiro, leu um Parecer da Commissão de Direito-Pharmaceutico, ácerca das propostas dos Srs., J. Tedeschi e Silverio Cardoso, para se representar ao Governo sobre o deleixo em que se acha o serviço de Saúde Publica do Reino. Entrou em discussão e foi approvado, tendo ácerca d'elle fallado largamente, os Srs., Ogando, Norberto, Telles senior, J. Tedeschi e Alexandre Rodrigues.

Approvou-se egualmente uma proposta do Sr. J. A. Rodrigues, para que fosse convidada a Commissão de Direito-Pharmaceutico, a apresentar as bases para uma Representação sobre a reforma dos Estudos Pharmaceuticos; em consequência do que, requereu o Sr. J. Tedeschi, como Director d'aquella Commissão, se lhe nomeassem mais alguns Membros, como adjunctos: sendo esta proposta approvada, foram nomeados os Srs., J. D. Corrêa, J. A. Rodrigues, e J. Nunes Barbosa,



Depois d'alguma discussão, entre os Srs. Telles senior, J. Tedeschi, e J. A. Rodrigues, decidiu-se que a Mesa redigisse a Representação.

O Sr. Presidente, apresentou o Parecer da Comissão da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, ácerca da analyse de que fora incumbida, da agua pertencente á Sr.<sup>a</sup> Biester; cuja ultima redacção tinha sido exigida, como resultado da discussão anterior. Foi approvedo.

Entrou em discussão o seguinte Parecer da Comissão d'Historia Natural.

SENHORES! — A' Comissão de Historia Natural foi remetida, com Officio do Sr. Segundo Secretario, de 13 de Agosto d'este anno, uma Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar; acompanhando uma boceta que continha umas castanhas, como na mesma Portaria as denominam, para que esta Comissão dê o seu parecer ácerca d'ellas, e da planta que as produz. A Comissão, Senhores, fez as mais minuciosas indagações, e nada encontrou que lhe desse a mais minima ideia a tal respeito; pelo que, intende que o nome de trepadeira, que em Inhambane dão á planta, que produz aquelles fructos, é deduzido da circumsstancia que a acompanha de trepar, como a outras do mesmo nome commummente succede. Que a denominação mais moderna, de *talisferia volubilis*, é talvez procedida d'uma classificação arbitraria, e ainda não mencionada nos livros da sciencia; mas de quem o adjectivo *volubilis* indica haver mais especies do genero *talisferia*. N'este caso a Comissão lembra tres cousas: a 1.<sup>a</sup>, que, debaixo das relações denominativas da Portaria, se proceda á extracção do oleo, sem chamar a attenção sobre uma classificação positiva; a 2.<sup>a</sup>, que seja incumbido o nosso Delegado actual, em Angola e Benguella, a remetter-nos todas as noticias que ácerca d'esta materia possa colligir; a 3.<sup>a</sup>, que se peça ao Governo, para que, sendo possivel, mande vir alguns pés da dicta planta, para se diligenciar a sua aclimação no Jardim da Sociedade, bem como no da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. Gabinete da Comissão d'Historia Natural, em 9 de Setembro de 1847. — *Filippe Fernandes Calçado*, Director. — *José Maria Botto*, Vice-Director. — *Henrique José de Sousa Telles*, Vogal.

Acabada a sua leitura, e posto á votação, foi approvedo; bem o foi o Regulamento do Continuo, depois d'algumas observações feitas pelos Srs., J. Tedeschi, J. A. Rodrigues, e Norberto.

Sendo 8 horas e meia da noute fechou-se a Sessão.

*Acta n.º 324, de 27 d'Outubro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas e meia da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando ja presentes 17 Membros Effectivos.

Leu, o 2.<sup>o</sup> Secretario, a Acta da Sessão antecedente, que foi approvada, com uma emenda proposta pelo Sr. Pereira d'Azevedo.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, mencionou a correspondencia, comprehendida em 14 Officios, a que se deu o competente destino, Accusou, egualmente, diversos objectos doados, que a Sociedade recebeu com especial agrado.

O mesmo Sr., apresentou á Sociedade uma pequena machina para os papeis epispasticos, a fim de ser devidamente apreciada; o que effectivamente teve logar pela Commissão de Pharmacia, a pedido do Sr. J. A. Rodrigues, corroborado por outros Membros. (Vide pag. 40.)

O Sr. Ogando, apresentou para o mesmo fim um alambique em que se havia modificado o systema de Gadda.

O Sr. Telles senior, apresentou um artigo sobre a purificação dos oleos; remetteu-se para a Commissão de Redacção. (Vide pag. 125.)

Foi votado para Membro Correspondente Nacional, o Sr. Gerardo José da Nobrega, e para Effectivo, o Sr. Bernardo José Gonçalves.

O Sr. J. Tedeschi, apresentou um novo Programma para o 5.<sup>o</sup> tomo do Jornal; ácerca de cuja materia se mandou ouvir a Commissão de Redacção.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, leu a Representação que a Mesa fora incumbida de redigir sobre objectos de Saúde Publica, para ser endereçada ao Governo; foi discutida e approvada. (Vide pag. 68.)

O Sr. J. Tedeschi, como Director da Commissão de Direito-Pharmaceutico, apresentou o Parecer da mesma, sobre as Bases para a Representação da Sociedade, ácerca da Reforma dos Estudos Pharmaceuticos. Entrando em discussão o Artigo 5.<sup>o</sup>, houve diversos argumentos ácerca da sua doutrina, e em que muito profiaram, *pró*, os Srs., J. Tedeschi e Norberto, *contra*, os Srs., J. D. Corrêa, Telles senior, e Telles junior; a final foi a discussão adiada, a requerimento do Sr. Norberto.

Sendo nove horas e meia da noite, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

C. M. Monteiro Freire,  
2.<sup>o</sup> Secretario.

## PHARMACIA.

*Da acção dos oleos volateis sobre os sulphatos solvidos nas aguas; pelo Sr. WILLIAM BADTICK.*

Fazendo algumas experiencias, que tinham por fim achar o melhor meio de conservar as aguas distilladas aromaticas officinaes, fui conduzido a observar os resultados da mistura dos oleos volateis com uma agua da fonte, contendo uma consideravel quantidade de sulphato de cal, e outros saes em dissolução, cuja materia organica não tinha reacção nem acida nem alcalina.

Differentes oleos foram misturados separadamente n'agua, e conservados em garrafas collocadas em sitio de moderada temperatura, pelo espaço de dous mezes. No fim d'este tempo, foram examinadas estas, achando-se saturadas de hydrogenio-sulphurado, cuja presença foi logo verificada pelo cheiro que exhalava, e pela precipitação das bases metallicas que ordinariamente lhe servem de reactivo.

Depois de ter separado todo o hydrogenio-sulphurado, pelo meio da precipitação pelos saes metallicos, os oleos volateis tinham desaparecido inteiramente, nem vestigios restavam do gosto e do cheiro; e, procurando o acido sulphurico nas aguas pelo meio do muriato de baryta, nenhum precipitado se obteve, que deixasse de ser solúvel no acido nitrico: demonstrando claramente a inteira decomposição dos sulphatos, que originariamente existiam n'estas aguas. Depois d'as ter fervido, para lhes expellir o hydrogenio-sulphurado, ellas conservaram uma reacção alcalina, e desinvolveram gaz carbonico pela addição d'um acido.

Estas aguas não se tornaram mucilaginosas, como acontece ordinariamente quando ellas se decompõem; conservaram á vista a mesma apparencia, como no momento da sua preparação.

Em conclusão, esta metamorphose parece ter origem em a natural reacção dos elementos do acido sulphurico dos saes e dos oleos volateis. O enxôfre dos sulphatos forma o hydrogenio-sulphurado, com o hydrogenio dos oleos volateis, e o carbonio d'estes ultimos, combina-se com o oxygenio do acido sulphurico, parcialmente transforma, senão é totalmente é em parte, em carbonatos, as bases com as quaes este acido estava primitivamente combinado.

E' evidente que o enxôfre não tem podido dar origem senão aos sulphatos, a agua não continha originariamente nenhum vestigio de hydrogenio-sulphurado, e os oleos volateis empregados, como os d'hortelã pimenta, de funcho, &c., eram compostos so de carbonio, hydrogenio, e oxygenio.

Aproveitamos esta occasião para fazer observar que, as pesquisas do Sr. *Warrington*, sobre as aguas distilladas aromaticas, publicadas n'este jornal, são plenamente confirmadas pelas minhas proprias experiencias; assim como a inutilidade da addição do alcohol, prescripto pela Pharmacopea de Londres, para a sua preparação, e sobre o methodo ainda peor da sua extemporanea preparação pelo meio do carbonato de magnesia. O mais simples e o melhor meio de promptamente obter as aguas distilladas, usadas na pharmacia, consiste simplesmente em agitar os oleos volateis com a agua distillada, na proporção que esta os possa dissolver (\*). As quantidades dos oleos volateis, prescriptas pela pharmacopea, são excessivas; mas para o processo prescripto, este excesso é subtrahido pela filtração ou pela distillação (*Pharmaceutical Journal*). Trad. por *F. B. Santos*.

---

(\*) O auctor não teve em vista senão os processos da preparação artificial, admittida pelos dispensatorios inglezes, os seus productos não podem mesmo equivaler aos obtidos pela distillação directa das plantas ou partes das mesmas, o unico admittido entre nós.

*Nota sobre um novo processo para obter a vesicacão, pelo ammoniaco; pelo Sr. D. E. BOUDET.*

Logo que se tracta d'obter promptamente a vesicacão, pelo auxilio do ammoniaco, não se recorre ja á pomada de Gondret, o que demanda mais d'uma hora para a sua preparacão; servirmo-nos então do ammoniaco liquido. Mas para rapidamente levantar a epiderme, com o auxilio d'este caustico, são precisas duas condições, que geralmente teem sido omissas até aqui; é preciso, repito: 1.º o ammoniaco de 25º e não de 22º, como injustamente indicam o Codex (1) e as Pharmacopeas as mais acreditadas; 2.º um processo que obste este liquor, como se sabe, muito volátil, de se evaporar durante a operacão.

Esta ultima condiçãõ é facil de prehencher, collocando sobre o ponto da pelle, que se quer rubificar, quatro ou cinco dobras de papel pardo bem embebido do ammoniaco. Este systema é immediatamente coberto d'uma capsula de ferro branco, perfeitamente arranjada de conveniente dimensãõ, e que se luta a sua circumferencia com cêra de modelar. No fim d'alguns minutos se levantará este aparelho, e se assegurará do estado da pelle. Todavia do estado d'esta é que deve apreciar o effeito obtido, pela côr rubra mais ou menos intensa que apresentarem os tegumentos fora dos pontos rubros.

A vesicacão é infinitamente mais rapida, nas partes onde a epiderme é mais delgada, que nas que é mais espessa; temo-a igualmente visto nas plantas dos pés exigir quatro vezes mais tempo que na região superior.

Bom é estar prevenido d'esta particularidade, a fim de não attribuir a má qualidade do ammoniaco, ou da sua

---

(1) E' esta a causa do erro do Codex, porque a pomada de Gondret não é efficaz. No hospital da Charidade, temos visto, em um caso urgente, a pomada ammoniacal applicada sobre a pelle d'um membro, e alli permanecer por mais de uma hora, sem a epiderme parecer disposta a separar-se da derme; e se o ammoniaco, empregado n'este caso, marcasse 25º, em vez de 21º ou 22º, similhante demora não teria logar.

defeituosa applicação, o que é o resultado puro e simples da estructura das differentes partes.

Agora mais algumas palavras sobre a conducta a seguir quando a epiderme apparecer sufficientemente destacada da camada subjacente. A primeira precaução a tomar consiste, assegurar bem que esta membrana não se apegue mais á derme. Quando não se tenha obtido uma empôla, e que se busque destacar a epiderme, rompem-se violentamente as adherencias que se uniam ás papillas dermicas irritadas, causando aos doentes dores muito intensas; inconveniente muito grave, porque, a maior parte das vezes, é com o fim de calmar, pela applicação d'um sal calmante, um soffrimento mais ou menos agudo, para que se practica a vesicção. Quando, pelo contrario, se obtêm uma empôla descola-se o bordo adherente da bexiga epidermica, na parte mais elevada da sua circumferencia, destroe-se a membrana, fazendo cahir o agente medicamentoso, reduzido a po impalpavel (2), sobre a superficie desnudada onde elle facilmente se dissolve na sorosidade exhalada, e se tenha tido o cuidado de a não deixar correr para o exterior; depois se levanta delicadamente o retalho da epiderme descolada, e se colloca no seu lugar.

Em geral, a dôr produzida pelo deposito da morphina, sobre as papillas da derme é muito viva. Pode rapidamente encalmar-se, lançando sobre o vesicatorio, depois de curado, uma compressa espessa embebida em agua fria, e renovada de minuto a minuto.

Frequentes vezes acontece mesmo que se tenha cuidado d'applicar cada vez o sal de morphina, sobre uma superficie despojada da epiderme, no momento do curativo; acontece, disse eu, que a derme se inflamma e ulcera superficialmente. E' mister então suspender o emprego da

---

(2) Quando não ha cuidado, formulando os papeis do sal de morphina (é d'este o sulphato d'esta base que exclusivamente deve ser empregado, em razão da sua solubilidade e estabilidade) em recommendar que seja reduzido a po muito fino, e se for exposto em contacto com a derme em grãos duros agglomerados, irritam e não são absorvidos.

morphina, e cubrir a ferida com o adhesivo de Nuremberg; o qual contém o minimo de camphora.

Este emplastro conduz promptamente á cicatrização da superficie inflammada. Trad. por *F. B. Santos*.

## PEÇAS OFFICIAES.

*Acta da Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1848.*

Presidencia do Sr. A. A. B. Oliveira.

A's 5 horas da tarde, estando reunidos bastantes Socios e alguns Espectadores, occupou a Mesa o seu respectivo logar; e o Sr. Presidente annunciou a abertura da Sessão Solemne Anniversaria. O mesmo Sr. deu a palavra ao 1.º Vice-Secretario, José Pereira d'Azevedo, que servia de 2.º Secretario, o qual leu o seguinte Relatorio dos Trabalhos do 13.º Anno da Sociedade.

SENHORES!

Pela primeira vez me vejo collocado na espinhosa tarefa de vos apresentar o Relatorio dos Trabalhos, que, durante um anno, a Sociedade Pharmaceutica Lusitana se occupou; é hoje a mim, como 1.º Vice-Secretario, pela impossibilidade do Sr. 2.º Secretario, que me cabe a honra de junctar as flores que vós plantasteis, e fazer com ellas um ramallete, para adornar este recinto, em um dia de tanta gala para a Pharmacia Portugueza; viçoso e bem variado é elle, porém terei eu sufficiente industria para o matizar, de maneira que vol-o apresente com uma perspectiva agradavel? Não de certo. Tão minguo de conhecimentos me reconheço, que é loucura abalançar-me a tão grande empresa, ainda muito mais difficil, por haver ja sido preenchido *este trabalho*, por Socios de tão reconhecido saber; porém tão lindas são as flores, que com tanto esmero cultivasteis, que por mais emmaranhadas que vol-as apresente, suas mimosas cores

e seus fragrantos aromas, vos farão conhecer a pericia de seus cultivadores.

E' hoje, Senhores, o 13.º anniversario da Instituição d'esta Sociedade, é hoje o 13.º anniversario do começo da emancipação pharmaceutica lusitana, treze annos ja esta Sociedade conta d'existencia, e nem uma so vez ella tem faltado ao seu programma; embora lhe hajam anteposto mil barreiras, ella as tem sempre aniquilado, caminhando ávante, e cada vez mais florescente: é isto devido á união de seus Membros, e á sanctidade da causa que advogam. A *Saúde Publica*, será pois por onde começarei a relatar-vos o que esta Sociedade fez em prol da mesma, e tudo o mais que, em seguida, vos for demonstrando, ainda que á primeira vista pareça secundario, é sempre em proveito da saúde publica que tendem, é sempre a saúde publica que d'ahi tira partido.

Porém, Senhores, permitti que primeiro vos explique a maneira porque nos achamos reunidos n'esta Sala, ainda que não seja adornada com ricas tapeçarias, com tudo é assás decente para as nossas Sessões, quando ainda não ha um anno as faziamos quasi a occultas; como é que em um anno de tanta miseria para a Sociedade, por causa do exuberante agio das notas, e pelo atrazo de muitos de seus Socios, ella se apresenta tão louçã? Parecer-vos-ha um enigma, mas não, não é, foi so a generosidade e philantropia d'um homem, d'um Membro Benemerito, que se deve tão grande mudança: no decurso d'este anno foi a Sociedade convidada a tomar posse legal da parte do Edificio que o Governo lhe havia concedido, grande foi o embaraço em que a Sociedade se vio pelos poucos recursos que n'essa occasião podia dispôr, e teria de continuar a existir ignorada em algum recanto d'este Edificio, se a generosidade do nosso mui digno Membro Benemerito, o Sr. P. F. Norberto, a não viesse tirar d'este apuro, offerecendo os meios necessarios, sem juro algum, para as despesas; em vista d'este importante offerecimento, a Sociedade nomeou uma Commissão, composta dos Srs., Norberto, José Tedeschi, e J. D. Corrêa, para nos apre-



sentar o seu plano e orçamento, e depois de assim o fazerem foi ainda esta Commissão encarregada da sua execução: não posso, Senhores, deixar ainda d'aqui mencionar os relevantes serviços prestados pelo Sr. Norberto n'esta Commissão, pois foi ao seu reconhecido zelo que se deveu a economia e brevidade das obras; o primeiro foi exuberantemente provado pela differença que se despendeu ao que tinham avaluado peritos, que para isso tinham sido consultados, e em quanto á segunda parte bastará dizer-vos, que nem uma so Sessão se deixou de fazer.

Principiarei pois, Senhores, a mencionar-vos a abundante sementeira que esta Sociedade fez em *Saúde Publica*; e se de toda não colheu abundante ceara, não foi de certo por falta de ser tractada com esmero, mas sim porque a terra é çafra, e se pequenos vermes destroem arvores annosas, não é muito que não deixassem germinar tão mimosas sementes.

Em Sessão de 12 d'Agosto noticiou o nosso Consocio, o Sr. J. J. S. Telles, um facto escandaloso, que se practica em Lisboa, relativamente a uns pós, que se distribuem gratuitamente, manipulados por mãos profanas, aos quaes attribuera virtudes eminentes para a cura das sezões, e relatou algumas entoxicações por elles produzidas; o seu mui reconhecido amor pela Sciencia, o levou a fazer a sua analyse-chymica, o que lhe demonstrou ser o *carbonato de chumbo*: a Sociedade não podia deixar de tomar na devida consideração este objecto, e deliberou se remettersse ao Conselho de Saúde Publica do Reino uma porção dos dictos pós, acompanhados da sua analyse, e mencionando a applicação que os charlatães lhes dão.

Em Sessão de 30 de Setembro propoz o nosso Consocio Benemerito de Mirandella, o Sr. Silverio Rodrigues Cardoso, bem como o nosso Consocio Honorario, o Sr. José Tedeschi, que se representasse ao Governo, pedindo providencias sôbre a Repartição de Saúde Publica; esta proposta foi acceita e remettida á Commissão de Direito Pharmaceutico, sendo o parecer d'esta Commissão que se representasse, foi approvado, e se deliberou fosse a

Mesa encarregada de dirigir a representação; porém nenhum resultado ainda se obteve.

A Sociedade recebeu officios de quasi todos os seus Delegados, e em todos nos communicavam abusos de Policia Medica; e vendo assim a necessidade d'uma boa Lei de Saúde, encarregou a Commissão de Direito Pharmaceutico, auxiliada com mais 3 Membros, de se occupar d'este importante trabalho, remettendo-se-lhe, por esta occasião, um projecto sôbre este mesmo assumpto, que tinha sido apresentado pelo Sr. L. J. S. Pereira, para que a Commissão d'elle aproveitasse o que julgasse util: a Commissão ja apresentou os seus trabalhos, e a Sociedade se occupa da sua discussão.

Por proposta do Sr. J. J. S. Telles, se nomeou uma Commissão para apresentar um relatorio dos abusos de Policia Medica em Portugal; esta Commissão occupa-se d'este objecto, em breve dará conta do que foi encarregada. Ao passo que a Medicina e Cirurgia vão tomando tão grande incremento em Portugal, a Sociedade não podia deixar de conhecer a necessidade que a Pharmacia tinha de tambem caminhar a par d'estas duas Sciencias; e vendo que os estudos, que por ora existem, são ainda bastante deficientes, encarregou a mesma Commissão de Direito de formar um projecto d'estudos, o que ella fez, apresentando um, que, ainda que não preencha todas as necessidades que demandam uma Arte de tanta transcendencia, comtudo habilitará os Pharmaceuticos vindouros com conhecimentos que até hoje se não ensinavam e de que muito careciam; este projecto tem sido maduramente discutido, e em breve s'ultimará: porém, Senhores, na occasião em que esta Sociedade tractava de pedir luzes e instrucção para seus filhos, queriam destruir-lhe a fonte aonde bebiam alguma Sciencia; mas a Sociedade, vendo quanto o decoro e dignidade pharmaceutica soffriam, com o Art.º 154.º do Projecto de Lei apresentado em Côrtes, com o qual se pretendia tirar-nos o unico Pharmaceutico que nos serve de Professor, quando estes so deveriam ser nossos Lentes, a Sociedade julgou dever representar con-

tra esse Artigo, e está tão consciã da sua justiça, e tem tanta fé na sabedoria de quem hade deferir o seu pedido, que ousa assegurar que seus votos serão attendidos.

Em quanto não submette, á sabia consideração dos Srs. Deputados, a sua representação sôbre a reforma d'Estudos, ella approvou uma proposta do nosso Consocio Effectivo, o Sr. I. J. Gonçalves, para se nomear uma Commissão, a fim de apresentar uma representação, pedindo-se ao Conselho da Eschola Medico Cirurgica de Lisboa, tenha toda a circumspecção em cumprir com a Lei vigente nos Exames de Pharmacia; pois consta terem sido admittidos a exame individuos sem terem idade, nem o tempo de practica exigido: esta Commissão occupa-se d'obter documentos necessarios, e brevemente apresentará os seus trabalhos.

Finalmente, a Sociedade approvou, para ser impresso no Jornal, um artigo sobre *quinoidina*, medicamento que suppre com vantagem a quinina; extrahido do Boletim de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, da Sociedade Geral dos Soccorros Mutuos, pelo Membro Effectivo, Sr. J. F. Norberto. — Acção da cantharida portugueza, colhida em Moronho, Concelho d'Arganil. — Observações sôbre Saúde Publica, pelo Membro Effectivo, o Sr. H. J. S. Telles. — Nota sôbre um novo processo para obter a vesicação pelo ammoniaco; traduzida de Boudet, pelo Membro Benemerito, o Sr. F. B. dos Santos, do Porto.

Em Pharmacia, não foi menor a colheita. Por Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, foi a Sociedade convidada a apresentar o melhor processo para a extracção do oleo d'um fructo, que conjunctamente foi remetido, designado com o nome de castanhas d'Inhambane, de cujo fructo ja os indigenas tiravam o oleo, e se serviam nos usos cibarios, e attribuiam á epiderme das mesmas um principio toxico; a Sociedade gostosa s'encarregou d'este trabalho, e, animada pelo ardor da Sciencia, não se contentou so em cumprir com o que se lhe pedia, encarregou: primeiro, a Commissão de Historia Natural de classificar este vegetal, o que não pode fazer por não

ter á sua disposição senão o fructo, e mesmo porque não vem mencionada nos livros da Sciencia; segundo, o seu 1.º Operador, de ensaiar a epiderme em dous caes de diversos portes, tambem lhe não encontrou principios toxicos, comtudo, attendendo á diminuta quantidade que tinha á sua disposição, não se atreve a certificar se ella os possui ou não; terceiro, finalmente, a Commissão de Pharmacia de apresentar o oleo obtido pela expressão, sendo de parecer ser este o melhor methodo: porém seus esforços foram recompensados, por isso que pelo Ministerio da Marinha e Ultramar nos foi remettido uma Portaria elogiando a Sociedade.

A Sociedade s'occupou, por algum tempo, em discutir qual a melhor preparação da pomada mercurial (questo scientifico apresentado pela Mesa); mui judiciosas reflexões s'apresentaram por esta occasião de muitos dos nossos Consocios, achando-se presentemente adiada essa materia por causa da Sociedade ter tido de s'occupar d'objectos de maior importancia.

Foi remettido a esta Sociedade, pelo mui distincto Alumno da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, o Sr. Ignacio Pães de Mello (a quem a morte ceifou seus dias em verdes annos), uma porção de cantharidas indigenas, colhidas em Moronho, Concelho d'Arganil; sendo mui diminuta a quantidade, a Sociedade somente encarregou a sua Commissão de Pharmacia de preparar uma porção d'emplastro, pedindo depois ao nosso Consocio, o Sr. Dr. Beirão, de fazer alguns ensaios therapeuticos, ao que este digno Consocio se prestou, e nos participou haver obtido os melhores resultados (como se pode ver em o n.º 3 do tomo 5 do nosso Jornal): e por proposta do nosso Consocio, o Sr. A. J. Almeida, se requisitou maior quantidade, dos nossos Delegados da Beira Alta, a fim de que a Commissão de Chymica proceda á sua analyse.

Por proposta do nosso Consocio, o Sr. J. M. Ogando, s'occupou a Sociedade da modificação feita por este Sr. no refrigerante de Gadda, tendo previamente ouvido a Commissão de Pharmacia; porém como faltaram ensaios

practicos, o mesmo Socio offereceu um apparelho seu para elles se fazerem ; é d'esperar que a Commissão em breve apresente o resultado.

Egualmente s'approvou o parecer da mesma, sobre um apparelho muito vantajosa para a preparação dos papeis epispasticos, invenção do nosso Consocio, o Sr. H. J. S. Telles ; o que deliberou fosse publicado em o nosso Jornal.

A Sociedade recebeu do nosso Consocio Benemerito, o Sr. J. S. R. Cardoso, de Mirandella, um artigo sobre a conservação dos xaropes ; foi remettido á Commissão de Pharmacia, e esta lhe encontrou tanto merecimento, que o seu parecer foi que seja dado como quesito scientifico.

Autorisou-se a Commissão de Redacção a publicar no Jornal os seguintes artigos : Sobre a preparação do ether, traduzido do Jornal dos Conhecimentos Medicos practicos e de Pharmacologia de Paris. — Pasta amygdalina, para a preparação dos loochs e emulsões, pelo Sr. Vée. — Nota sobre os xaropes de papoulas brancas, pelo Sr. Moulyn, d'Anvers, com observações do traductor ; artigos apresentados pelo nosso Consocio, o Sr. F. B. Santos. — Opio portuguez, sua riqueza em morphina, pelo nosso Consocio Honorario, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes. — Acção do café, particularmente do tannino sobre o sulphato de magnesia. — Meio de destruir a esté a sua amargura, pelo Sr. Ludomir Combes. — Observações ácerca da purificação do azeite, e dos oleos d'amendoas doces e de ricinos. — Observações ácerca dos xaropes. — Diversas formulas magistraes e officinaes, pelo nosso Consocio, o Sr. H. J. Telles. — Limonada magnesiana. — Algumas formulas pharmaceuticas, pelo nosso Consocio, o Sr. J. J. S. Telles. — Opio portuguez e sua cultura. — Nota sobre o emplastro de cicuta, pelo nosso Consocio, o Sr. L. J. S. Pereira. — Meio de fazer desaparecer, pelo chá, o amargo do sulphato de quinina. — Artigo sobre as emulsões d'oleo de ricinos, pelo pharmaceutico o Sr. Manne. — Diversas formulas officinaes e magistraes, pelo Consocio, o Sr. J. D. Corrêa. — Opinião sobre a digestão das materias feculentas e assucaradas, e maneira d'obrar d'estas mate-

rias na nutrição, pelo Consocio, o Sr. Vicente Tedeschi. — Diversas formulas, pelo Sr. Lourenço Antonio Corrêa, Clinico distincto n'esta Côrte. — Outras, pelo nosso Consocio, o Sr. J. S. R. Cardoso. — Nota sobre a limonada de citrato de magnesia, pelo Consocio, o Sr. J. A. Rodrigues.

Em Chymica, foi a Sociedade convidada, em Sessão de 26 de Novembro de 1847, pelo Juiz de Direito de Castello-Branco, a proceder a uma analyse chymico-legal, em diversos contentos e liquidos, extrahidos do estomago e intestinos d'um individuo supposto envenado; a Sociedade, depois d'exigir lhe fossem entregues estes objectos com toda a legalidade, o que foi satisfeito pelo Sr. Juiz Criminal do 2.º Districto de Lisboa, seu Delegado e Escrivão, encarregou a sua Commissão de Chymica da supradicta analyse; e quando esta concluiu os seus trabalhos, foi convidado o Sr. Juiz para assistir á discussão do parecer: o qual foi discutido em quatro Sessões, tomando parte na discussão um grande numero de Socios, não para rebater o parecer da Commissão, que dizia não haver toxico algum, mas sim para vêr se era possivel multiplicar os ensaios, alim de que o crime não ficasse impune.

Sendo igualmente convidada a analysar uma agua, que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Izabel Loureiro Biester pretendia introduzir no Aqueducto das Águas-Livres, ella encarregou uma Commissão, composta dos Srs., J. D. Corrêa, I. Costa, e J. J. S. Telles, da referida analyse; a qual certificando-se da sua boa qualidade, a Sociedade deu a sua consulta n'este sentido.

Approvou um parecer da Commissão de Chymica, sobre a analyse d'uma porção de salsa-parrilha de Moçambique, que nos foi remettida pelo Ministerio da Marinha e Ultramar; a qual a Commissão julgou poder substituir a do Commercio na falta d'esta.

Tambem a Commissão s'occupou da analyse d'uma agua que nos foi remettida pelo nosso Consocio, o Sr. J. L. Monteiro, bem como d'uma porção de citrato de potassa, preparado pelo nosso Consocio, o Sr. M. A. Abreu; ja apresentou os seus pareceres, porém por falta de tempo

se não teem podido discutir: a Commissão acha-se presentemente occupada em ensaiar a agua dos banhos do Vimieiro, a pedido do distincto Alumno da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, o Sr. A. M. Barbosa.

A Sociedade auctorisou, para ser impresso no Jornal: Novo methodo de preparar o chloroformio, extrahido da Abeilha Medica de Paris, pelo Consocio Benemerito, o Sr. J. D. Corrêa. — Do bi-chlorureto de mercurio, considerado debaixo das indagações medico-legaes, pelo Sr. Lassaigue; traduzido pelo Consocio, o Sr. Queiróz e Silva. — Da acção dos oleos volateis sôbre os sulphatos solvidos nas aguas; traduzido pelo Sr. F. B. Santos.

Em Historia Natural, além dos pareceres da sua respectiva Commissão, sôbre as cantharidas indigenas e castanhas d'Inhambane, a Sociedade s'occupou da discussão dos seguintes pareceres: primeiro, ácerca d'uma porção de musgo colhido em Cintra, e remetido a esta Sociedade pelo nosso Consocio, o Sr. P. E. Norberto, finalizando por approvar que elle podia substituir o islandico; segundo, ácerca d'uma porção de lupulo colhido em Coimbra, e remetido á Sociedade pelo Consocio, o Sr. Padre A. J. M. Costa, terminando tambem por approvar que apresentava todos os caracteres do verdadeiro lupulo.

O nosso Consocio, o Sr. L. J. S. Pereira, remetteu uma memoria que tinha o seguinte titulo — Memoria sobre a influencia que o estudo da Historia Natural tem nas Sciencias, e necessidade d'elle para a Pharmacia. A Sociedade mandou ouvir a Commissão respectiva, sendo o parecer d'esta, que fosse remetido á de Redacção, para ser publicado; porém, por falta de tempo, ainda se não poud occupar da discussão d'este parecer.

A Sociedade approvou se publicasse no Jornal: Noticia sobre algumas especies novas de rhuibarbo, pelo Sr. Jonathan Pereira, artigo traduzido pelo Sr. L. J. S. Pereira. — Um artigo sôbre Horticultura, pelo Consocio, o Sr. H. J. S. Telles, *fecundação artificial das plantas*.

Em Physica, tambem approvou para que se publicasse no Jornal: Lições d'electricidade e magnetismo, feitas na

3.º Cadeira da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, pelo nosso Consocio Honorario, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes. Assim como tambem a descripção da machina electro-magnetica de Blach, seu modo d'applicação como agente therapeutico, pelo Consocio Benemerito, o Sr. Dr. C. M. F. S. Beirão.

A Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, continua incessantemente com os seus trabalhos, e os tem quasi concluidos a respeito das tres aguas das Alcaçarias de Lisboa, e occupa-se da analyse d'outras de Cintra; não tendo este anno apresentado trabalho algum, como desejava, por causa d'alguns de seus Membros pertencerem a outras Commissões, de quem se tem exigido trabalhos de mais transcendencia: porém o reconhecido zelo de seus Membros, dá-nos as mais firmes esperanças de que brevemente apresentarão os seus trabalhos.

Constando á Sociedade que a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal de Lisboa havia votado uma verba no seu Orçamento, para que a Sociedade procedesse á analyse de algumas nascentes d'aguas que entram no Aqueducto Geral das Aguas Livres, e que ainda não estão analysadas, e isto devido aos esforços do nosso Consocio, o Sr. A. de Carvalho, ella deliberou se lhe officiasse, agradecendo o interesse que mostrava pela Saúde Publica.

Por proposta do nosso Consocio, o Sr. P. E. Norberto, a Sociedade deliberou fossem introduzidos na Sala todos os individuos, que assistissem ás nossas Sessões, e que pertencessem a algum ramo scientifico.

A Commissão de Pharmacia propoz, e a Sociedade approvou, para se dirigir uma circular a todos os Socios, convidando-os a mandarem, para o Gabinete de Pharmacia, todas as drogas pouco usadas em Medicina; bem como a todas as Commissões, para remetterem a esta todos os objectos, cuja collocação ahi seja mais propria.

O nosso consocio o Sr. J. J. S. Telles, tomando na devida consideração os relevantes serviços prestados á Sociedade pelo nosso Consocio Benemerito, o Sr. F. B. Santos,



propoz que se pedisse a este Socio o consentimento de se lhe tirar o seu retrato, para ser collocado em um dos lugares d'esta Sociedade; porém o nosso Consocio Benemerito, o Sr. J. D. Corrêa, doou á Sociedade o retrato d'este Sr., ficando d'este modo preenchidos os desejos do Sr. Telles.

O nosso Consocio, o Sr. F. B. Pimentel, enviou a esta Sociedade uma memoria com o titulo — Breves recordações dos antigos Sabios que deram origem á Medicina e illustração á Pharmacia, como ramo principal da mesma. A Sociedade nomeou uma Commissão, composta de tres Membros, para darem o seu parecer ácerca d'este objecto; a qual ja o apresentou, e por falta de tempo ainda não foi discutido.

A Sociedade, por proposta do Consocio Honorario, o Sr. José Tedeschi, occupou-se em dar uma nova forma ao Journal, sendo primeiro ouvida a Commissão de Redacção; e se deliberou sahisse todos os mezes 24 paginas d'impresão, se imperiosas circumstancias o não impedissem.

O nosso Consocio Honorario, o Sr. Dr. Jonathan Pereira, pediu alguns esclarecimentos á Sociedade, sobre Bibliographia pharmaceutica portugueza; a Sociedade satisfez este digno Consocio, tendo para isso primeiramente encarregado a sua Commissão de Saúde Publica.

Por proposta do Sr. J. A. Rodrigues, a Sociedade encarregou a Commissão de Direito Pharmaceutico de fixar o numero e qualificações scientificas, que devem ter os individuos candidatos a Socios Honorarios.

O Consocio Benemerito, o Sr. J. S. R. Cardoso, propoz para que s'imprimisse, em o nosso Journal, um artigo do Sr. P. A. Cap, que se acha inserto na Gazeta Medica do Porto, que tem por titulo — Moralidade e mais costumes, que devem adornar os Pharmaceuticos. A Sociedade depois de ter consultado as suas Commissões, de Direito-Pharmaceutico e de Redacção, deliberou que não convinha a publicação em o nosso Journal.

O mesmo Sr. propoz para que se officiasse ás Escolas Medico-Chirurgicas do Reino, pedindo que o Sello das Car-

tas dos Pharmaceuticos seja pendente d'uma fita amarella. A Sociedade mandou ouvir a sua Commissão de Direito Pharmaceutico, e aguarda o parecer d'esta.

O nosso Consocio, o Sr. J. V. Palma, consultou a Sociedade sobre se havia alguma Lei que inhibisse os pharmaceuticos d'exercerem cargos publicos; ao que a Sociedade respondeu negativamente.

A Sociedade approvou se publicasse no Jornal um parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, relativo ao fornecimento de medicamentos da Confraria Maritima de Faro, por quem menos o fizesse; pois que, em vista de muito tempo decorrido, não tinha lugar o requerer-se.

A Sociedade tambem s'occupou d'um novo Regulamento do Continuo.

A Sociedade recebeu relevantissimos serviços de todos os seus Funcionarios, merecendo especial menção o Sr. Thesoureiro, a Commissão de Direito Pharmaceutico, de Redacção, a Commissão especial encarregada do arranjo da Casa, e a de Contas; tornando-se dignos de louvores todos os seus Delegados e Sub-Delegados.

Continua a Sociedade a receber provas de consideração de diversas Corporações Scientificas, Nacionaes e Estrangeiras, bem como d'alguns Individuos em particular.

O Quadro da Sociedade é o seguinte: 2 Proctectores, 8 Benemeritos, 70 Honorarios, 87 Effectivos, 167 Correspondentes Nacionaes, e 9 Correspondentes Estrangeiros.

A Sociedade, apreciadora dos muitos serviços prestados pelo seu digno Presidente, o Sr. A. A. R. Oliveira, o elevou á Classe de Benemerito. Eguamente tendo em bastante consideração os mui relevantes serviços prestados á Pharmacia, bem como á cathegoria de Professor, pelo nosso Consocio, o Sr. José Tedeschi, o nomeou seu Membro Honorario: bem assim os Srs., Joaquim Henrique Fradesso da Silveira, Luiz José da Rocha e Silva, e Jonathan Pereira.

Foram admittidos, com summo prazer, 9 Membros Ef-

fectivos, 10 Correspondentes Nacionaes, e 2 Correspondentes Estrangeiros.

A Sociedade tem a lamentar a morte do nosso Conscio Effectivo, o Sr. F. C. Pedrosa, assim como a dos Socios Correspondentes Nacionaes, os Srs., Antonio da Fonseca Motta, do Sardoal; Jeronymo Honorato d'Oliveira Franco, de Vallada; João do Menino Jesus Villar, de Vianna do Minho; o Membro Honorario, o Sr. Dr. Marder, de Gammersbak. Pediram a sua dimissão 1 Membro Effectivo, e 3 Correspondentes Nacionaes.

A Sociedade, com bastante sentimento, teve de expulsar do seu gremio dous Membros Effectivos, e dez Correspondentes Nacionaes, por falta de cumprimento de seus deveres.

A receita da Sociedade, n'este anno, foi de 738\$550 réis, a despesa de 660\$400 réis, havendo um saldo para o 14.º anno de 78\$150 réis.

O Quadro do Monte-Pio Pharmaceutico consta de 84 Socios, sendo 28 Effectivos e 56 Correspondentes Nacionaes. Despediram se 10 Correspondentes Nacionaes, falleram 1 Effectivo e 1 Correspondente Nacional.

Os fundos do Monte-Pio, são: 1:300\$000 réis em Inscriptões de 5 por cento. A receita foi de 138\$998 réis, a despesa de 63\$150 réis, havendo um saldo, para o anno seguinte, de 76\$848 réis.

A Pensionista, a Sr. D. Balbina Rosa Pereira, Viuva do nosso Ex-Presidente, continua a receber regularmente a sua prestação.

Finalizei, Senhores, o meu Relatorio, bem mal traçado foi elle, mas verdadeiro; no meio d'estas coordenadas materias, vós tereis notado, sem duvida, a sua excellencia; bastaria so mencionar-vos os nomes de seus Auctores, que de certo não terieis a esperar mais do que novas provas do seu reconhecido saber e intelligencia: nova epocha vae começar, muito espera a Sociedade de vós, continue sempre no caminho que até hoje tendes seguido, que eu ja vaticino uma colheita não menos abundante que a do presente anno. — Disse.

Concluido o Relatorio, deu o Sr. Presidente a palavra

ao Sr. 1.º Secretario, Henrique José de Sousa Telles, que leu — o Programma sôbre Questões Scientificas — a Lista dos Doadores e dos Objectos doados — e o Resumo do Quadro actual da Sociedade, com as alterações occorridas no Anno findo; — tudo como se segue :

#### PROGRAMMA.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do dispôsto no § 8.º do Art. 27.º dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar, aos Amadores das Sciencias, o seguinte Programma.

PARA O ANNO DE 1848 A 1849.

##### *Primeira Questão.*

A descripção e classificação botânica, e a analyse-chymica d'uma planta indigena, actualmente em uso na Medicina popular, e ainda não mencionada nos livros da Sciencia.

##### *Segunda Questão.*

Demonstrar se, nas aguas aromaticas, a essencia se mucilagínifica? Se ha n'ellas formação de cyanogenio? Se, a qualquer d'aquellas circumstancias, se deve attribuir a sua alteração? Como existe n'ellas o acido acetico?

##### *Terceira Questão.*

Causas efficientes da influencia da luz sôbre os corpos organicos, e diversos preparados chymico-pharmaceuticos? Natureza da sua acção, e meios d'a destruir ou modificar.

##### *Quarta Questão.*

Meio d'obstar, ou prevenir, a facil decomposição do acido cyan'hydrico, isto provado por experiencias.

##### *Quinta Questão.*

Enumeração e classificação zoologica dos animaes que habitam qualquer das nossas Provincias, que não estejam classificados.

*Sexta Questão.*

Uma Pharmacopêa practica, verdadeiramente portugueza, que represente o estado actual da Sciencia.

## CONDIÇÕES.

Os premios consistirão em medalhas d'ouro, de valor em peso d'uma onça, e de prata d'igual peso; tendo as de ouro, d'um lado, a seguinte inscripção — *Ao Membro Benefemerito* —, e de outro o Timbre da Sociedade, e a legenda — *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*. As de prata, d'um lado, a palavra — *Accessit* —, e, do outro, o Timbre e a mesma legenda. Umaz e outras medalhas serão pendentas de fita amarella.

As medalhas d'ouro, serão conferidas áquelles individuos que desempenharem os objectos propostos; as de prata, serão destinadas para os que mais se approximarem ao fim proposto.

Todas as Memorias, que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se seus Auctores forem naturaes d'estes Reinos, e em francez se forem estrangeiros; e virão expedidas, ao 1.º Secretario da Sociedade, por todo o mez d'Abril do anno em que houverem de ser julgadas.

Trarão o nome do Auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da Memoria, e que será aberta na Sessão Solemne, se a Memoria for premiada; e pelo contrario a carta será queimada, sem ser aberta, se a Memoria não obtiver premio, e esta será entregue a seu Auctor, pedindo-a, com a mesma epigraphe, declarada no exterior da carta.

As Memorias, que houverem de ser lidas na Sessão Solemne Anniversaria, deverão ser approvadas para isso pela Sociedade; outro sim, serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo — *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

Além dos premios acima mencionados, o Auctor da Memoria premiada, impressa, e publicada, terá mais cem

exemplares sendo a edição de mil, e cinquenta sendo de quinhentos.

Finalmente, os premios conferidos aos Concorrentes, nem sempre serão uma prova decisiva, de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das Memorias; mas sim um testemunho autentico de que seus Auctores desempenharam, em geral, o exigido no Programma.

RELAÇÃO DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS, DURANTE O DECIMO TERCEIRO ANNO DA SOCIEDADE.

*Da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro* — 24 n.<sup>os</sup> dos Annaes de Medicina Brasiliense.

*Da Assembléa Geral dos Facultativos Militares* — o seu Jornal, n.<sup>os</sup> 46 a 53.

*Da Associação Marítima e Colonial* — o seu Jornal, n.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> da 6.<sup>a</sup> Serie.

*Da Sociedade Auxiliadora da Industria do Rio de Janeiro* — o seu Jornal.

*Da Sociedade Promotora da Industria Nacional* — o seu Jornal, n.<sup>os</sup> 45 a 48 da 2.<sup>a</sup> Serie.

*Da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* — o seu Jornal, dos mezes de Julho a Outubro de 1846, Novembro e Dezembro de 1847, e Janeiro a Maio de 1848.

— Algumas considerações sobre a Demencia e Idiotismo, por José Eduardo de Magalhães Coutinho. — Discurso recitado na Sessão Anniversaria de 24 d'Agosto de 1846, pelo seu Vice-Presidente, José Eduardo de Magalhães Coutinho. — Dicto recitado na Sessão de 29 de Maio de 1847, pelo seu Presidente, o Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.

*Da Redacção da Gazeta Medica do Porto* — o seu Jornal, n.<sup>os</sup> 146 a 156.

*Da Redacção do Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa* — o seu Jornal, dos mezes de Janeiro a Julho de 1848.

*Da Redacção do Pharol Transmontano* — o seu Jornal, n.<sup>os</sup> 10 e 11 de 1846.

*Da Redacção do Puritano* — o seu Jornal, n.<sup>os</sup> 4 a 229 de 1847 a 1848.

*Da Redacção da Revista Academica de Coimbra* — o ultimo n.º do 1.º vol. do seu Jornal.

*Da Redacção da União* — o seu Jornal, n.ºs 39 a 162.

*Do Ex.º Sr. Abbade Castro* — Memoria Historica sobre a origem da Fundação do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, situado na Serra de Cintra, 1 folheto de 1841. — Investigação ao Castello situado na Serra de Cintra, 1 folheto de 1843. — Itinerario que os Extranjeiros, que vem a Portugal, devem seguir na observação e exame dos Edificios e Monumentos mais notaveis d'este Reino, 1 folheto de 1845.

*Do Sr. Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira* — um Diploma do Pharmaceutico, seu defuncto Pae, e umas observações por elle feitas acerca do mesmo.

*Do Sr. Antonio de Jesus Maria da Costa*, de Coimbra — quatro onças de lupulo, colhido n'aquelles sitios, para ser examinado. — O Jornal, O Povo, n.º 45.

*Do Sr. Antonio Joaquim d'Almeida* — Historia Natural Pharmaceutica, de Simon Morelot, 2 vol. em S.º francez.

*Do Sr. Antonio Maria Barbosa* — um artigo tractando de varias observações sobre a Inhalação do Ether.

*Do Sr. Antonio Mendes de Mattos*, d'Alpedrinha — dous Exemplares da Orologia da Gardunha, ou Breve descripção topographica da Serra da Gardunha, em Alpedrinha, por José Ignacio Cardoso.

*Do Sr. Antonio de Sousa Dias*, do Porto — algumas maçarcas de milho, de côres variegadas.

*Do Sr. Carlos Maria Monteiro Freire* — o n.º 78 do Jornal, O Estandarte, de 30 d'Outubro de 1847. — O n.º 1025 do Jornal, O Patriota, de 3 de Novembro de 1847.

*Do Sr. Filippe Fernandes Calsado* — uma porção d'hermodatilos, e outra de zedoaria, para o Gabinete de Pharmacia.

*Do Sr. Francisco Bernardo dos Santos*, do Porto — o n.º 133 do Jornal, O Defensor, e dous Artigos para o Jornal.

*Do Sr. Henrique José de Sousa Telles* — a Pomologia Portuguesa (continuação). — Seis vidros contendo oleo d'amendoas, de ricinos, e azeite purificado e descorado. — Dezesete substancias, para o Gabinete de Pharmacia. — Uma porção de moluscos, para o Gabinete d'Historia-Natural.

*Do Sr. Izidoro da Costa Azevedo* — um vidro com citrato de potassa, para o Gabinete de Pharmacia.

*Do Sr. Jacob Bell* — o 6.º vol. do seu Jornal Pharmaceutico, e 4 n.ºs do 7.º vol.

*Do Sr. João José de Sousa Telles* — um capitel de vidro, para uso da Commissão de Chymica.

*Do Sr. José Accurcio Cavalleyro de Macedo* — 2 arrobas de casca d'assacú, e uma porção de vidros com extracto e pilulas da mesma planta.

*Do Sr. José Dionysio Corrêa* — um quadro com o Retrato do nosso Consocio Benemerito, o Sr. F. B. Santos. — O Relatorio e Contas da Gerencia da Commissão Administrativa do Hospital Nacional e Real de S. José de Lisboa, relativo ao anno de 1846 a 1847.

*Do Sr. José Ferreira da Silva* — tres substancias, para o Gabinete de Pharmacia.

*Do Sr. José Joaquim Alves d'Azevedo* — uma porção de casca de assacú, e um vidro com sumo espesso da mesma planta, para o Gabinete de Pharmacia.

*Do Sr. José Maria Botto* — Lexicon Pharmaceuticum — Dispensatorium Collegii Medici Norimbergensis.

*Do Sr. José Pereira d'Azevedo* — Dioscorides. — Um vidro com jacinthos preparados, e outro com bezoartico mineral, para o Gabinete de Pharmacia.

*Do Sr. José Silverio Rodrigues Cardoso* — Projecto de Regulamento Geral de Saúde Publica, apresentado pela respectiva Commissão. — O n.º 12 do Pharol Transmontano. — Uma porção de bolbos d'açafraõ.

*Do Sr. José Tedeschi* — um vidro com chloroformio por elle preparado, para o Gabinete de Pharmacia. — O n.º 71 do Diario do Governo de 1848.

*Do Sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira* — um Di-



ploma de Pharmaceutico, datado de 7 de Junho de 1792.  
— Collectaneo Pharmaceutico, por Antonio Martins Sodrê, Pharmaceutico da Beira, 1 vol. de 1735.

Do Sr. Manuel Francisco Peixoto, do Rio de Janeiro  
— a continuação do Archivo Medico Brasileiro, n.<sup>os</sup> 2 a 10.

Do Sr. Manuel Ignacio Rosado — Tractado d'Analyse Chymica, de Henry Rose, edição de 1836.

Do Sr. Manuel Rodrigues d'Almeida Rino — a Pharmacopêa Augustana. — Um vidro com cinabrio natural.

Do Sr. Miguel Archanjo d'Abreu — dous vidros com citrato de potassa, para o Gabinete de Pharmacia.

Do Sr. Pedro Ferreira Norberto — uma porção de musgo, para ser classificado.

Resumo do Quadro actual da Sociedade, com as alterações occorridas n'este anno.

**PROTECTORES.**

SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA D. MARIA II., RAINHA DE PORTUGAL.

SUA Magestade EL REI. O SENHOR D. FERNANDO II.

FORAM ADMITTIDOS PARA A CLASSE DE

*Benemeritos.*

O SENHOR :

Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira..... Lisboa.

*Honorarios.*

Os SENHORES :

Joaquim Henriques Erudesso da Silveira..... Lisboa.

Jonathan Pereira..... Londres.

José Tedeschi..... Lisboa.

Luiz José da Rocha e Silva..... Porto.

*Effectivos.*

Os SENHORES :

Antonio Paes da Cunha Mamede..... Lisboa.

Bernardo José Gonçalves..... Idem.

Francisco Maria Pacheco..... Idem.

Izidoro José Gonçalves . . . . .	<i>Lisboa.</i>
João Maquel Lopes Belém . . . . .	<i>Idem.</i>
João Quintino d'Avellar . . . . .	<i>Idem.</i>
João de Sousa Brito . . . . .	<i>Idem.</i>
Joaquim José Roquete . . . . .	<i>Idem.</i>
Joaquim da Silva Gomes . . . . .	<i>Idem.</i>

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :	
Antonio Ferraz de Castro . . . . .	<i>Móra.</i>
Constantino Antonio do Sobral . . . . .	<i>Sernancelhe.</i>
Francisco José Faure . . . . .	<i>Torrão.</i>
Gerardo José de Nobrega . . . . .	<i>Funchal.</i>
João dos Santos Paes . . . . .	<i>Angra do Heroismo.</i>
Manuel Emilio Gomes da Costa . . . . .	<i>S. Romão d'Ucha.</i>
Manuel Lopes Guilherme . . . . .	<i>Porto.</i>
Manuel do Nascimento Ripado . . . . .	<i>Evora.</i>
Silvano de Mattos Machado . . . . .	<i>Abrantes.</i>
Theotonio Lopes d'Oliveira Velho . . . . .	<i>Thomar.</i>

*Correspondentes Estrangeiros.*

Os SENHORES :	
Jacob Bell . . . . .	<i>Londres.</i>
John Savery . . . . .	<i>Idem.</i>

## PEDIRAM A SUA DIMISSÃO.

*Effectivo.*

O SENHOR :	
Antonio Joaquim Raymundo Bessa . . . . .	<i>Lisboa.</i>

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :	
Henrique d'Almeida Cardoso . . . . .	<i>S. Pedro do Sul.</i>
João José da Silva Junior . . . . .	<i>Setubal.</i>
João Manuel da Costa Pereira Carvalho . . . . .	<i>Lagoaça.</i>

## FORAM DESPEDIDOS.

*Effectivos.*

Os SENHORES :	
Estanislau José de Lemos . . . . .	<i>Lisboa.</i>

Joaquim Antonio Torres. . . . . Lisboa.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Antonio Joaquim Nunes. . . . . Certã.  
 Bernardo José Pinto. . . . . Cintra.  
 Francisco Antonio de Carvalho e Abreu. . . . . Azambuja.  
 João Antonio d'Oliveira e Silva. . . . . Monte-Mor o Novo.  
 Joaquim Ignacio Ribeiro. . . . . Pernambuco.  
 Joaquim Mariano de Lemos. . . . . Pará.  
 José Bernardo de Pinto Saraiva. *Carrasedo de Monte-Negro.*  
 José Marciano Corrêa Belles. . . . . Faro.  
 Luiz José da Rosa Limpo. . . . . Port'Alegre.  
 Manuel Gueifão Bello. . . . . Mação.

FALLECERAM.

*Honorario.*

O SENHOR :

Marder (Doctor). . . . . Gammersback.

*Effectivo.*

O SENHOR :

Francisco Caetano Pedrosa. . . . . Lisboa.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Antonio da Fonseca Motta. . . . . Sardoal.  
 Jeronymo Honorato d'Oliveira Franco. . . . . Vallada.  
 João do Menino Jesus Villar. . . . . Vianna do Minho.

FIGAM EXISTINDO.

Protectores. . . . .	2
Benemeritos. . . . .	8
Honorarios. . . . .	70
Effectivos. . . . .	87
Correspondentes Nacionaes. . .	167
Dictos Estrangeiros. . . . .	9

Total 343

MONTE-PIO PHARMACEUTICO.

DESPEDIRAM-SE.

*Correspondentes Nacionaes.*

## OS SENHORES :

Antonio Caetano de Bastos.....	<i>Arruda.</i>
Antonio Francisco Duarte.....	<i>Fundão.</i>
Antonio Mendes de Mattos.....	<i>Alpedrinha.</i>
Frederico José da Silva Nobreza.....	<i>Quiaios.</i>
João Vicente Teixeira da Cunha.....	<i>Mezão-Frio.</i>
Joaquim de Sousa Raposo.....	<i>Cartaxo.</i>
Joaquim Neves Junior.....	<i>Lagos.</i>
José d'Amaral Castello Branco.....	<i>Lamego.</i>
José Maria Lobo Coelho.....	<i>Alvito.</i>
Polycarpo dos Reis Mendes Cotta.....	<i>Nazareth.</i>

FALLEGERAM.

*Effectivo.*

## O SENHOR :

Francisco Caetano Pedrosa.....	<i>Lisboa.</i>
--------------------------------	----------------

*Correspondente Nacional.*

## O SENHOR :

Antonio da Fonseca Motta.....	<i>Sardoal.</i>
-------------------------------	-----------------

FICAM EXISTINDO.

Effectivos.....	28
Correspondentes Nacionaes...	56

---

 Total 84

Em seguida leu , o seguinte :

*Discurso natalicio e congratulatorio, seguido d'algumas observações ácerca da antiguidade, dignidade, e excellencia da Pharmacia, e seu estado e caracter em Portugal, desde a fundação da Monarchia até aos nossos dias.*

Dos Tempos no volume aponta um dia,  
Por mão do Eterno Creador marcado.

Macedo.

Que magestoso quadro s'apresentou hoje aos nossos olhos? A linda, a esbelta aurora, adornada com suas vestes roçagantes, abrindo, com chaves d'ouro, as recedentes portas do Oriente, annuncia aos mortaes um dia festivo, o mais magnifico!!

O astro creador, avançando, como gigante, em sua diurna carreira, esparge sobre o universo, n'este dia tão mimoso, uma luz mais fulgurante, e mais radiosa.

A natureza surri, exulta, e se applaude, no concurso de taes maravilhas, e presta seus atavios e seus encantos, para tornar mais brilhante, e mais pomposo, este nosso anniversario.

A alegria se diffunde em torno d'este recinto, manifestando-se, em todos os semblantes, signaes indeleveis e caracteristicos do mais perfeito e jubiloso prazer. Ah! Senhores, não podiam ser outros os vossos sentimentos, nem differentes as vossas demonstrações, por isso que hoje nos reunimos para celebrar um dia tal; dia de tão ternas e interessantes recordações, dia de gloria e de triumpho para a Pharmacia Portugueza, e que marca, a esta famosa Sociedade, o decimo terceiro anniversario da sua Instituição!!! Dia, que parece, com justissimo fundamento:

“ Por mão do Eterno Creador marcado. ”

Manes sublimes de Baumé, e de quantos engrandeceram a pharmacia, acato vossa memoria, mas não invoco o vosso auxilio. A influencia dos vivos me é mais grata, e por ventura mais proveitosa; seus exemplos, mais proximos e não menos importantes, estimulam poderosamente

te a minha imaginação, e a predispõe para mais solidas ideias. Mas, ah! terrível embaraço! De quaes pois de tantos e tão Illustres Collegas, invocarei, n'este momento, o procreator espirito? Como estabelecer preferencia, entre um todo tão unisono e harmonioso, tão compacto, e solidario, sem calar na deferencia dos caprichos? Ah, Senhores, desculpai-me se, n'este difficuloso ensejo, tomo uma deliberação, que, sem derogar na presumpção effectiva de vosso profundo saber, invoco, para animado auxilio de minha pouquidade, o espirito de saber e d'intelligencia, que animou, outr'ora, e ainda até ao dia d'hoje anima, a todos os nossos Illustres Consocios, dignos sustentaculos d'esta egregia Sociedade.

Favorecei-me pois, espiritos bemfazejos, imprimi e communicai, á minha alma, pensamentos nobres e sublimes, e fecundai minhas ideias; para que possa sustentar a dignidade da Pharmacia, e não menoscabar, com minha deficiencia, a gloria que tão habilmente lhe tendes annexado, transfundindo-a em nosso coração.

Quizera, Senhores, possuir, n'este momento, a encantadora e engenhosa eloquencia de um Demosthenes, ou a fecundidade e força de um Cicero; mas, porque uma e outra me fallece, deixarei de levantar minha debil voz no centro d'esta famosa Assembléa? Não, Senhores. O vasto oceano, jamais se dedigna receber, em seu seio, tributos que lhes pagam pequenos regatos. O copado e frondoso freixo, o altivo carvalho, e o culminante cedro, não se afrontam; porque, ao abrigo de sua sombra, se garantem rasteiros arbustos, contra os abrasadores effeitos d'um calor violento.

Vós, Senhores, sereis menos benignos? Não posso nem devo admittir este pensamento. Consenti pois, que, em vosso regaço, e á sombra do vosso nome, procure indulgente abrigo a minha mesquinhez.

E' verdade, e tarde a reconheço, Senhores, que me colloquei n'uma ardua e arriscada posição. Tenho de fallar-vos da Pharmacia, e fallar na vossa presença, e destes magnificos Espectadores. Confesso que sou fraquissimo

Atlante, para sustentar tão pesado Olympo: com tudo, vós me habilitasteis, admittindo-me em o numero de vossos Consocios; prestasteis um grande favor á minha deficiencia, ultrapassando a minha expectativa; pesasteis mui favoravelmente as minhas forças, na lisongeira balança da vossa amisade; e illudiu-vos a affeição, esse juiz parcial, que representa gigantes, aonde não existem senão pigmeos. Calculando pelo vosso o meu merecimento, perdoae-me, Senhores, fosteis illudidos, mormente nomeando-me vosso Funcionario, e collocando-me n'um difficil desempenho, que exigia forças mais robustas, forças que em mim fallecem, sendo, na verdade, apenas uma palha sêcca, que o vento facilmente arroja a largas distancias. Tenho pois justificados motivos, para esperar de vós tanta deferencia, desculpando-me, quanta teudes tido, instruindo-me.

Direi, todavia, o que souber, o que de vós tenho aprendido; farei por não envergonhar a vossa amisade, como pharmaceutico, não menos do que na qualidade de Membro d'esta Illustre Sociedade, e seu apologista. Animado e influido por semelhantes vantagens, procurarei mostrar, aos nossos antagonistas, se por ventura os temos, que:

- » Nem deslumbrado vou, nem temerario,
- » Brado interno me diz que afronte a sorte,
- » Que pise a inveja, e que desarme a morte.

Sim, Senhores, vou fallar-vos da antiguidade da pharmacia, da sua dignidade e excellencia; não me acobarda a vastidão do assumpto, ainda a despeito de minhas fracas luzes. Predominam-me altivos pensamentos, tirarei forças, da propria fraqueza; e caso desfalleça, n'este desempenho, acolher-me-hei á vossa nobre, e para mim sempre valiosa indulgencia.

Quizera dizer-vos, e enunciar-vos ideias inteiramente novas, ácerca d'este vasto e profundo objecto; não me será facil, porém, satisfazer meus desejos e vossa expectativa, reproduzindo-vos doutrinas, que sejam para vós uma novidade. E' campo ja mui percorrido, e sobeja-

mente explorado, por mais habeis penas, a quem nem ao menos, com vantagem, poderei rastejar a imitação. Todavia, Senhores, arremear-me-hei pela extensão dos seculos, e remontando-me á origem dos dias primeiros, reverterei novamente aos tempos actuaes. Senão poder ser aguia, que afronte impune o sol de tantas luzes, procurarei, pelo menos, misero pygmeo, evitar que opprima, com o peso de mesquinha temeridade.

A Pharmacia, Senhores, foi por longe espaço o verdadeiro — *Latet anguis in herbis*; a sua existencia caminhou sempre trabalhosa, e por muito tempo sem a devida consideração, mas nunca se desconheceu a sua utilidade e excellencia.

Com a queda do primeiro humano, e á força irresistivel d'aquelle — *Maledicta terra in opere tuo* — a natureza se revoltou contra elle; multiplicaram-se-lhe os males; as enfermidades o accommetteram e atormentaram, por isso que se desmoronou e transverteu a harmonia das paixões, ligada, tão somente, á Graça primitiva.

O instincto, não digo bem, o desejo da conservação, e o amor á vida, despertaram a conveniencia, e animaram a intenção de minorar aquelles males.

Adão, a quem, segundo a opinião de gravissimos auctores, Deus havia infundido uma sciencia sobrenatural, que depois da sua queda lhe foi ainda conservada, transmittiu, a seus successores, os conhecimentos necessarios para mitigar, ou pelo menos modificar, as misérias d'uma vida cercada de crueis inimigos.

Com a inundação do Diluvio naufragaram as provas, e certezas de factos, que a tradição guardou entre os descendentes de Noé. E com effeito, Senhores, este Patriarcha antediluviano, conservou, segundo refere *Matute, in prosapia Christe*, muitos remedios na medicina natural.

Mais para o diante, Murray, neto de Noé, principiou a ensinar a preparação d'aquelles medicamentos, e mesmo a coordenar as applicações medicas, debaixo dos preceitos da arte; e foi d'elle, que os Egyptios os apreenderam; se dermos credito a *Venutus, in harmonia*.



Na ultima doença do Patriarcha Jacob, assistiram homens entendidos, que não so exerciam a medicina mas necessariamente a pharmacia; como se lê nos Genesis, e em outros auctores, dos quaes não são dos menos explicitos, Franco e Mexias.

Os povos tinham em tanta e tal consideração e respeito aos que se davam a taes exercicios, mormente quando elles descobriam e preparavam algum medicamento, que os appellidavam inventores e Deuses da Medicina; como entre outros aconteceu a Mercurio, Isides, Oro, Osiris, Apis, Cadmo, Arabo, Chyron, Machaon, Podalyro, Achilles, e outros muitos até Esculapio, como se vê nos Poemas d'Homero, e largamente nos expõe Auctor mui grave, que a outros mais se refere.

Salomão, esse famoso Monarcha d'Israel, entre a assombrosa magnificencia de suas pompas, não julgou objecto improprio, de seu profundo saber, o tractar da arte de curar, da preparação dos medicamentos, e das virtudes das plantas. Practicava como quem era, porque, aliviar os males da humanidade, é tornar-se uma divindade tutelar, é assimilar-se a Deus. Escreveu um livro, onde tractava desde o humilde hyssopo, até ao elevado cedro do famigerado Libano; descrevendo suas propriedades e suas virtudes, proporcionando assim, materia immediacta á pharmacia, a cujos beneficios o povo affluia em seus padecimentos. Este livro, tão precioso, perdeu-se nos incendios, gerras, e destruições de Jerusalem; não deixando d'haver algumas opiniões, que o Sancto Rei Ezechias o mandara queimar, para evitar os abusos que se practicavam, e mesmo porque a nimia fé do povo, a tal respeito, enfraquecia a confiança que deviam pôr no Senhor.

A inclinação e avidez dos povos, para estes conhecimentos, aliás da mais alta importancia, estava, Senhores, tão profundamente radicada, que chegavam a collocar os doentes nas portas de suas habitações, para que, sendo vistos pelos viandantes, estes lhes ensinassem os medicamentos que soubessem ser mais adequados a suas infermi-

dades; tanto assim que, os preparados que apresentavam mais felizes resultados, se escreviam em livros ou memorias, com os nomes de seus auctores, que conservavam nos Templos com religioso acatamento e a quem recorriam em suas molestias consultando-os como a oraculos.

Durou seculos similhante practica. Chegando porém a epocha em que appareceu Esculapio, as cousas mudaram de face, a favor dos conhecimentos que elle desinvolveu na practica da medicina; e ainda assim varios outros escriptores colligiram e escreveram sobre o mesmo assumpto, pelo espaço de quinhentos annos, d'Esculapio a Hippocrates, mas cujas obras se perderam nas vicissitudes dos Imperios, por cuja causa, e infelizmente, não foram mencionados nos livros do mesmo Hippocrates, que floresceu no anno 3520 da criação do Mundo, 484 antes da vinda de Christo. Entre tanto, fez aquelle grande homem tantas e taes diligencias, que poude ainda descobrir algumas Memorias, das conservadas no Templo; aproveitouse d'ellas, examinou outros remedios, conservados na tradição popular, e, comprovando a razão com a experiencia, deu á Sciencia uma forma regular, e estabeleceu um systema ou methodo. Da sua eschola sahiram famosos discipulos, até Galeno, que floresceu no tempo e reinado de Trajano; e a arte principiou a tomar, ou pelo menos a revestir-se de um caracter de dignidade, que foi sempre inconsecutivo augmento.

Chegou a sua estima a tão alto grau, que muitos Principes, Reis, Imperadores, e Varões egregios, se honravam practicando a medicina, e consequentemente a pharmacia. Muitos são os que a historia nos menciona; e entre os quaes não são menos celebres, Giges e Sabor, Reis da Medea; Sabiel, da Arabia; Dionysio, de Sicilia; Hermés, do Egypto; Mithridates, da Persia; Salomão, da Judeia; Adriano, Imperador Romano; Constantino 4.º, de Constantinopla; e alguns contam n'este mesmo numero a Alexandre Magno.

Se volvermos a attenção a novos quadros, achamos a Arão e Moysés, conhecedores d'aquellas artes, e até da

chymica; o que não admira, tendo aprendido no Egypto, onde nasceram e viveram estes Legisladores d'Israel, que nas faldas do Synai, um fundiu (*Formavit opere fusorio*), e outro dissolveu ou calcinou o *bezerro d'ouro*, objecto infame da idolatria d'um povo ingrato (*Arripiensque vitulumquem fecerant cumbussit*).

Cleopatra, essa linda e tão interessante Rainha Egyptica, cujos encantos fascinaram o famoso Romano Marco Antonio, e de quem a perda proporcionou mais um triumpho a Augusto Cesar, sabia tambem, entre outras preparações, o meio facil de dissolver as perolas, dando-as assim em bebida, e com espirito de *faustosa voluptuosidade*, ao General que amava.

Outras muitas Rainhas, Princezas, e grandes personagens, se deram a taes exercicios, como se colhe não so do Diccionario Historico, mas ainda da lição das Historias, Egyptica, Grega, e Latina, de todos os povos orientaes, que foram aquelles, entre os quaes, as Sciencias tiveram, com preferencia, o seu berço.

O unguento de *Nardo*, tão celebre nas sagradas letras, os tão preconizados *aromas, pomadas, balsamos, e unguentos* com que ungiam e embalsamavam os cadaveres, não eram por ventura, Senhores, outros tantos preparados pharmaceuticos?

Em Tobias lemos, que, o mesmo S. Raphael, de quem o nome se interpreta — *Medicina Dei* — ensinara, ao filho d'aquelle pio israelita, a usar do fel e coração d'um peixe, como agentes pharmaceuticos. « *Exentera hunc piscem, et cor ejus, et fel, et jecur reponere tibi, sunt enim hæc necessaria ad medicamenta utiliter.* » O mesmo joven hebreu, desejoso de saber, interrogou o seu guia: *Obsecro te frater, ut dicas mihi, quod remedium habebunt ista, quæ de pisce servare jussisti?* A resposta foi: *Cordis ejus, particulam si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus dæmoniorum, sive a viro, sive a muliere, ita ut ultra non accedat ad eos. Et fel valet ad unguendos oculos inquibus fuerit albugo, et sanabuntur.* Ah, Senhores, que preciosos remedios, que interessantes virtudes? Quem pudera hoje

possuil-os e applical-os? Uma fumigação e um anti-ophtalmico, cujos effeitos eram afugentar demonios, e curar cegueiras!!! Um thesouro tal, não podia pertencer ao presente seculo.

O mesmo Salvador, Senhores, foi medico e foi pharmaceutico. Curava, não so com a potente efficacia de sua própria virtude, mas, algumas vezes, fazendo até panacéas, preparadas com o lodo e saliva, cuja applicação dava aos cegos a vista do corpo, e conjunctamente a da alma: *Expuit in terram, et fecit lutum ex sputo, et linivit lutum super oculos ejus.* (Joan. 9 — 6.)

Senão fosse minha intenção, Senhores, fallar-vos tão somente da pharmacia, poderia, com Dumás, e outros muitos auctores, apresentar-vos um longo detalhe de conhecimentos practicos, entre os antigos povos, que posto a sua applicação pareça dizer respeito mais particularmente á chymica, é facil distinguir quanta ligação e connivencia elles tinham com a pharmacia.

Ah, Senhores, se, para vos demonstrar a sua excellencia, nos remontar-mos ás epochas mais longevas, encontraremos a sua apologia, mesmo entre os *mythos* da mais celebre poesia. Vemos que, *Circe* e *Medea*, celebrada esta por Apolonio Rodio, nos seus Argonautas, e aquella pelo famoso Homero, na Odissea, foram tão bellas e tão ardilosas, como experientes e abalisadas na pharmacia applicada a seus *filtros*, e a seus *eventus factidicus*, e a quem a condição de princezas não *cohibio* ou *moratisou* os affectos.

Ja vos nomeei, Senhores, varios varões insignes, a quem a pharmacia, personalisada nas preparações medicamentosas, era objecto de seu grave emprêgo, e constituia uma parte de suas mais deliciosas occupações. Mencionei-vos Achilles, esse terrivel guerreiro, vencedor do famoso Hector, e cujas acções bellicas faziam verter invejosas lagrimas ao grande *Macedonio Alexandre Magno*, e que teve por mestre a *Chyron*; referi outros muitos, mencionados pelo sublime Cantor Grego, nos dous Poemas, a *Iliada* e a *Odissea*.

Não me esquecerei agora do que nos diz, com tão me-

lódiosa harmonia, o Cisne Mantuano; e com effeito, Senhores, que outra cousa era senão um preparado pharmaceutico, aquelle bólo ou massa — *Melle soporatam et medicatis frugibus offam* — com que o Pio Eneas, aconselhado e instruido pela Sibilla Cuméas, adormeceu o espantoso Cerbero, *Ille fame rabida tria guttura pandens.*

Não nos apresenta o mesmo poeta, a linda e extremosa Iricinis, exercendo, para com seu filho, a arte pharmaceutica? Que belleza, Senhores, encerram aquelles versos, dignos, sem duvida, de tal Cantor.

“ *Hic Venus, indigno nati concussa dolore,*  
 “ *Dictamnium genitrix Creta carpit ab Ida,*  
 “ *Puberibus caulem foliis, et flore comantem*  
 “ *Purpureo. . . . .*  
 “ *Hoc Venus, obscuro faciem circumdata nimbo,*  
 “ *Detulit: hoc fuscum labris splendentibus amnen*  
 “ *Inficit, occulté medicans: spargitque salubris*  
 “ *Ambrosiæ succos, et odoriferam panaceam.*”

O Lyrico Horacio nos indica, nos *Filtros* de Canidea, outros tantos preparados pharmaceuticos, e o tão celebre, quanto infeliz Torquato Tasso, nos descreve, na sua *Gerusalemme liberata*, e com encantadora melodia, a extremosa Princeza Herminia, soccorrendo o Principe Tancredo, maltractado em uma cruel batalha, com o Sarraceno Argane, e em que ella ja, medica amorosa, ja pharmaceutica, revoca á vida o misero guerreiro.

“ *Ja o mortifero sono, elle sacode*  
 “ *Ja pode a vista alçar, movel, e vága;*  
 “ *Olha ao Servo, e á Dama os olhos gyra,*  
 “ *E em trage perigrino, bella a admira.*”

Não refiro mais, Senhores, para não cançar a vossa attenção; direi, comtudo, que a excellencia da pharmacia, foi, em todos os tempos, objecto da particular estima das mais respeitaveis personagens. *Mesué*, dizem que fora neto d'um Rei de Damasco; *Avicenna*, foi Principe em Cordova; *Agrippa*, auctor do unguento a que deu seu nome, que ainda hoje conserva, foi Rei, e Rei mui famoso. Honraram tambem a pharmacia os Summos Pontifi-

ces, Eusebio, Grego; João vigessimo segundo, *excellente* ornamento do Solio Pontificio, e tanto mais porque foi *Portuguez*, chamado antes, Pedro Hispano; Nicolau quinto, Italiano, procedente de Lucca: e, além d'estes, varios Cardeaes insignes, como referem gravissimos auctores.

Devemos porém confessar, Senhores, em abono da razão e da verdade, que por largos annos estiveram de tal forma ligadas e unidas, a medicina e a pharmacia, que a primeira adquiriu a maior celebridade e preferencia na estima dos povos, supposto que sua intenção era acatar as duas sciencias, que reputavam indivisas, personalizando, na medicina a pharmacia, chamando tão somente *medicos*, dos seus cultivadores, mesmo em todos os casos em que não era possível concorrer uma sem a outra; diga o que quizer *Guevara*, Bispo de Mondonêdo, tanto assim que afoutamente podemos dizer: *Medicina et Pharmacia osculata sunt*. O estado da sciencia, os habitos e costumes das nações, e talvez o egoismo e interesse proprio, faziam prolongar semelhante anomalia, que occultava, muitas vezes, o *segredo* de que seus auctores, ou inventores, podiam tirar e obter melhores vantagens.

Conservaram-se, por seculos, confundidas as cathogorias; e so com o estabelecimento e dominio que, as artes e as sciencias, foram com assás d'esforço adquirindo, se definiram e classificaram os differentes ramos da arte de curar. Ainda assim, Senhores, paizes ha aonde o medico como que *monopolisa*, ainda, a preparação dos medicamentos, subtrahindo-a ao preparador competente, pelo menos, para os doentes a que assiste. Entre nós, foi sempre prohibida e despresada esta practica, que renova a lembrança dos antigos medicos *sedentarios*. Não admira, Senhores, os Portuguezes costumaram ostentar sempre sentimentos nobres e elevados.

As guerras e as conquistas, as navegações longinquas, a invasão de diversos povos, as cruzadas, as viagens e peregrinações, e mesmo a teimosa porfia dos Alchymistas, tudo concorreu para um desinvolvimento, que predispoz a regeneração da pharmacia, coadjuvando-a não pouco o

apoio que lhe prestaram muitos Imperantes illustrados, que a protegeram e animaram; não lhe sendo tambem de pequeno soccorro e utilidade, as intimas relações com os arabes, e povos orientaes. As epochas avançavam, e o prestigio da sciencia se insinuava lisonjeiramente. A Alemanha principiou a produzir genios da maior transcendencia, e cujas luzes, espargidas sem rebuço, se diffundiram a grandes e largas distancias. A França, sempre disposta a aproveitar os grandes eventos, a secundou. A Italia, a Granbretanha, e todos os povos civilizados, como que se espantavam d'encarar tão refulgentes luzes, mormente quando as Escolas, as Universidades e as Academias, vieram regularisar os estudos, e dar-lhes um completo desinvolvimento, adquirindo uma espantosa celebridade.

Portugal, Senhores, não foi menos ávido e cuidadoso; porém foi mais infeliz. Elle produziu, e produz, ainda hoje, homens abalisados em todas as artes e sciencias, mas não tiveram nunca, nem teem hoje, protectores nem apologistas. Esta desgraça fatal, este acinte feito ao merecimento, ja Luiz de Camões lamentava, porque o viu e experimentou; fez mais, lançou-o em rosto á Nação, e o denunciou ao mundo intellectual, que teve d'admirar.

» Aquelle cuja lyra sonora,  
» Foi mais affamada que ditosa.

Sim, Senhores, elle compaginou a sua justa accusação no seu Poema, e a circumscreveu nos quatro versos seguintes:

» O favor com que mais se acende o engenho,  
» Não o dá a Patria não, que está mettida,  
» No gosto da cobiça, e na rudeza,  
» D'uma austera, apagada e vil tristeza.

Tinha razão o Poeta, porque seu abandono foi cruel, e muito mais, porque acabava d'elevantar e diffundir, pelo orbe, a fama e a gloria d'uma Nação que o viu, sem lagrimas e sem pejo, perecer na miseria mais pungente. Não podendo elle, nem ao menos negar-lhe seus restos mortaes, e desafogar suas magoas, como Scipião legando-lhe aquelle

*Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

Desculpai, Senhores, estes meus transportes; e supposto que minhas observações se encaminhem peculiarmente á excellencia da pharmacia e sua utilidade, permitti que; com ellas, tribute tambem uma pagina á gloria, hoje tão desbotada, da nossa Patria, cujo amor, não obstante, será sempre inextinguivel nos nossos corações; concedei-me que commemore seus outr'ora espantosos triumphos, reproduzindo n'este logar o que, a similhante respeito, nos deixou escripto um portuguez, e que assás de relação tem com o objecto.

« Não conhecia ainda, diz elle, a renascente litteraria » Europa, o Imperio da Natureza, pelos dominios de Flo-  
 » ra, porque, nem das margens do Sena tinha sahido um  
 » *Tournefort*, nem das do Mincio um *Zinani*, nem um  
 » *Pinton*, tinha corrido os seios do mar pacifico, nem  
 » dos rochedos da Escandinavia tinha surgido um *Linneo*,  
 » e ja, pelas margens do Ganges, mandava á assombrada  
 » Europa um *Garcia de Orta*, as riquezas de perigrinas  
 » plantas. E, se o nome de *Newton*, vae tão longe pela  
 » terra e pelos mares, como vão as *invenciveis* náus dos  
 » seus *Drakes*, e dos seus *Cookes*, porque ousou entrar  
 » no Imperio da Luz e conhecel-o, primeiro e muito an-  
 » tes, o grande Portuguez *Pedro Nunes*, tinha encarado,  
 » sem deslumbrar-se, com seu brilhante clarão. »

Ainda assim, Senhores, e apezar do expellido, a nossa arte jazeu, por muito tempo, n um perfeito abandono, d'inerçia e de verdadeira estupefacção. As guerras porfiadas e contínuas, contra os Sarracenos, em os primeiros reinados; as dissensões internas, e disputas de successão; o espirito de conquistas; o predomínio estrangeiro, e outras muitas causas que, a nossa historia, nos manifesta nos reinados subseqüentes; foram talvez os motivos porque se não prestou attenção a um ramo de sciencia, aliás tão necessario. Não se criaram escholas, não se fundaram academias, e o ensino mais importante ficou supplantado pe-



las intrigas, da politica, da conveniencia dos partidos, e dos aprestimos bellicos e marciaes.

As *boticas*, eram como este mesmo nome indica, e muito bem se acha explicado, pelos Redactores do Boletim de Pharmacia de Paris, de Setembro de 1812, em uma correspondencia publicada no 1.º Tomo do nosso Jornal, a pagina 377, pelo Sr. Joaquim Nunes Barbosa, nosso Consocio e Collega; eram, torno a repetir, umas lojas ou estabelecimentos irregulares, como outros quaesquer de differentes generos commerciaes. N'ellas se vendiam drogas simplicies e alguns preparados que a tradição conservava das nossas relações dos arabes e outras nações, e que se conservavam ou transmittiam, d'uns para outros, em copias manuscriptas, e muitas vezes, por essa causa, ja bem alteradas; não havia regulamentos, nem leis medicapoliciaes; a manipulação, a colheita, a conservação, e mais partes essenciaes, eram arbitrarías e a capricho dos vendedores; que se denominavam — *Boticairos* — de botica ou loja, onde se vendiam mezinhas, denominação, se bem que, n'aquelles tempos, tão atrazados n'esta parte da sciencia, um pouco apropriada, hoje, Senhores, e sem desculpa o conservar-se ainda, é um desdouro de tão sublime profissão, e um degradamento da nossa dignidade: deve-se banir, deve-se proscrever, e collocar, mesmo pela sua genuina etymologia, na competente e nobilissima cathegoria o honroso titulo de — *Pharmaceutico* —, que exprime os meios, os fins, e o objecto, de sua Arte, e de suas funcções.

Nas primeiras epochas da nossa Monarchia, n'esses primitivos reinados de valor e de conquistas, foi, entre nós bem nullo o predominio da pharmacia. Os medicos pessoas dos Soberanos eram, ordinariamente, ecclesiasticos, que iam estudar medicina frequentando academias estrangeiras; tanto assim que o Conego regular, D. Mendo Dias segundo nos diz o Dr. Henrique Schœffer na historia de Portugal, foi o primeiro que, no tempo de D. Sancho I., ensinou publicamente a medicina em Portugal, tendo-se antes graduado em Paris, a instancias do seu Prior de Sancta Cruz, Gonçalo Dias.

Na nova historia de Malta, se lê « que era muito vulgar, n'aquellas epochas, serem clerigos os medicos ou fisicos d'El-Rei, e aos quaes se davam pingues prebendas e abbasias. »

Estes fisicos, Senhores, eram os mesmos que preparavam os medicamentos, ou pelo menos prescreviam a ordem e direcção d'elles. Mais para o diante deixaram semelhante practica, e a transmittiram a homens proprios para tal ministerio; mas com quem se conservaram muito em contacto, para não perderem a preponderancia e prestigio. A legislação, por tanto, não se occupou, n'essas eras e em relação a este objecto, senão com os privilegios e condecorações dos fisicos; que depois se nos fizeram communs.

Examinando as paginas da nossa historia, as chronicas d'alguns reinados, e revendo tambem os registros e archivos publicos e do Estado, o mais antigo documento que encontramos, acerca dos pharmaceuticos, é a Carta passada em 1449 por D. Alfonso V., a favor do Mestre Ananias, que o Duque de Bragança e de Barcellos, fez passar de Ceuta a estes Reinos, pela mingoa de pharmaceuticos, e *desserviço* que d'ahi provinha á saúde publica: facto que bem se depreheende, até pelos muitos privilegios n'ella concedidos, aos que preenchessem as condições que os acompanhavam.

Aquelles privilegios foram sempre conservados e confirmados subsequentemente, até no tempo da guerra peninsular, em que foi preciso conservar um exercito permanente, cujo valor, contribuindo poderosamente para a independencia da Europa, fez *enseixar palmas, e cingir louros immarcesciveis*, a esses aliados que talvez bem pouco lh'o merecessem.

Aquelles privilegios foram derogados pelas actuaes Leis vigentes. A quella Carta, seguem-se outras Leis e Decretos providenciaes do mesmo Soberano, publicados em 1450 e 1460, em que os pharmaceuticos são postos a par dos *mercieiros e especieiros*.

D. João III. tambem publicou algumas Leis e Decre-

tos, como o de 1544, concedendo, na forma que lhe requereu a Cidade da Guarda, auctorisacção para se darem a um *boticairo e solurgião* 2000 reales, para aluguel de casas. A de 1554, nomeando, pela morte do Mestre Lopo, *boticairo* de sua Casa, a Diogo Romeiro de *aramaro*; e assim, sobre differentes objectos ao mesmo fim, as de 1557 e 1559.

Em tempo de D. Sebastião, temos a de 1561 e varias outras, bem como algumas do tempo em que aqui dominaram os Philippes d'Hespanha, que não mencionamos, por isso que se acham publicadas ja, em o nosso Jornal, sob o titulo — *Direito-Pharmaceutico* —; pelas quaes se vê o estado da *pharmacia*, e a pouca consideracção scientifica que em taes tempos gosava. E' verdade, Senhores, que a medicina e a cirurgia, não disfructavam melhores apanagios, nem tiveram um desinvolvimento muito mais vantajoso. Conheço, e nem é possivel duvidar-se, que, á primeira, pertence a primazia, pela antiguidade de seu exercicio, como pelos serviços que a sua *intuição*, propriamente medica, tem prestado á humanidade. O medico, senhor dos segredos e conhecimentos medicinaes, primeiro investiga a molestia, do que tenha logar a preparacção e applicacção do medicamento, ou se determine a operacção cirurgica. Por muitos annos andou similhante practica unida em um so individuo, como ja fiz vêr, não obstante, o predominio e mesmo a iniciativa, foi sempre da medicina, como facilmente se deduz da historia de todos os seculos. Com os tempos aquelle predominio se augmentou, porque os elementos do ensino, sendo-lhes mais propicios, lhes concederam tambem uma incontestavel preeminencia. Grandes e mui eruditos medicos tivemos, depois da primeira reforma dos estudos; e, os que hoje existem, honram a sua Nação, e rivalisam com os mais preconisados em paizes estranhos: entre tanto, os *compendios* das nossas escholae, pela maior parte, não são ainda hoje *nacionaes*.

Nas eras mais remotas, as linguas não eram, como hoje são, tão estudadas e sabidas; e a litteratura estran-

geira so mais tarde se generalisou entre nós. Em tempo de D. Diniz havia ja, é verdade, uma Universidade nos Loyos, em Lisboa, que foi transmittida para Coimbra, e mais competentemente regulamentada por D. João III; porém, Senhores, o forte dos seus estudos, não era então o das sciencias naturaes.

Quanto á cirurgia, soffreu ella eguaes desmaios. Por dilatados annos se estudou, apenas, por um Tractado d'Orteologia. Vieram aqui, depois, Santussi, Monravá, e Pedro de Fox, ensinar anatomia, bem como a ensinou o nosso Portugez, Manuel Constancio, e ainda bem proximo á fundação da nova Eschola, se ensinava, ella, por meio de copiadas postillas; podendo apenas nomear-se, com applauso, os Compendios do Dr. Soares Franco. Aos alumnos cirurgicos, como aos pharmaceuticos, não se exigiam estudos preparatorios, e eram admittidos, indistinctamente, áquelle ensino; e por similhante methodo todos os que se apresentavam a exigil-o. Não obstante, Senhores, grande *hounra* e grande *louvor* se deve aos muitos e *eximios* Facultativos, que, tal Eschola produziu, e que gloria deram á sua Patria, como lhe estão dando os da Eschola actual.

Desculpae, Senhores, esta digressão; ella está ligada á materia em questão. Volvamos pois á pharmacia. Ella viveu assim, por largo espaço, modesta e pouco ataviada; negaram-lhe sempre os adereços da instrucção, que apenas, e unicamente, lhe podiam provir da parte governativa. Nem ao menos mereceu aos Legisladores um meigo sorriso, a não ser o sorriso do sarcasmo e do motejo. Ella gemeu em silencio, mas não excitou attenções. Tomou-se por degradação, o que so era acinte da sorte; e desconheceu-se mesmo o grau d'importancia que a sua exaltação necessariamente devia prestar, á medicina e á cirurgia, a favor de quem foram raiando mais *bellos e lisongeiros dias*.

Reformaram-se os estudos, no Reinado de D. José; e lá appareceu, nos Estatutos da Universidade, um pequeno curso pharmaceutico; mas não appareceram leis re-

gulamentares, leis obrigativas, que, derogassem o estado abjecto, e a practica não so empirica, mas verdadeiramente incongruente, que até alli se tinha seguido, e continuava ainda a seguir: com lastimoso pezar o digo, Senhores, até bem proximo á epocha em que vivemos.

Com tudo, graças ao espirito sublime, que inspira os mais lisongeiros desejos, ao homem afadigoso e amante da sua elevação. As trevas foram sendo afugentadas pela mais radiante luz; uma briza favoravel soprou, oh prazer! sobre o nosso solo. Generalisou-se o gosto da instrucção, ainda a despeito de innumerous obstaculos; principiaram a apparecer diversos tractados pharmaceuticos e das sciencias accessorias; e a pharmacia mudou d'aspecto, e tomou uma posição mais brilhante. Garcia de Orta ja nos tinha feito conhecer diversas plantas dos climas asiaticos; o mesmo favor devemos a Thomé Pyres, pharmaceutico natural de Leiria, expendendo suas relações, em carta dirigida a El-Rei D. Manuel, em 27 de Janeiro de 1516.

Appareceram varias obras do distincto Portuguez José Homem d'Andrade, que floresceu em 1692; de Manuel Gomes Leal, em 1700; d'Antonio Lopes de Lima, em 1729; de Manuel Rodrigues Coelho, em 1735; de D. Antonio Nogueira Cabral, em 1740. Em 1763, compoz, D. Caetano de Sancto Antonio, as Pharmacopêas, Lusitana e Bateana; a primeira, mereceu, ainda ha pouco, ser mencionada, com preferencia, pelo Dr. Jourdan, na sua Pharmacopêa Universal. Fr. João de Jesus Maria, distincto pharmaceutico e Monge Benedictino, compoz a Pharmacopêa Dogmatica; em que mostrou profundissima erudição e vastissimos conhecimentos das sciencias naturaes; escreveu mais um excellent manuscripto, que esta Sociedade hoje possui, e que diz respeito á historia-pharmaceutica. Fr. Christovam dos Reis, em 1779, José Pacheco Leal, em 1792, e Francisco Raymundo Xavier da Costa, em 1794, publicaram obras de bastante merecimento, e cuja materia ja manifestava, n'aquelles tempos, lição vasta e importante, dos melhores conhecimentos propagados pelo norte da Europa. Depois d'estes Auctores, parte d'elles, men-

cionados por Barbosa, na Bibliotheca Lusitana, e outros em varios escriptores, dos quaes foram habilmente colligidas estas noticias, e mais habilmente exaradas em o nosso Jornal, pelo nosso Consocio, o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides.

Houve outros escriptores, não menos benemeritos da pharmacia, que, ou composeram ou traduziram obras de Pharmacia, de Chymica e d'Historia Natural; que muito contribuíram para o progresso do estudo pharmaceutico n'este Paiz. O Dr. Tavares escreveu e compoz a Pharmacopêa Geral, a Pharmacologia para o 3.<sup>o</sup> anno medico na Universidade de Coimbra, e uma descripção de todos as Aguas-mineraes do Reino; tudo com tanto criterio e saber, que pena é que este grande homem não vivesse em tempos mais proximos a nós. Antes d'elle compoz, o incansavel Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, a Pharmacopêa Lisbonense; traduziu a Phylosophia Chymica de Fourcroy, e outras obras mais. Publicou-se a Pharmacopêa Portuense, o Thesouro Appollineo de Vigié, e um Tractado de plantas com estampas; os Elementos de Chymica, de Vicente Coelho de Seabra, obra mui util n'aquella epocha, e em que se expendiam as doutrinas dos melhores chymicos; a Polyanthea de Curvo; os Elementos de Pharmacia, a Parmacopêa, e outras obras do nosso Collega e Consocio, o Sr. Antonio José de Sousa Pinto; a Pharmacopêa Naval e Castrense, do Sr. Jacintho da Costa, Cirurgião distincto n'esta Côte; o Aquilegio Lusitano ou Tractado das Aguas; a Pharmacopêa de Lewis, traduzida por Caetano José de Carvalho; &c. &c.

Além do que acabo d'expor, Senhores, e que por brevidade não desinvolti mais, vós sabeis que ha muitos annos que nos eram bem familiares as doutrinas e systemas de todos os Naturalistas da Europa, até Brotero; cujas obras tanto contribuíram para abrilhantar nossos estudos.

Não ignoravamos o que em chymica e pharmacia, e mesmo sciencias accessorias, se escrevia e publicava por toda a Europa, e os nomes d'esses Illustres Sabios estão

gravados assim no meu coração como no vosso: dispensae-me de os repetir.

Parece-me, Senhores, que a Pharmacia Portugueza, ainda privada de todo o apoio, e sem garantias que lh'a-fiançassem, ultrapassou airosa, e com pé firme, as barreiras da ignorancia, dentro de cujos limites a pertenderam sempre circumscrever. O quadro, ainda bem incompleto, por pouco desinvoldido, que acabei de traçar, talvez não fique inferior ao que, sem tão justificados motivos, apresentassem os outros ramos das sciencias naturaes. Este quadro porém, Senhores, ainda não representa o brilhante *statu quo* da pharmacia, n'estes ultimos tempos; elle tem-se tornado, mais e mais, insinuante e valioso, sublime e fulgurante, e na sua carreira scientifica, Senhores, vae attingindo um grau de perfeição, que pode rivalisar com a que ja tem, ha muito, nos paizes em que a aurora lhes raiou mais cedo.

Deve-se, com tudo, um precioso e mui honorifico tributo de gratidão, á justiça e á verdade. Chegou uma epocha maravilhosa; epocha de gloria e de triumpho para a pharmacia portugueza, e que deve marcar, nas paginas dos nossos annaes, um testemunho indelevel de nossa profunda estima. Instituiu-se, no Edificio da Moeda em Lisboa, uma aula publica do ensino da chymica e da physica, para todos os que quizessem concorrer a frequental-a, mas com especialidade para os pharmaceuticos; o concurso foi grande, e grande foi o progresso que se seguiu, e o resultado que se obteve. E quem, Senhores, dirigiu essa Aula? Ah! Permitti que enxugue saudosas lagrimas! Lagrimas de dôr, e de atro pezar, lagrimas que despertam sentimentos que devem apenas borbulhar, no contrahido coração; lagrimas, em fim, que até não é permittido verter, mas que tambem não é possivel suspender; lagrimas que, reconcentrando-se á séde do seu manancial, vão, com abrazador estimulo, augmentar a intensidade do amor da gloria, e do amor patrio! Corra-se um véo sobre este quadro sentimental; mas um véo translucido, a travez do qual se possa ainda lèr um nome, que não será facil ex-

tinguir, nem esquecer — Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque!! Sim, Senhores, commemoro o homem da sciencia, a quem tanto devemos, mas não toco, nem levemente, no homem das armas e dos partidos. Conservo intacta, e não ultrapasso, a linha divisoria, que, o respeito e o dever, me induzem a lançar entre as letras instruindo, e as armas disputando. A morte ja recebeu d'elle o fatal tributo, a eternidade é hoje a sua herança, e a sciencia ja o carpio. Chorem-no agora os seus discipulos, mas não, enchuguem-se as lagrimas: *Manibus date lilia plenis: purpureos spargam flores, animanque nepotis...*

Foi elle, Senhores, quem dirigiu aquelles estudos, e quem fez, pela primeira vez, ouvir n'esta Capital a voz facunda e sonora, da mais solida instrucção sobre materias taes. A'vidos e sequiosos d'ella, correram, Senhores, a partilha-a com incansavel applicação, os Pharmaceuticos Lisbonenses; vós todos, Senhores, concorresteis, com vossos talentos, a abrilhantar o orisonte de tão sublime sol, que apparecia entre nós para fecundar... não digo bem, Senhores, para desinvolver a natural fecundidade, com que a natureza enriqueceu o genio portuguez. Luzes radiosas e fulgurantes, desde logo se diffundiram por toda a parte; comprovando, altamente, a capacidade scientifica dos Alumnos, e justificando a intelligencia do Preceptor. Este, levando mais avante a sua solitudine e o seu nobre empenho, tudo ja caracterisado nos trabalhos do seu magisterio, e tão sabiamente dirigidos, apresentou, no seu eximio Tractado de Chymica e de Physica, as profundas theorias, com que mais e mais abrilhantou, e enriqueceu o *statu quo* da sciencia.

Ja se vê, Senhores, por este abbreviado, e talvez bem incompleto quadro, a actitude e o character, que, a pharmacia e a chymica, se foram assumindo entre nós, com espantosa rapidez.

Despertou-se o gosto e consolidou-se; estudaram-se e aprenderam-se, mais solidariamente, as linguas estrangeiras, com cujo soccorro ficou ainda mais facil o accesso ao estudo, e á sciencia da nossa faculdade, tão altamente



desinvolvida em outros paizes : e com effeito, Senhores, vós o sabeis, vós o practicasteis. Vosso saber, assás demonstrado por immensos factos, justifica os meus argumentos.

Em pouco tempo deixou de ser, para os pharmaceuticos portuguezes, *um pomo vedado*, um verdadeiro — *noli me tangere* —; esse saber precioso, que pouco antes senão atrevia a transpôr, se não com timido e vergonhoso receio, as barreiras que circumscreviam o misero Portugal!! Pharmaceuticos bem dignos d'este bello e significatiyo nome, ah! desculpae-me, e que, alguns annos antes, eram ainda entre nós o — *Apparent rari nantes ingurgite vasto*. Apareceram logo, e se deixaram vêr embellezados, com os signaes caracteriscos de seu vasto saber!! Sim, Senhores, apareceram, e se deixaram vêr, quaes vós hoje sois, homens de saber, homens cultivadores das sciencias; e, finalmente, pharmaceuticos, a quem as descobertas mais interessantes e delicadas, os preceitos mais profundos, e os segredos mais reconditos se patenteiam. Torno, Senhores, a repetir, os factos comprovam as minhas asserções.

D'esta epocha em deante, desapareceu o prestigio de que gosava o preconisado saber exotico; porque, em fim, d'entre nós foi banido o atrevido idiotismo, a ignorancia fallaz, para substituil-os o mais judicioso criterio, o estudo mais apurado, e o delicado e subido gosto das sciencias.

A avidez com que vós, Senhores, tanto vos distinguis n'este nobre afan; vossa incansavel e acrisolada assiduidade no prescrutinio scientifico, bem vantajosamente indemnisa a Patria, d'esse atrazo em que, sem culpa nossa, algum tempo estivemos, em relação a outros povos.

Graças devemos tambem render, Senhores, ao Illustrado Governo, que abriu novos e seguros caminhos á nossa, até então, fadigosa instrucção; elle aplainou difficuldades que muito nos contrariavam. A' vista e em presença de seu querer, intelligente, forte, e decisivo, cahiram por terra as escarpadas montanhas que nos interceptavam

o accesso a tão felizes resultados; desapareceram as duvidas e os caprichos, que talavam impunes os campos da nossa intelligencia; e fundou os alicerces d'um mais firme e solidario edificio á instrucção pharmaceutica. Sim, Senhores, a creação da nova Eschola, a fundação d'uma Aula regida propriamente por um pharmaceutico e pharmaceutico tal; a regulação de um curso d'estudo, a que se dará, sem duvida, um melhoramento de que ainda é susceptivel, vae marcar, nos nossos annos, uma epocha grande e brilhante: transmuda altamente a face á pharmacia portugueza, e faz que, entre nós, se vejam pharmaceuticos, quaes os contam, e engrandecem esses paizes, do Sena, do Danubio, do Mincio, e do Tamisa. Ainda mais, Senhores, talvez não esteja longe o prazo, em que de Portugal se esparjam luzes, que vão eclipsar, com seu brilhante clarão, aquellas nublosas e frigiditas atmosferas. Os Portuguezes, em seus actos, não admittem superficialidades; são firmes, constantes, e reaes. Praza ao Ceo, que meu vaticinio se realise; como se vae realisando, não só ácerca dos pharmaceuticos, mas ainda a respeito das outras Classes Scientificas.

E vós, oh illustre, oh sublime e facunda Sociedade Pharmaceutica Lusitana; que tão immediata e profiosa parte tens n'estes progressos, ufanae-vos, ainda a despeito de vossa nobilissima e attenciosa modestia, porque assás motivos tens para o fazer; vossos valiosos serviços, a favor da Saúde Publica, vossos incansaveis trabalhos, em prò da Sciencia, e vossos nimios disvellos a bem da Classe Pharmaceutica, vão esculpir, com indeleveis caracteres, vosso nome immortal, na parte mais condecorada e mais digna do radioso Templo da Gloria.

Desculpae, Senhores, ao vosso mais infimo Consocio, se não satisfez, como devia, ao decoro d'esta Sociedade, e á vossa primorosa attenção. — Disse.

Terminando, o Sr. H. J. S. Telles, leu o Sr. Presidente o seguinte discurso.

## SENHORES !

A sociabilidade é um instinto de todos os animaes, e a grande tendencia de todos os sêres. Uma vida isolada, solitaria, e desacompanhada, converter-se-ia em existencia penosa e amargurada. Por entre a vicejante, amêna, e luxuriante paisagem do primeiro jardim do Universo, acalentado pelo doce murmurio da quadrupla corrente das aguas, embriagado pelo suave arôma de milhões de flôres, e distrahido pelo magestoso cortejo de immensos animaes; ainda o homem passa uma vida isolada, e foi essa soledade, que moveu, o grande Jehovat, a formar o ente encantador, que deveria adoçar sua existencia, e suavisar suas fadigas.

O homem, como todos os outros sêres, devia crescer e multiplicar-se; continuar a grande obra da criação era o seu mais solemne ministerio; e, reproduzindo-se, elle deu origem ás Sociedades. Eu vejo consignadas, nas paginas do Genesis, as historias de diferentes povos que se reuniram para cultivarem a terra; para fenderem os mares; para se auxiliarem ou combaterem; para domarem as fêras, ou se defenderem de seus acômmittimentos; finalmente, para produzirem e consumirem.

La captiva a belleza das filhas dos homens o coração dos filhos de Deus; os gigantes, mais celebres por seus crimes do que pela estatura, apparecem sobre a terra, e attrahem o castigo. Um diluvio, cuja existencia a fé e a sciencia comprovam, parece querer extinguir a raça humana; porém o homem, feitura a mais perfeita da natureza, não sossobra as torrentes, que com vehemencia se desprendem das rôtas cataractas do Céu; e no cume do Ararat, que não ás mãos do justo Deucalião, reaparece, para povoar a terra.

A Asia e Africa são de novo povoadas; o filho imita o paê, comprando para si as honras que ja tributava ao auctor de seus dias; e os homens, ligando-se cada vez mais pelos laços da sociabilidade, satisfazem esta grande tendencia do espirito, e em breve povoam a superficie do Orbe.

Dispensae-me, meus Collegas, de vos contar a historia do mundo nascente, e de vos mostrar, uma a uma, essas sociedades mais ou menos numerosas, que se desprendem e irradiam de diversos focos de reunião para diferentes pontos da terra, a fim de colonisarem climas diversos. Vós, melhor do que eu, sabeis que desde as tristes regiões-polares, onde o gêlo é eterno, o frio insupportavel, e a noute quasi perenne, até ás suaves plagas dos tropicos, e d'ahi até á zona torrida, debaixo de immensos meridianos, e a longitudes tão diversas e tão numerosas, se estendeu a nossa ascendencia; derivada, não da pequena molecula terrosa, favorecida pelo calor e pela agua, e reproduzida ou no pincaro da montanha ou no fundo do valle, mas de um tronco unico, compartilhado em innumeraveis divisões. E em alguma d'estas partes o homem não appareceu isolado, reuniu-se com os seus semelhantes, aggregou-se com elles, estabeleceu um perfeito communismo; e procurou, por um meio qualquer, cimentar fortemente este edificio indestructivel, que nós chamamos sociedade.

Dous mil duzentos quarenta e cinco annos antes de Christo, eu vejo erguerem-se magestosos os imperios do Egypto e da China, as famosas cidades de Jerusalem e Ninive, e a soberba Babylonia. A Grecia, a famosa e sabia Grecia, deu nascimento entre outras muitas cidades nobres a Athenas e Sparta. Na Asia apparecem Rhodes e Troya, a guerreira, e no paiz de Chanaan a commerciante Tyro.

Orphéo, que a engenbosa mythologia representa atrahindo os seixos com a melodia da sua harpa, torna-se celebre; porque, civilisando os homens selvagens, os une em sociedade. Esta precisão que todas as edades experimentavam de fazer reuniões, mais ou menos numerosas, para conseguirem o maximo gozo, vê-se verificada a cada passo na historia dos povos antigos. Enéas, expulso de Troya, vem fundar o Latium. A Asia vê-se inundada de uma multidão de colonias gregas. Nabuchodonoşor, primeiro lança os alicerces do imperio dos Assyrios. Os jogos

olympicos, tão celebres que estabeleceram éra, estreitam, entre os estados gregos, os laços da sociedade.

La se desprende uma colonia de Corintho, para fundar a Macedonia; uma outra funda a Syracusa, e um descendente d'Enéas dá origem á conquistadora Roma. Os Phoceos fundam Marselha; uma colonia de Gaulezes lança os fundamentos de Milão. O vasto imperio do Japão é povoado por uma colonia de Chinezes. Cançaria por certo a vossa attenção, se pretendesse, com uma presumçosa erudição, assignalar-vos todos os factos em que a historia nos mostra os homens reunidos e aggregados; não so para gozarem a influencia de um clima mais suave, para desfructarem as doçuras de um paiz mais fertil, para ostentarem uma barreira invencivel contra a invasão dos inimigos, mas para fomentarem a industria, e fazerem progredir o commercio que elles se reúnem.

Na Persia, os sectarios de Zoroastres; na India, os Bra-chamanes; no Egypto, os Prophetas, os Chantres, e Scribas; entre os Celtas os Bardos e os Druidas; provam-nos cabalmente que, para cultivar o espirito e indagar a verdade, se constituíram sempre em sociedade os homens.

Na Grecia, Pythagoras, funda uma eschola, e vê-se cercado de numerosos discipulos, e até de mulheres que philosophavam; sua doutrina é transmittida por seus discipulos: e, apezar de poder-se erguer furioso contra elle a ponto de lhe queimar a habitação, as maximas do mestre reapareceram modificadas, e formaram a base d'immensas escholas. Platão ensina os seus dogmas em um passeio perto d'Athenas.

Depois d'este sabio, as Academias começam d'apparecer; Spensippo occupa o magisterio da primeira; Arcésilas ensina na segunda; Carnéades fundou uma outra.

Seria fastidioso, Senhores, percorrer uma tão longa serie de seculos, para vos apontar, em todos os tempos e em todos os logares, as sociedades na sociedade.

A associação, reunindo em um todo muitas intelligencias e muitos braços, faz nascer a força e a sciencia. E' a sociedade como um foco para onde convergem muitos

raios, que, apertados em um só ponto, tomam mais ajustada direcção; é um sarcophago utilissimo, onde se depositam muitas sommas, de valores mui diversos, mas que accumulando-se vem a produzir um capital espantoso.

Em sociedade os tibios sentem-se robustecer, os pusillanimes animam-se, os fortes encorajam-se; e todos contribuem gostosos para satisfazerem a maxima precisão do corpo — o gosar — e a maior necessidade do espirito — o saber.

E' por isso que eu vejo, a moderna sociedade, caminhar com passos de gigante para a grande obra da civilisação, estreitando cada vez mais os laços da sociedade.

A sciencia tem a cumprir esta nobre missão; e bem adiantada vae ella ja. Os telegraphos electricos, communicando o pensamento, quasi com a velocidade do mesmo, a todas as nações; o vapor, fendendo as aguas com uma velocidade incrível, para estabelecer rapidas as communições; montanhas numerosas, arrasadas para não obstarem a junção dos homens; e as sociedades, a surgirem de todos os cantos do mundo, a crescerem, a vigorarem, a darem fructos utilissimos, e a auxiliarem o progresso do espirito para a perfectibilidade: eis o quadro magestoso que o mundo hoje nos offerece.

E para levar a effeito esta grande empreza, em que todos estão empenhados, cumpre-nos a nós, como Cidadãos e como Pharmaceuticos Portuguezes, um grande quinhão.

Felizmente, vencendo todos os obstaculos, que quasi insuperaveis se nos erguiam de todas as partes, começamos afoutos a trilhar a senda da illustração; e so animados pelo nobre desejo de sermos uteis ao nosso paiz, muito ja temos conseguido. Não nos vedou a pobreza da classe, e desprezo em que era tida; nem os poucos interesses que tiramos da profissão; o glorioso esforço que havemos feito, para apparecermos á frente da Europa, como dignos do sacerdocio augusto que exercemos; os nossos pulsos ainda rôxos pelas correntes que longo tempo nos algemaram, ainda foram bastante fortes para desinvolverem o

magestoso pendão da nossa independencia; o campo pharmaceutico estava cheio d'urzes, ja bastante arroteado vae elle, e a semente que, faz hoje treze annos, lançámos á terra, felizmente ja hoje a vejo convertida em dourada e esperançosa messe.

Mas que é isto, Senhores, a confusão embarga-me a voz, esquecem-me os conceitos, faltam-me as expressões, fallecem-me as forças ao lembrar-me do magestoso logar a que a vossa amisade, que não merito meu, se dignou elevar-me. Como poderei, meus Collegas e Amigos, n'este Dia Solemne da vossa emancipação intellectual, ser digno interprete dos vossos generosos sentimentos, e perfeito executor do meu respeitavel ministerio? Se os desejos so bastassem, feliz eu me reputaria, mas não; forçoso era que, n'este momento, viesse occupar o meu logar mais distincto Orador, cuja eloquencia fecunda o tornasse digno d'esta Cadeira. Mas não; vós sois excessivamente bons para desculpardes as minhas faltas, e para deixardes de perdoar meus defeitos.

Será pois hoje o meu empenho, mostrar-vos que a Pharmacia tem sido, em todos os tempos, a mais poderosa auxiliar da Chymica; que, fraternizando com esta sciencia, tem hoje adquirido um novo aspecto, e que muito tem ainda a esperar da sciencia de Lavoisier, para chegar ao cume de perfeição, mormente em Portugal.

Feliz eu se desempenhar o meu empenho.

Pedir a attenção, é a practica de quasi todos os oradores que fallam ás turbas, que por muito numerosos são quasi sempre poucos escolhidos; a este auditorio tão conspicio, eu so peço desculpe os defeitos da minha oração.

Genio Protector da Pharmacia, adejae benigno sôbre mim, inspire-me e torna-me digno da Assembléa que me escuta. Principiu.

Senhores! Com bastante razão, dizia Fressinus, um dos mais illustres oradores da França, que d'entre todos os estudos com que o espirito se nutre, nenhum excede nos encantos ao da historia.

Remontar aos primeiros seculos da existencia do mun-

do; vêr como as sociedades nasceram, cresceram, declinaram, e se sumiram; contemplar das ruínas d'uns imperios a natividade d'outros, e seguir passo a passo o seu progressivo desinvolvimento; vêr como as cidades surgiram do nada; como os povos se multiplicaram; como as suas necessidades fizeram surgir a industria, e como esta saudou reverente a sciencia, ambas se deram as mãos para levarem a effeito as mais primorosas obras do genio; é por certo um dos mais sublimes e brilhantes resultados d'esta mestra da vida, e mensageira d'antiguidade, como lhe chamou o eloquente Cicero. Circumspecto ao estreito recinto do gabinete, pode o homem, incapaz de avaliar immensos sêres que o rodeiam, fazer passar perante si todas as gerações, a quem a livida mão da morte ceifou da superficie da terra; examinar a indole dos povos, que já não existem; contemplar os imperios, que a roda incânçavel dos tempos, no seu sempre eterno gyro, reuniu nas trevas do nada; e conversar placida e tranquillamente com o guerreiro destemido, com o sabio famoso.

Folheando o famoso livro da historia, eu vejo magestoso, como agora existirem na Grecia Themistocles, famoso pelo seu genio guerreiro; Socrates, immortal pela sua virtude; Platão, por seus estudos; e Demosthenes, pela fecunda eloquencia. E' ainda a historia quem nos apresenta, salvos do olvido dos tempos, Scipião conquistando Carthago, e Cesar vencedor das Gallias; um Marco Tulio, e o philosopho Tacito.

Foi, Senhores, rompendo os sêllos sagrados dos annaes do mundo, e lançando minhas vistas por sobre as paginas magestosas da historia dos povos, que eu, entre todo o apparatus das conquistas, e o admiravel movimento das nações, enxerguei sempre veneranda e venerada a Pharmacia, irmã gêmea da Medicina e Cirurgia, a esposada dos Sabios, a amiga da Humanidade, a mimosa dos Principes, como lhe chamou um nosso amigo e collega o Sr. Sousa Pereira.

Não espereis que eu agora vol-a mostre, correndo parcellas em antiguidade com o mundo; que vol-a represente



respeitada nos templos, considerada como filha da divindade; ou que pretenda ennobrecê-la, descrevendo em longo cathalogo os nomes illustres de Reis e Sacerdotes, Principes e Mulheres famosas que a practicaram: não.

De sobra vos podeis gloriar de vê-la marchar sempre a par do progresso das mais importantes sciencias, partilhando os seus progressos, e ministrando-lhe, bastantes vezes, famosos e abalisados serviços; até se constituir uma sciencia especial, como ja vos demonstrei fez hoje dous annos.

Se assignalar o principio da existencia d'uma nação, é muitas vezes trabalho difficil senão impossivel: ir procurar, na escuridão dos seculos, o começo d'uma sciencia, é tarefa penosa e pela maior parte das vezes inexequivel; revolver as frias cinzas das gerações, penetrar por essas éras fabulosas e incertas, em que prevaleciam o mysterio e a impostura; discriminar das tradições falsas as verdadeiras, e apontar com precisão o periodo exacto do nascimento da Pharmacia, seria talvez um estudo agradável para alguém, mas que eu julgo de bem pouco vulto.

Ligada com a Cirurgia e Medicina a Pharmacia, deve ter existido desde os primeiros annos do mundo; porque o homem, sempre desejoso de minorar seus padecimentos, procuraria muitas vezes, talvez guiado pelo instincto nos séres que o cercavam, linitivos ás suas enfermidades.

Não é porém, Senhores, da polypharmacia, com todas as suas imperfeições e extravagancias, que eu hoje quero fallar-vos; conformando-me perfeitamente com a opinião do sabio professor do Collegio da França, não vejo nos Egyptios, nos Chinas, e nos Caldeus, considerados por alguns auctores como mui habeis chymicos, mais do que homens habilissimos em observar, e completamente ignorantes da theoria das sciencias. Os Romanos, segundo a opinião de Plinio, não lhes levavam mais vantagem.

Os livros pharmaceuticos d'essas epochas, como diz Soubeiran, são perfeitos tractados de magia; algumas das formulas d'esses tempos, que teem chegado até nós, taes como a theriaca, evidenciam bem os seus poucos conhe-

cimentos. As receitas guardadas no templo de Diana, o herbario de Ching-Nong, e os extractos preparados por este principe, as formulas escolhidas por Mithridates; tudo isto nos revela o começo da pharmacia, e origem das mais brilhantes descobertas dos chymicos.

E' em epochas muito mais proximas, que a pharmacia começa a tomar uma forma regular; e isto, sem duvida, em consequencia dos trabalhos dos chymicos e alchymistas.

La surgem, entre os Arabes, Geber, Avicenna, Rhazes, e Mesué, que deram á medicina um novo impulso. A pharmacia começa d'aproveitar os processos da chymica, e novos medicamentos enriquecem a pharmacologia.

Roger Bacon, o primeiro escriptor chymico da Europa, abre uma nova epocha na sciencia, provando, na sua *opus majus*, as vantagens da experiencia.

Era justamente a este ponto que eu desejava chegar, para provar-vos que so da experiencia chymica pende a perfeição pharmaceutica.

A pharmacia, ao principio, limitada á simples mistura de algumas drogas, á confeição d'algumas panacéas, tinha um fim muito mais nobre a que aspirar. O pharmaceutico não podia nem devia ignorar que, da mistura de substancias diversas, do contacto intimo d'acidos e bases, de corpos oxydados e desoxygenantes, da junção perfeita de corpos diferentes, capazes de a reagirem, novos compostos se deviam formar.

A practica rotineira não devia durar muito, e esses preparados, ao principio, compostos a capricho, uma vez estudados, deveriam produzir uma completa reforma na pharmacia, e imprimir-lhe um character todo novo.

Arnault de Villa-nova, apparece tão entusiasta pela chymica, que chegou preferil-a ao incruento sacrificio; fez experiencias por meio da distillação, fez a descoberta da essencia de terebinthina, e talvez da essencia de rosmanninho.

Raymundo Lulle, com toda a vehemencia de seus amo-

res, com o ardor do seu caracter guerreiro, no meio do tumulto d'uma vida inquieta e desassocegada, contribue bastante para os progressos da chymica e da pharmacia. No empenho de encontrar a pedra philosophal, fixa a attenção dos chymicos sobre os productos volateis da distillação; e na explicação que dá da preparação do *elixir dos sabios*, atravez dos ridiculos symbolos de que se serve, manifesta-se claramente a perspicacia do seu espirito, e uma bem dirigida experimentação.

Em epochas mais approximadas (1414), Basilio Valentim apresenta o processo para se obter o antimonio; e desde então as preparações d'este metal passam para o dominio da medicina.

Paracelso, cuja vida destregada pouco promettia á sciencia, deu novo impulso á pharmacia, e a todas as sciencias medicas; é elle, Senhores, o primeiro que, guiado pela sua theoria da quinta essencia, chega a mostrar que nos vegetaes, além de todas as suas partes menos activas, existiam outras perfeitamente energicas, e que representavam a virtude do vegetal.

Vanhelmon, Cassius, Libavio, e Glauber, continuaram sem cessar a fazer novas applicações da chymica á medicina. Percorrendo um maior lapso de tempo, apparece Le Fevre que divide a chymica em philosophica, iatro-chymica, e chymica-pharmaceutica. E' n'esta ultima que elle estuda os processos a seguir na preparação dos medicamentos. Em quanto Lemery e Homberg na França enriquecem a chymica de novos factos, na Alemanha Becher e Stahl applicam com brilhantes resultados a analyse, e muitos phenomenos chymicos são por elles explicados. Foi, Senhores, o grande Stahl, quem primeiro começou a desmorronar a theoria de Aristoteles, fazendo vêr que, além dos quatro elementos, outros corpos haviam indecomponiveis. O pharmaceutico Schéel, entregue todo no socego da sua botica, ao estudo das reacções mutuas dos corpos, descobre, analysando o fluorureto de calcio, e o acido fluo-silicico. Foi ainda o pobre pharmaceutico que explicou a Bergmann a razão porque, do nitro, se desin-

volviam os vapôres do acido hypo-azotico, que este sabio não tinha podido explicar. Foi ainda Schéelle, o pharmaceutico, quem descobriu os acidos, manganésico, arsenico, molybdico, lactico, galhico, citrico, e prussico. Não parou aqui o espirito experimentador do pharmaceutico, descobre ainda muitos corpos simplicés, e assignal-a a existencia d'outros. Priestley prosegue n'estes trabalhos, e prepara os animos para o apparecimento do immortal Lavoisier.

Que vos direi, meus Collegas e Amigos, d'esta epocha gloriosa, em que o genio transcendente d'este sabio faz mudar completamente a face das sciencias. Para elle, as theorias infundamentadas dos antigos, não teem valor; o credito das theorias, adquirido pela longevidade, fana-se na presenca das suas delicadas e precisas experiencias.

Lavoisier não vê, n'estas reacções chymicas, nem percas nem creações novas. Uma grande descoberta assignal-a o começo dos seus trabalhos; o peso do composto deve ser igual ao dos componentes, diz elle, e a balança é empregada pela primeira vez nas analyses-chymicas. Foi Lavoisier, Senhores, que fazendo a mais delicada applicação da analyse, abriu o caminho, ainda não trilhado, por onde a chymica deveria marchar gloriosa e sublime, prestando os mais valiosos serviços a todas as artes e sciencias. Foi elle, meus Collegas, que precisamente nos mostrou a natureza do ar, da agua, dos metaes e das terras. Seu nome marca a epocha mais gloriosa da chymica. Obedecendo ao forte impulso que Lavoisier lhe communicou, a chymica abandona as suas antigas e mal fundadas theorias, simplifica o rigor da sua linguagem, e começa uma nova existencia, tanto mais nobre e sublime, quanto baseada no testemunho auctentico dos sentidos. Se o acaso, até mil sete centos e setenta e sete, tinha muitas vezes revelado, ao chymico e ao pharmaceutico, a composição intima dos corpos, e lhe tinha patenteado, como simplicés, substancias até então reputadas compostas; se a experiencia começara a esclarecer, ainda que incompletamente, a intelligenza humana, com Lavoisier, Senho-

res, nasce uma nova era, em que a chymica antiga cede á moderna sciencia. Se ás gloriosas descobertas de Lavoisier junctarmos as de Richter, Rouelle, Proust, Wollaston, e Neumann, certamente se nos afigura esta a mais bella epocha da sciencia.

¿ E a par d'estes espantosos progressos da chymica, permanecerá acaso estacionaria a nossa sciencia predilecta, a quem competia procurar, por toda a parte, a perfeição e o progresso? Não, Senhores.

A pharmacia, a irmã da cirurgia e da medicina, a encarregada de procurar por toda a natureza novos lenitivos para as enfermidades e tormentos da humanidade, não pára, não descança um so momento na sua marcha progressiva e incançavel. Com ufania o digo, a pharmacia, em todos os tempos, concorreu para os progressos da chymica, e sempre aproveitou as suas descobertas. Schéelle, Lemery, foram pharmaceuticos; Rouelle, Wensel, Proust, professaram a pharmacia. « O modesto laboratorio do pharmaceutico, como diz Soubeiran, tem sido, em todos os tempos, o viveiro dos chymicos, e theatro de grandes descobertas, tendentes todas ao bem do genero humano. »

Folheae, Senhores, os antigos livros da sciencia, e encontrareis, a par de algumas formulas racionaes devidas a Glaser, Dippel, Glauber, e outros, que mui bem conheceis, uma immensidade de processos extravagantes de formulas ridiculas, e de medicamentos empiricos, que chegam a excitar o riso. E porque n'essas epochas a pharmacia, definia-se a *arte de colher, conservar, e preparar os medicamentos*; e a chymica ainda senão tinha cabalmente encarnado na sciencia de Baumé, de Bayen, de Cadet, e de Soubeiran.

Hoje a pharmacia está intimamente ligada com a chymica, e o individuo que professa aquella, não pode desconhecer esta; e do emprêgo da analyse, está pendente o seu maximo progresso.

O pharmaceutico d'hoje, sendo o encarregado d'ir pedir á natureza os seus dons, de os escolher, preparar, modificar, e combinar diversamente até os pôr em circums-

tancias de irem satisfazer, pela sua acção no organismo, as vistas do chymico, precisa ter vastissimos conhecimentos de todas as sciencias, e fazer d'ellas uma continuada applicação. A botanica, a physica, a zoologia, a mineralogia, a mathematica, a meteorologia, fazem, Senhores, uma parte indispensavel do estudo do pharmaceutico; a quem a grandeza, a transcendencia da sua profissão, collocam na estricta obrigação de não enterrar, como o servo do Evangelho, o talento que lhe foi confiado.

Mas, Senhores, se forçoso é que cultivemos todas estas sciencias, mais do que todas ellas, nos cumpre aproveitar os progressos da chymica. E ainda d'esta sciencia, indispensavel nos é fazermos um continuo uso da analyse.

E' por meio d'esta que as substancias mineraes se tem melhor estudado, e que a sua natureza se tem reconhecido; que tem verificado a composição dos terrenos, e as vantagens ou inconvenientes que d'ella resultam para a agricultura, bem como a sua influencia na composição dos vegetaes. E' a analyse que tem guiado o pharmaceutico e o medico no estudo da natureza das diversas aguas que borbulham á superficie da terra; ja mineralisadas pelo ferro, e pelos diversos saes, ou ricas de gazes differentes. E' a analyse o facho brilhante que tem conduzido o pharmaceutico a ir buscar, ao seio dos animaes, o seu mais activo principio; que lhe tem revelado a composição intima dos vegetaes, e os alcaloides, nos quaes parece residir a sua força activa. E' a analyse que tem hoje impresso um caracter todo novo, nas formulas de que usamos, e que por um modo maravilhoso vae cada vez mais aperfeiçoando os processos; ja pela escolha de dissolventes mais apropriados, ja pelo emprêgo de substancias menos complicadas e mais energicas.

¿ Mas acaso teremos nós, os pharmaceuticos portuguezes, attingido ja o alyo a que nos dirigimos? Ah! meus Collegas! desejara n'esta hora podêr eximir-me ao penozo de ver que me impõe a dignidade de que me revestistes; não ter de lembrar-vos que, se muito temos feito, muito ainda nos resta a fazer.

E' uma verdade eterna, attestada por todos os seculos e por todos os povos, que as Nações, assim como os individuos, teem nascimento, prosperidade, decadencia, anniquilamento.

Portugal ja foi grande, e ja marchou na vanguarda de todas as Nações. A Italia admirou o nosso Achillo Estaço, Roma escutou attenta o nosso André Bayão; a Europa respeitou o nosso Gareia de Orta; os melodicos cantos d'um Camões, encheram de enthusiasmo os dous mundos; e Portugal assignalou o seu podêr e sabedoria por todas as Nações. Acalantados com grave retinir das armas, e ebrios de gloria e de grandeza, deixámos que as outras Nações da Europa nos roubassem o posto a que tão gloriosamente havíamos chegado.

Felizmente o ruido que as sciencias e as artes faziam la por fora, na sua marcha pasmosa, accordou-nos do lethargo em que jazíamos, considerando ainda com jubilo o que tínhamos sido.

Fatal successo! Admiramos o progresso alheio, saudamos com enthusiasmo a grande revolução que a intelligencia ia completando; e quando lançamos vistas sobre nós, encontramos nos um seculo áquem da europa civilisada. Ainda ha quatorze annos Portugal não possuia imprensa livre, associações scientificas, discussões plenas, nem aulas regulares onde o espirito se podesse desinvolver. Um efforço ponde introduzir-nos no caminho da moderna sciencia, porém logo uma lucta cruel se trayou entre o espirito, que queria sublimar-se, e milhares de circumstancias que lhe tolbiam os vãos; e essa lucta infelizmente ainda dura.

Vós tambem, ou melhor do que eu, sabeis, que ao homem que deseja cultivar a sciencia, mil obstaculos se lhe oppõem, vedando-lhe todas esta mais nobre tendencia da alma.

Forçoso é, Senhores, que n'este dia de gloria e de faustosas recordações, eu não manche os meus labios com conceitos mentirosos, disfarçando-vos a verdade por amarga, para somente vos lisongear triumphantes.

No nosso malfadado paiz, n'este ameno jardim da Europa, « como ja lhe chamou um Viajante » em que a natureza por toda a parte nos convida a estudal-a, tudo se conspira contra o homem da sciencia, desde a necessidade de ganhar, com immenso trabalho, o sustento, até á falta de livros, de instrumentos, e até mesmo de eschol-as.

Foi sem duvida, meus Collegas, para vencer todas estas difficuldades que circundam a qualquer individuo, especialmente queira dar se á cultura da sciencia, e para levarmos a pharmacia á perfeição, que esta Sociedade foi instituida.

Lembrados estareis, que além de muitos exforços e de immensos trabalhos, conducentes todos ao progresso da Pharmacia, e ao aperfeiçoamento da Classe; no seio d'esta Sociedade é que começaram as analyses dos remedios empiricos, das aguas-mineraes, das substancias inorganicas, e mesmo organisadas. Fosteis vós egualmente os primeiros a dar, ás analyses chymico-legaes, todo o rigor que o estado actual da sciencia permittia, e os que empregastes primeiro o apparelho de Marsh.

Com tudo não julgueis que a vossa tarefa esteja finda: não. A mim, que collocastes n'este lugar, não me cumpre so recordar-vos as vossas glorias passadas, e os meritos do presente; a mais do que a isso se dilata o meu dever: quero apontar-vos para o futuro, porque ja diviso ao longe uma geração nascente, que vos hade abençoar pelos vossos serviços.

Cumpre-vos pois, Senhores, como Pharmaceuticos, e como Membros d'esta Sociedade, o trabalhar incansavelmente, para fugir ao jugo scientifico que os livros estrangeiros nos impõe.

Cultivar a sciencia, e dar-lhe, á custa de experiencias e observações propriamente nossas, o caracter nacional, deve ser o nosso maior empenho. As analyses vegetaes, devem ser por nós feitas em larga escala, não basta o encontrarmol-as consignadas nos livros das outras nações; forçoso é, Senhores, para consummarmos a obra que en-



cetámos, de elevar a pharmacia ao seu maior auge de perfeição, que explorêmos muito o campo vegetal, e que procuremos, quanto nos fôr possível, verificar as analyses que ja estão feitas, repetir as incompletas, e começar a indagar a composição chymica das ainda não estudadas. O nosso paiz abunda em plantas uteis, algumas das que o povo, so guiado pela rotina, applica á cura das suas enfermidades, e que ainda não estão analysadas.

Falta-nos fazer o estudo chymico dos extractos, analysar o senne, estudar chymicamente as alterações dos hydrolatos, e indagar a riqueza alcoholometrica dos nossos vinhos, bem como a natureza de muitas das nossas aguas.

Eu talvez andasse mais avisado, se me limitasse a mencionar, como Enéas no banquete de Dido, os vossos trabalhos e glorias passadas; porém o amor que consagraes á sciencia, e terdes ja começado alguns d'estes trabalhos, que eu vos lembro, mais me animam a persuadir-vos que continueis.

Os trabalhos de Raspail, Dumas, Berzelius, Pelletier, e Peligot, promettem todos os dias novos recursos á pharmacia; continuando nós, como até hoje temos feito, a applical-os ao aperfeiçoamento das formulas, e ao enriquecimento da pharmacologia, muito teremos conseguido. E' ainda a analyse-chymica quem vos deve guiar na confecção de uma pharmacopêa, obra que por certo vos não deve esquecer. E não param aqui os serviços que podereis prestar á medicina. Não é so procurar melhorar os methodos, aperfeiçoar as formulas, e enriquecer a pharmacologia, que vós tereis preenchido o vosso fim.

A physiologia e a pathologia, teem a esperar de vós, como homens acostumados a observar constantemente as reacções dos corpos, a sua mutua acção, e os meios de obter valiosos serviços. Falta uma analyse do sangue, nos estados physiologico e pathologico; e a analyse do pus, da bilis, do leite, &c. &c.

E' tempo de principiarmos a colher factos nossos, observados para nós e entre nós. Esta tarefa particularmen-

te vos pertence, como Sociedade, onde se encontram recursos de todos os generos, que não serão facéis de encontrar fora d'este gremio.

Tenho, Senhores, provado exuberantemente a minha proposição. E convencido estou de que esta Sociedade, a que me honro de pertencer, tem sido o mais valioso padrao, e o mais bello propugnaculo a favor da classe, e da humanidade enferma, que não posso deixar de vos prognosticar um futuro de gloria.

Não julgueis porém que vos fallo d'essa gloria que se patentêa radiosa e brilhante; não. A essas fortunas collosaes, a essa fama mentirosa, a esses gozos tranquillos e ociosos, não poderá nunca aspirar o pharmaceutico. No humilde laboratorio, que não na sala refulgente, cercado de familia, que exige sustento, e não de visitantes; abraços com o trabalho, e não no gozo dos deleites, é que o pharmaceutico quasi sempre vive. Uma existencia consagrada toda ao bem da humanidade, passada no estudo, consumida na experiencia e observação; uma vida de continuos esforços, d'incansaveis serviços prestados ao doente, que olha o pharmaceutico como um sacerdote incumbido do mais sagrado ministerio, qual é o de minorar seus males, jamais nos habilita para podermos desfructar os bens da terra. E não sou eu, Senhores, o unico que annuncio esta verdade, a experiencia de todos os tempos, e as venerandas palavras do nosso Collega Cap, que confessa ser a nossa profissão de todos os meios de alcançar fortuna, o mais vagaroso, vol-o comprovam de sobra a profissão pharmaceutica, como mui bem sabeis, exigindo, da parte de quem a professa, toda a dedicação; inhabilita pela multiplicidade dos estudos que comprehende, pela responsabilidade que impõe ao pharmaceutico, que este se dedique a qualquer outro ramo de industria. Sendo o augmento das fontes da receita o germen das riquezas, e dependendo as grandes fortunas, que asseguram um futuro de prosperidade, ou dos bens adquiridos, seus trabalhos, ou d'um trabalho material em larga escala, ou de bem combinadas transacções commerciaes; facil é de intender que raras

vezes o pharmaceutico poderia aspirar a essas fortunas, que lhe promettessem uma velhice tranquilla, e um pro-  
vir risonho.

¿ Mas, Senhores, acaso teremos nós a prudencia, ou va-  
lor necessario, para sacrificar a triste posição, a que muitas  
cousas promiscuamente reduziram a nossa classe, as inclina-  
ções mais decididas da nossa alma, os affectos mais vehemen-  
tes do nosso coração, todos os gozos, ainda os mais licitos?

¿ Acaso não será bastante heroismo, trocar as profissões  
mais brilhantes e lucrativas, pela modesta vida de phar-  
maceutico; e sacrificarmos todos os instantes da nossa exis-  
tencia ao bem da humanidade? ¿ Haveria ahi algum tão  
cruel, que pretendesse que o pharmaceutico, porque pro-  
fessa uma sciencia tão prestadia, e tão transcendente, mas  
ao mesmo tempo pouco lucrativa, desconhecese as pro-  
prias tendencias do coração, as mais suaves inclinações  
d'alma? Não, Senhores, eu invoco o vosso proprio testi-  
munho; alçae a voz, meus Collegas, e dizei-me, se não  
obstante a mesquinhez de vossos lucros, a incerteza de  
vosso futuro, não cedesteis a essa força magica e indefi-  
nivel, que impelliu vossos corações para o de um ente,  
que deve adoçar vossas magoas, encher de felicidade a  
vossa existencia, acompanhar-vos nas vossas enfermidades,  
vigiar pela vossa vida, chorar talvez sobre vosso ataúde,  
e mais do que tudo enriquecer-vos com os innocentes fi-  
lhinhos, dirigir seus corações, formar sua intelligencia,  
inspirar-lhes saudaveis maximas de virtude, e tornar os di-  
gnos de vós e da Patria, sim por uma Esposa.

Mas ah! Esposa? Filhos? . . . Uma scena bem tris-  
te se me afigura n'este momento! Parece-me vêr fechada  
uma Pharmacia, e lugubrememente obscurecida! . . .

O pharmaceutico, depois de uma aturada enfermidade,  
vae quasi a succumbir; estendido jaz elle sôbre o leito,  
em torno do qual permanecem como estatuas, so anima-  
dos pela dôr e pela magoa, sua esposa e filhos. As lagri-  
mas desprendem-se-lhe a fio; os rostos estão pallidos; e  
os peitos arfam-lhe com vehemencia; e dos labios lividos  
e resequidos exhalam-se gemidos crueis.

O anjo da morte aproxima-se; libra-se em suas azas negras por sobre a enlutada habitação, e chega de mais perto para ultimar o sacrificio. A victima entre-abre os ja amortecidos olhos, lança um olhar terno para a esposa, volve a vista compassiva aos filhinhos, e diz-lhes fui um bom marido e um bom pae; como pharmaceutico procurei sempre desempenhar a minha nobre e sancta profissão; não manchei minhas mãos, não mercadejei com a mais nobre das sciencias; não busquei lucros e riquezas, onde so tinha a procurar estudo, assiduidade e perfeição.

Tenho a consciencia de que fui um pharmaceutico que desempenhei fielmente a minha missão. Minha esposa, figura-se-me ouvir-lhe, meus filhos emittem-me na honra, e não amaldiçoam o pobre pharmaceutico, porque so vol-a deixou a par da miseria.

Miseria! a esta ultima palavra do nosso honrado pharmaceutico, guardada como ultima arrba, é desgraçadamente a herança da viuva e dos orphãos dos nossos Collegas. Porém, Senhores, para tantos males ja o Evangelho tinha deixado um sublime remedio, e vós soubesteis dignamente constituir-vos sem executores.

Fundando o Monte-Pio Pharmaceutico, soubesteis interpretar a grande maxima de S. Paulo, que sem charidade tudo é vão; e, cumprindo o mais sagrado dos deveres, pondesteis mesmo elevar a esmola a uma tal cathedra, que lhe roubasteis todo o humilhante que so ella poderia encontrar almas nimamente delicadas. Eu vejo, Senhores, estas pequenas quotas, prodigiosamente multiplicadas, pelo maravilhoso segredo das accumulções; e convertidas em um capital, destinado a levar, após a alegria, a virtude, e o descanso ao seio das familias, e ao coração da pobre viuva, e da orphã infeliz. E' ao Monte-Pio Pharmaceutico que muitas mães deverão o arrimo de suas filhas, e muitas filhas a existencia de suas mães, e a conservação da sua mais preciosa prenda; que talvez corresse grande risco, na lucta cruel da honra e da miseria.

Continuae por tanto a auxiliar esta nobre e proveitosa Instituição, que assim dareis mais uma prova do quanto

os Pharmaceuticos Portuguezes são dignos da Sciencia que professam. — Disse.

Sendo 7 horas e meia da tarde, fechou o Sr. Presidente a Sessão Solemne Anniversaria.

*J. P. Azevedo,*  
1.º Vice-Secretario.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

*Acta n.º 325, de 11 de Novembro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 5 horas e meia da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando ja presentes 20 Membros Effectivos.

Leu o Sr. 2.º Secretario, Monteiro Freire, a Acta da Sessão precedente, que foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario, apresentou á Sociedade 8 Officios de diversos Delegados e Membros Correspondentes Nacionaes, a que se deu o competente destino.

O mesmo Sr., mencionou varios objectos doados, que fôram recebidos com especial agrado.

O Sr. I. C. Azevedo, apresentou uma proposta de Candidato. A pedido do Sr. Presidente, fôram dispensadas as formalidades do Regimento, e proclamado Membro Effectivo o Sr. Antonio Paes da Cunha Mamede, pharmaceutico em Lisboa.

O Sr. S. Athanasio, apresentou, por parte da Commissão de Pharmacia, dous Pareceres: o 1.º, ácerca do apparelho distillatorio que o Sr. Ogando fêz modificar; o 2.º, sobre a machina para os papeis epispasticos, ideada pelo Sr. Telles senior.

O Sr. Calçado, como Director da Commissão d'Historia Natural, leu um Parecer da mesma, ácerca d'um musgo apresentado pelo Sr. P. F. Norberto.

O Sr. Loureiro, como Relator da Commissão de Direito Pharmaceutico, apresentou quatro Pareceres da mesma, sobre diversos objectos.

O Sr. Telles senior, por parte da Commissão de Redacção, leu um Parecer ácerca da Proposta do Sr. J. Tedeschi, sobre o Programma para o 5.º tomo do Jornal, bem como o voto em separado, assignado pelo Sr. Telles Junior, e Pereira d'Azevedo.

Entrou em discussão a continuacão do Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, ácerca da Proposta do Sr. J. Tedeschi.

chi. O Sr. Pereira d'Azevedo, requereu que entrasse em discussão o Parecer da Comissão de Redacção, sobre o Projecto do Programma para o tomo 5.<sup>o</sup> do Jornal; o que sendo verificado, se approvou, depois de alguma discussão, sendo regeitado o Parecer da Comissão.

Discutiu-se, seguidamente, o Parecer da Minoria, em cuja questão tomaram parte os Srs., Norberto, Ogando, Telles, junior e senior. Por proposta do Sr. J. Tedeschi, se procedeu á votação nominal, e foi approvedo, com um pequeno addicionamento do Sr. Telles senior, por todos os Membros presentes, excepto o Sr. J. Tedeschi, que regeitou.

Sendo 9 horas da noute, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Acta n.º 326, de 25 de Novembro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão. Achavam-se ja presentes, 19 Membros Effectivos, e 1 Honorario, o Sr. Candido Albino.

Leu-se a Acta da Sessão antecedente, bem como a do Conselho Administrativo; ambas foram approvedas.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, mencionou a correspondencia, que constava de 7 Officios de varios Membros Correspondentes, e Delegados da Sociedade; e bem assim um do Sr. Domingos Monteiro Albuquerque e Amaral, Juiz de Direito do 2.<sup>o</sup> Districto Criminal, para se lh'indicar o dia em que devia comparecer, para se dar principio ao andamento da Analyse Chymico-Legal, dos productos pathologicos, remettidos de Castello-Branco.

A Mesa foi auctorizada para lhe marcar o dia. Aos outros Officios se deu o destino competente.

A Sociedade recebeu, com especial agrado, varios objectos doados, que o Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario mencionou. O mesmo Sr., deu parte de haver a Mesa visitado o Sr. J. L. Monteiro, por occasião de molestia; assim como de ter feito uma visita de pezares ao nosso Membro Benemerito, e 1.<sup>o</sup> Vice-Presidente, o Sr. J. D. Corrêa, que se achava enojado pelo obito de sua Mana, a quem a mesma Mesa tinha acompanhado, em funeral, ao seu jazigo. O Sr. J. D. Corrêa, que tendo concluido os dias de nojo, se achava ja presidindo, agradeceu, com termos os mais urbanos e cavalheirescos, á Sociedade, em geral, e em particular a varios Membros, a parte que tinham tomado nos seus pezares.

Entrou em discussão o Parecer da Comissão de Direito Pharmaceutico, acerca da Proposta do Sr. J. Tedeschi, relativa aos Membros Correspondentes Estrangeiros, que foi approveda; e procedendo-se á votação, por espheras, fôram proclamados Mem-

bros Correspondentes, os Srs., John Savery, 1.<sup>o</sup> Presidente da Sociedade dos Pharmaceuticos da Grã-Bretanha, e Jacob-Bell, Pharmaceutico, Membro Instituidor da Sociedade Pharmaceutica da Grã-Bretanha; e o Sr. Jonathan Pereira, Professor de Materia Medica na Eschola de Pharmacia da mesma Grã-Bretanha, foi igualmente proclamado nosso Membro Honorario. Por egual motivo, tributou, o Sr. Candido Albino, á Sociedade, os mais insinuantes agradecimentos, e hem assim, pelo acolhimento que ella tinha feito ao seu Tractado dos Venenos, e que procuraria demonstrar o seu reconhecimento; dedicando-se ao serviço da Sociedade. Expressões que o Sr. Presidente retribuiu attentiosamente.

O Sr. 2.<sup>o</sup> Secretario, Monteiro Freire, apresentou uma Proposta por parte da Commissão de Pharmacia.

Os Srs., Telles junior, e Vicente Tedeschi, mandaram para a Mesa, cada um, seu artigo scientifico.

O Sr. Monteiro Freire, por parte da Commissão de Pharmacia, apresentou o oleo extrahido das castanhas d'Iuhambane, com o respectivo Parecer.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Operador, deu as precisas explicações ácerca das experiencias toxicologicas, a que havia procedido sobre as pelli-culas das supradictas castanhas.

A pedido do Sr. Presidente, entrou em discussão e foi approved, na generalidade, o Parecer da Commissão de Pharmacia, ácerca do apparelho distillatorio feito pelo Artista, o Sr. Leone, morador na rua de S. Lazaro n.<sup>o</sup> 6.

Entrando-se na especialidade, tomaram parte na discussão os Srs., Ogando, J. Tedeschi, J. A. Rodrigues, Telles junior, Telles senior, e M. Freire; e foi approved, com as modificações propostas por alguns Membros.

O Sr. J. Tedeschi, como Director da Commissão de Direito Pharmaceutico, apresentou o Parecer ácerca de varios Officios de diversos Socios, sobre Saúde Pública.

O Sr. C. M. M. Freire, apresentou uma emenda ao Artigo 5.<sup>o</sup> do Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, sobre o Projecto de Reforma da Lei de Saúde.

O Sr. Norberto senior, fez uma Proposta ácerca do mesmo objecto, que ficou para entrar em discussão.

Sendo 9 horas da noute, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Acta n.<sup>o</sup> 327, de 9 de Dezembro de 1847.*

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Sendo 5 horas e meia da tarde, abriu-se a Sessão, estando presentes 18 Membros Effectivos.

Lida a Acta da Sessão antecedente foi approvada.

O Sr. Presidente, fez vêr que, alguns allivios experimentados em seus padecimentos, lhe permittiam comparecer para presidir ás Sessões, o que até então não tinha podido fazer. Agradeceu o ter sido elevado á Classe de Membro Benemerito, bem como o ter sido visitado pela Mesa, durante a sua molestia e por um grande numero de Membros.

O Sr. 1.º Secretario, informou a Sociedade, ácerca da Representação que a Mesa foi apresentar ao Sr. Ministro dos Negocios do Reino, sobre *objectos de Saúde Publica*; egualmente deu conta de se ter tomado posse legal do Edifício que nos foi Concedido por Sua Magestade.

Mencionou a correspondencia, a que se deu o destino competente. Apresentou diversos objectos doados, que a Sociedade recebeu com especial agrado.

A requerimento do Sr. J. D. Corrêa, se mandou para a Comissão de Redacção a Representação sobre Saúde Publica, para ser publicada (Vide pag. 63), assim como se declarou na Acta a satisfação que a Sociedade experimentou pela presença do Sr. Presidente; o qual agradeceu á Sociedade, e particularmente ao Sr. J. D. Corrêa, como auctor do requerimento, e que tão dignamente o havia substituido.

Por Propostas dos Srs., Pereira d'Azevedo, e José Alexandre Rodrigues, foram votados e approvados Membros Correspondentes Nacionaes, os Srs., Manuel do Nascimento Ripado, Pharmaceutico em Evora Cidade, e Francisco José Faure, Pharmaceutico na Villa do Torrão.

O Sr. Telles senior, apresentou um artigo traduzido, sobre o meio de subtrahir o amertume ao sulphato de magnesia; mandou-se publicar (Vide pag. 53).

O Sr. Telles senior, apresentou um Parecer da Commissão de Historia Natural, corroborado pelo Conselho Administrativo, ácerca da Exposição assignada pelos nossos Consocios, os Srs., Cardoso, de Mirandella, Santos, e Sousa Dias, do Porto, relativo ao Jardim. Foi approvado este Parecer, depois de ponderosas observações feitas pelos Srs., Telles senior, J. Tedeschi, e J. D. Corrêa.

Leu-se e approvou-se uma Proposta do Director da Cammissão de Pharmacia, o Sr. J. D. Corrêa, para que o Sr. 1.º Secretario remetteste uma Circular a todos os Membros Effectivos, convidando-os a concorrer com alguns medicamentos, simples, ou compostos, e que vão cahindo em desuso, a fim de se conservarem como typos no Gabinete de Pharmacia. Foi approvada.

O Sr. Telles junior, apresentou a analyse de uma agua-mineral, remettida pelo nosso Consocio, o Sr. José Lucio Monteiro.

Leu-se e approvou-se o seguinte Parecer da Commissão d'Historia Natural.



SENHORES! — Com um Officio de Sr. 2.º Secretario, de 10 de Setembro do presente anno, foi dirigida á Commissão de Historia Natural uma pequena porção de musgo, para que a mesma Commissão desse, ácerca d'elle, o seu parecer, e dissesse tambem se poderia substituir, na therapeutica, o musgo islandico.

A Commissão, Senhores, deseja de satisfazer, quanto em si cabe, as vossas deliberações, tem a honra offerecer-vos o resultado dos seus trabalhos.

Sentiu ella bastante, que o musgo, apresentado ao seu exame, tivesse sido colhido antes da epocha da sua fructificação; por ser ella que offerece os justos dados, na classificação dos cryptogamos. Não obstante, a Commissão conheceu, pelos caracteres, assás expressivos dos seus *frondes*, que aquelle musgo era o *lichen indiviolus* de Brotero, e por conseguinte pertencente á cryptogamia de Linneo, que forma a sua vigessima quarta classe. O sabio botanico alemão Friz, tirou este musgo da ordem dos lichens, e lhe chamou — *Cladonie indivisifolia*. Encontra-se em Almada, Caparica, Coimbra, e outras partes do Reino.

Quanto a poder elle substituir o musgo islandico, a Commissão exitou se devia a este respeito dizer alguma cousa, por lhe parecer materia da competencia da Commissão de Saúde Publica; mas ainda assim julgou satisfazer tambem áquelle quesito, lembrando-vos, Senhores, que o celebre Murray, diz, falando d'esta planta, que subtrahindo-lhe a parte extractiva, fica nas suas propriedades medicas igual ao mencionado musgo islandico.

E', Senhores, quanto esta Commissão pode informar.

Gabinete da Commissão d'Historia Natural da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 5 de Novembro de 1847. — *Filippe Fernandes Calçado*, Director. — *José Maria Botto*, Vice-Director. — *Henrique José de Sousa Telles*, Vogal.

Leu-se o Artigo 5.º do Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, ácerca da Lei de Saúde; bem como as emendas apresentadas pelo Sr. M. Freire, os addicionamentos feitos pela Commissão, e as Propostas sobre este objecto, offerecidas pelo Sr. Norberto senior.

O Sr. Presidente, lembrou o adiamento, por não estar presente o Auctor das Propostas; ponderada porém, pelo Sr. J. D. Corrêa, a necessidade da discussão, passou-se a ella: foi esta materia mui debatida, entre os Srs., Telles senior, Telles junior, J. D. Corrêa, e J. Tedeschi; sendo a final approvedo o artigo, com a eliminação da citação do *Decreto de 18 de Setembro*. Approvou-se, tambem, que fossem á Commissão os addicionamentos, e mais Propostas dos Srs., Norberto senior e M. Freire.

O Sr. Telles senior, propoz que fossem addidos á Commissão

os Membros que ja o tinham sido, quando se tractou da questão sobre instrução pharmaceutica.

Sendo 9 horas da noute, fechou-se a Sessão.

*J. P. Azevedo,*

2.º Secretario.

*Estatistica da Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, do seu 13.º anno, findo em 23 de Julho de 1848.*

Portarias do Ministerio da Marinha e Ultramar . . .	2
Representações dirigidas ao Governo, sobre diferentes objectos . . . . .	2
Officios e cartas recebidas de . . . . .	208
	} diferentes Auctori-
	} dades, Corpos Col-
	} lectivos, Membros
	} da Sociedade. &c.
Officios e Circulares, expedidas a . . . . .	1295
Diplomas passados a diversos Membros . . . . .	26
Titulos passados aos Funcionarios da Sociedade . . .	35
” ” aos Delegados, 1.ºs, e 2.ºs Sub- Delegados . . . . .	128
Consultas da Sociedade . . . . .	4
Actas das Sessões da Sociedade . . . . .	31
Folhetos do Jornal, pertencentes ao 4.º e 5.º Tomos. Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 23 de Julho de 1848.	12

*Henrique José de Sousa Telles,*

1.º Secretario.

**SAÚDE PUBLICA.***Do citrato de potassa.*

E' indubitavel o progresso do espirito humano no actual seculo; cada sciencia tracta de purificar-se de antigos erros, e em seguida fazer descobrimentos importantes: a physica, a geologia, a mineralogia, a chymica e mesmo a astronomia, teem feito progressos espantosos n'estes ultimos tempos. A medicina, ainda que oscilando, e como que retrogradando para as suas theorias antigas, vae provavelmente fixar-se em suas doutrinas, tão prompto como appareça o primeiro genio que dê unidade a innumeraveis ideias dispersas no vasto horisonte medico.

A pharmacia segue os passos da medicina, nem podia deixar de assim ser, por quanto a medicina, como sciencia, precisa d'agentes materiaes para debellar as molestias; e estes agentes materiaes, são-lhe preparados pela pharmacia: assim como a medicina é susceptivel de immensos aperfeiçoamentos, e muitos podem desde ja fazer-se-lhe, seja qual for a marcha que a medicina tome.

Toda a reforma que tende a melhorar os preparados pharmaceuticos, e a banir dos laboratorios as formulas chamadas officinaes, que são de natureza alteravel, é sempre uma boa reforma: assim quando soubermos que, por unanime consenso, os xaropes não devem figurar na sua lista, alegrar-nos-hemos, porque a humanidade ganha com isto, e os interesses pharmaceuticos igualmente.

Quando as preparações gordurosas forem reduzidas a menos d'ametade do que são hoje, egualmente nos contentaremos, porque conhecemos quantos melhoramentos uma tal diminuição pode produzir.

¿ Que diremos de tantos alcoholatos purgantes, e estimulantes, como existem guarneendo os armarios dos pharmaceuticos, qual é o uso que d'elles se faz?

¿ Os extractos representam bem as propriedades da planta que os produziu, e podem sinceramente satisfazer as indicações medicas que com elles se querem satisfazer?

Finalmente, a reforma que se precisa é grande, e deve ser feita de prompto; os animos estão dispostos a abraçá-la, e com quanto assustadora no primeiro momento, para a classe pharmaceutica, não lhe é finalmente menos vantajosa.

Uma certa polypharmacia expirou para sempre diante dos conhecimentos philosophicos dos nossos tempos, porém ficou ainda outra polypharmacia tão inutil como a primeira, ainda que menos prejudicial, e esta hade durar mais tempo; tem por limites a classe dos medicamentos a que o indicado se acha subordinado, porém, d'entro d'estes limites, o capricho medico é quem preside, porque não ha leis para obrigar o facultativo a um centro d'unidade: assim, *grama* ou *althea*, *cevada* ou *cevadinha*, *avenca* ou *linhaga*, *malvas* ou a *sua flor*, &c., tudo se pode dar, e tudo se dá com mão prodiga; se isto importa aos seus fins particulares, que muitas vezes não são outros senão uma contradicção para o que se fazia, e outra é este jogo um remedio moral para o doente que abona em mais o saber do facultativo, que se lembrou de avêa quando o seu collega dava *althea*, assim como abonam em mais a pericia do pharmaceutico, que põe nas garrafas uma cobertura de papel côr de rosa, e um rotulo de uma forma um tanto differente da que usam os outros.

Deixando de commentar estas pequenas miserias de que o espirito humano é tão susceptivel, e continuando na nossa questião principal de melhoramentos, devemos dizer sinceramente que adquirimos ultimamente dous preparados, de que muita gloria deve resultar aos seus descobridores; um é o citrato de magnesia, e outro é o citrato de potassa: o primeiro tem feito furor talvez pelo seu grato sabor, porque na verdade eu não conheço purgante nem mais innocente nem que deixe um paladar menos repugnante, e dizem alguns, no meio do seu entusiasmo, que é o melhor modo de dar magnesia, no que eu não concordo bem, porque considero muito differente o composto dos componentes. Esta é uma doutrina chymica, e que sendo verdadeira n'esta sciencia não o é sempre a respei-

to da medicina, onde a efficacia dos simples fica ás vezes igual á dos seus variados compostos, de que é exemplo o ferro; com tudo devo manifestar que, todas as indicações da applicação da magnesia calcinada, não podem ser preenchidas pelo citrato d'esta base.

Quando se pretende dar a magnesia como anti-acido, não pode ser substituida pelo seu citrato; a substancia salina hade ser feita nas primeiras vias á custa dos acidos que la existirem.

O segundo preparado, de que me vou occupar, é o citrato de potassa, invenção de pharmaceuticos portuguezes, cuja prioridade eu aqui não disputo. Este preparado, apenas indicado em alguns chymicos, é de uma importancia mediana na pharmacia portugueza, com quanto é a base do medicamento que se usa com tanta frequencia, com o titulo de mistura salina simples, remedio de preço desigual nas diversas estações do anno, e de certa difficuldade em algumas boticas do Reino, onde faltam limões ou se acham a distancia grande, e algumas vezes mesmo em Lisboa a certas horas da noute; porque sabido é que, algumas vezes, pode o pharmaceutico não estar munido d'este fructo, e por esta razão este medicamento hade ser aqui mais bem recebido que nos paizes estrangeiros, aonde o seu uso medico não é tam frequente, e praticos de grande nome sancionaram ja o seu uso: porém seja-nos permittido que suscitemos certas duvidas a este respeito, e que as indiquemos aqui para despertar a attenção dos sabios, e desafiar uma discussão nas sociedades scientificas.

Um soluto de citrato de potassa em agua adoçada com assucar, será o mesmo que a mistura salina simples da pharmacopea geral, e do codigo? A resposta é facil quando não nos quizermos afastar cousa alguma do nosso dever pharmaceutico: a philosophia pode e deve entrar no nosso ramo e reger as nossas operações, porém deve ser uma philosophia que não desfaça nossas crenças, e que não nos desmoralise; nós acreditamos no poder dos correctivos nas prescripções, e não podemos desprezar as pequenas cousas, so porque são pequenas! o tacto fino do medico perce-

be as omissões pelo modo de obrar dos medicamentos, senão sempre, porque muitas circumstancias lh'o impedem, ao menos, o maior numero de vezes, e o nosso estomago, é ás vezes tão sensível para apreciar modificações, que a menor falta n'um cosimento lhe vae produzir displacencia ou alterar a funcção.

¿ Se isto é assim, quando ainda nos reputamos no estado normal, que será quando existe em nós a perturbação, a doença? Em taes casos qualquer agente da natureza é um modificador: um ligeiro infuso de linhaça, um ligeiro cosimento de althea, modificam-nos o estado morbido de um modo bem apreciavel.

Postos estes incontestaveis principios, pode-se sustentar que a mucilagem, que contém o sumo de limão, assim como a sua pectina, devem servir como de correctivo ao acido citrico contido no dicto sumo, e de correctivo continúa a servir mesmo depois de saturarmos o dicto acido pelo carbonato de potassa, e ser ingerido em forma salina e dissolvido em agua; porque a mucilagem e a pectina passam inalteraveis as primeiras vias, e devem tornar a membrana mucosa menos impressionavel ao contacto immediato da substancia salina, e os effeitos, que derivam d'esta differente impressionabilidade, devem ser differentes no organismo.

A mistura salina simples é um medicamento de tanta importancia hoje, como o foi antes d'agora a quina; e se attendermos so aos resultados therapeuticos, é ainda um melhor anti-febril que ella: é de um uso muito mais frequente, e de um manejo muito mais facil; é um famoso hypo-stenico na linguagem rasoriana; ¿ e um medicamento de tão subido valor therapeutico, deverá ser alterado ou modificado sem um mui reflectido exame?

¿ E este exame não deverá ser feito em grande escala juncto ao leito dos doentes?

Ha questões nas sciencias, que á primeira vista parecem de mui pouca monta, mas bem examinadas são de uma transcendencia inconcebivel; tal me parece esta, entretanto que um rigoroso exame não mostre o contrario,

idolatrámos as cousas antigas quando são evidentemente boas, e applaudimos as reformas quando veem desfazer antigos prejuizos, e ainda as applaudimos quando são o resultado de descobrimentos que as auctorisam.

Se o citrato de potassa salino não pode preencher com exactidão as vezes do citrato de potassa, obtido pela saturação do sumo de limão, nem por isso deixa ainda de ser uma util aquisição; e a razão é porque d'este modo pode ser transportado para todas as paragens e regiões, aonde não haja o sumo de limão ou o carbonato de potassa, é sempre um remedio prompto de dia e de noute.

A bordo das embarcações onde não vão pharmaceuticos, mas sim onde o cirurgião leva uma caixa de medicamentos para applicar segundo convenha, ahi deve figurar este medicamento, intendendo sempre que o medicamento não é o mesmo como deixamos dicto, mas a final é sempre um dos principaes agentes, e que em caso de necessidade o pode supprir.

Para imitar a natureza, tanto quanto a podêmos imitar, parece-nos que, se o excipiente for um liquido ligeiramente mucilaginoso, será melhor duas oitavas de boa gomma arabica, dissolvidas para cada libra, parece-nos o sufficiente. A pectina pode obter-se isolada dos sumos que a contém, e convertel-a em mucilagem quando se quizer fazer, accrescentando-lhe agua quente, e junctando-a d'este modo á mistura salina artificial; e melhor ainda dissolver o acido pectico e junctar-lh'o, porque é finalmente o que acontece á pectina na presença da mais pequena quantidade de um alcali, que na mistura salina existe como se sabe.

E' d'este modo so, que se pode transigir com o novo medicamento em questão, e esta condescendencia é so para casos apurados, e quando o sumo de limão falte.

Lisboa, em 24 de Agosto de 1848.

*João Manuel Ogando.*

*(J. de Ph. e Sc. Acc. de Lisboa.)*



**PHARMACIA.**

Pará, em 7 de Dezembro de 1847. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Tenho a honra de participar a V. S.<sup>a</sup>, para que se sirva levar ao conhecimento da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que, um acaso feliz, fará apparecer, no extenso catalogo de materia medica, mais um violento veneno, que se julga efficaz na cura da morphêa. Referirei o que me foi dicto.

José Pereira Gomes, morphetico, achando-se isolado no centro da sua familia, depois d'haver esgotado os recursos da medicina, não se poupando á despesa d'ir, até Portugal, procurar allivio a seu horroroso padecer, intentou suicidar-se com o assacú (*Uassacú*, na lingua Tupy ou Tapuia); do qual usa o povo para matar peixe, lançando-o nos rios e lagos: porém aquelle infeliz, em vez da morte que procurava, alcançou acerbos dôres pelo estomago, vomitos, dejecções sanguineas e suores copiosos. Depois d'alguns dias, de soffrimento e dôr, poudo beber uma nova dose mais avantajada, que entre vomitos de sangue, suores, deliquios, e finalmente prostração geral, fê-lo appropinquar-se ao ultimo termo da vida!! Foi, pois, luctando entre a vida e a morte, com os sentidos perdidos, e dous dias depois da propinação venenosa, que o encontraram (ainda por acaso, porque elle vivia em uma cabana); e ministrando-se-lhe então os soccorros, que as circumstancias e o lugar permittiam, recobrou os sentidos: tornando á vida, conheceu que n'elle se havia operado uma revolução geral e miraculosa, porque os tuberculos, que lhe tornavam disforme o rosto e orelhas, tinham diminuido, as feridas das extremidades apresentavam optimo aspecto, as manchas mudaram de côr e perderam a elevação, a elasticidade, e a sensibilidade.

O paciente, reflectindo que o veneno, com que procurava destruir-se, parecia melhora-lo, procurou usal-o com precaução; e, no fim d'alguns mezes, apresentou-se á sua



familia e amigos, que maravilhados o felicitaram pelo seu estado. Este facto não se passou entre os mephticos montões de guano, la n'essas inhospitas ilhas do mar pacifico, e tambem se não assemelha ás curas pelo helleboro negro das éras passadas; elle é attestado pelo proprio individuo, e duas povoações inteiras que o viram e possuem. Elle vive n'esta Capital! A medicina logo o avocou, e submettendo-o a um escrupuloso exame, decidiu-se que o homem não estava radicalmente curado; mas que se achava muito proximo d'esse termo, e que talvez não o tenha conseguido por falta de dieta e regularidade, em quanto esteve no matto. Os medicos, que formaram a juncta para o exame, foram os Doctores, Camillo José do Valle Guimarães, José da Gama Malher, Marcellino José Cardoso, Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães, e Francisco da Silva Castro.

Não era facil que um facto, de tanta magnitude, passasse desapercibido, ou ficasse no esquecimento. O Governo d'esta Provincia, e a Misericordia, immediatamente procuraram os meios de novas tentativas. Esta Capital e Provincia, por desgraça, abunda em morpheticos, para os quaes ha um lazareto; seis foram d'alli tirados e submettidos ao tractamento do assacú. Além d'estes, muitos outros particulares ficaram no uso d'aquelle novo medicamento. Coube a mim a sorte de ser nomeado, para preparar os medicamentos: estes, logo que se principiaram a applicar, deram as mais lisongeiras esperanças; por isso que, todos os que estão em uso do assacú, apresentam extraordinarias melhoras.

No caso pois de que o remedio seja proficuo (como é para desejar), quizera que á Sociedade Pharmaceutica Lusitana coubesse a gloria de ser a primeira que, na Europa, apresente a analyse do assacú, e offerecendo-o, a quem cumprir, para d'elle fazer os ensaios clinicos; por consequencia apresso-me em lhe remetter o seguinte:

600 pilulas, preparadas segundo a formula juncta.

4 vidros contendo, cada um, uma onça de leite d'assacú, tal qual se extrabe por incisão da arvore.

1 vidro com o leite solidificado a banho-maria.

5 vidros com uma onça, cada um, do leite e uma onça d'alcohol de 33° de Cartier.

1 vidro com uma e meia onça do leite e meia d'alcohol.

1 vidro com dous arrateis de pomada anti-morphetica.  
64 arrateis de casca da arvore do assacú.

Do impresso a esta juncto, que contém a direcção, se poderá tirar alguns esclarecimentos sôbre o tractamento e regimen a seguir-se. Em Cayenna (possessão franceza) ja se fazem experiencias, mas ainda não sei o resultado.

.....  
.....  
Qualquer novidade que n'esta Cidade appareça, relativa á cura dos morpheticos, terei o cuidado de participar a V. S.<sup>a</sup>; e rogo o obsequio de me dizer, com a brevidade que for possivel, o estado em que chegaram os preparados d'assacú, bem como o que ahi occorrer sôbre os seus effeitos, para me saber dirigir com as mais remessas.

*Pilulas anti-morpheticas.*

Leite ou seiva d'assacú.....	}ãa 3 onças = 96 gram.
Rhuibarbo em po.....	
Assucar areado.....	}ãa 2 onças = 64 „
Extracto d'alcaçús.....	
Sub-carbonato de potassa.....	36 grãos = 2 „

Salsa-parrilha em po, q. b. para absorver a humidade superabundante (regula duas onças de po); depois da massa estar homogenea, divide-se em 1:728 pilulas, ficam de tamanho regular, contendo, cada uma, um grão de leite d'assacú.

O rhuibarbo e a salsa entram como absorventes do leite, o assucar e o extracto como correctivos, e o sub-carbonato na intenção de neutralisar algum acido que possa formar-se na preparação da massa. Os pos e as mais substancias, pela sua natureza, avidas d'humidade, deixarão que o todo se dilua com promptidão no estomago; sem alterar as virtudes do assacú, ainda que passados muitos mezes depois de preparadas as pilulas.

A primeira formula de que se usou, era composta do leite, agua, e farinha de trigo; mas esta preparação tem o inconveniente de passar pela fermentação panaria, que não so alterava as virtudes do assacú, mas tambem dispunha para que as pilulas se tornassem bolorentas e com mau cheiro.

*Pomada anti-morphetica.*

Ceroto d'espermacti. . . . . 6 oitavas = 24 gram.  
 Seiva d'assacú. . . . . 2 oitavas = 8 "  
 essencia d'alfazema, q. b. para aromatizar.

DIRECÇÃO.

« Para curar-se a morphêa, por meio do assacú, é preciso que se siga o tractamento e regimen que abaixo se descreve.

» O doente tomará o seguinte:

» Casca d'assacú, cortada e contusa — meia onça, ferva-se em 10 onças d'agua, até que fique reduzido a 6 onças; cõa-se e juncta-se-lhe

» Leite d'assacú — 12 gottas ou pingos, bem misturado beba-se em 2 ou 3 doses, se for preciso para fazer lançar sufficientemente: o vomito deverá ajudar-se com agua morna.

» Descansando 3 ou 4 dias, tomará uma dose igual á primeira, e depois ficará no uso das pilulas anti-morpheticas, tomando 3, 4 ou 5 por dia; o que se regulará pelo effeito emetico ou purgante que ellas produzirem, e pela força do paciente.

» De 2 em 2, de 3 em 3, ou de 4 em 4 dias, devem os doentes metter-se n'um banho morno; preparado com 2 oitavas de casca d'assacú, fervida em quanto baste d'agua, para uma libra; por outra, se a vasilha, em que se tomar o banho, levar 100 libras d'agua, deverá coser-se-lhe 25 onças de casca. O paciente poderá demorar-se no banho de 10 a 15 minutos, ou aquelle tempo que poudier supportar, sem que o incommode.

» Todos os dias, ao recolher-se, friccionam-se os tuber-

culos, manchas e mais logares affectados, com a pomada anti-morphetica.

» O doente deve habitar em ar livre e puro, e conservar, com o maior disvelo, o suor e nimio aceio.

» Alimentar-se-ha com comidas ligeiras e de facil digestão, que não lhe façam peso no estomago, nem o irritem. Devem privar-se inteiramente das bebidas espirituosas.

» Terão muito cuidado, em que lhe não caiam nos olhos, ainda as mais diminutas porções, de qualquer dos remedios acima indicados.

» Os emeticos, da primeira formula, repetem-se mais ou menos vezes, segundo a intensidade da molestia e forças do doente.»

..... De V. S.<sup>a</sup> Collega e Consocio. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — *Jose Acurcio Cavalleyro de Macedo.*

#### *Xarope de citrato de potassa.*

Sumo de limão azedo. . . . . 16 onças = 500 gram.

Sub-carbonato de potassa, q. b. para uma perfeita neutralisação. Cõa-se ou filtra-se por uma felanella, e se lhe juncta:

Assucar refinado, uma quantidade igual, em peso, ao do citrato; meche-se com espatula de vidro ou de madeira, até se dissolver perfeitamente o assucar, e se guarde em garrafas de vidro.

Este xarope fica mui limpido, e na consistencia do commum; o assucar dissolve-se a frio, no espaço de cinco minutos, e pondo as garrafas em logar fresco, conserva-se o xarope sem alteração, por muitos mezes.

Tres onças d'este xarope, dão uma libra de mistura salina mui agradavel.

*Telles, senior.*

#### *Xarope de citrato acido de magnesia.*

Acido citrico crystallisado. . . . . 6 oitavas = 24 gram.

Carbonato de magnesia. . . . . 2 " = 8 "

Agua commum ou de flor de la-

ranjeira . . . . . 1 libra = 375 gram.

Misture tudo em uma capsula, ou n'um vidro de boca larga; agite até se operar a neutralisação, o que tem logar no prazo de dez a quinze minutos. Concluida pois, juncte-se-lhe:

Assucar refinado. . . . . 2 libras = 750 gram.

Agite a frio, com espatula de vidro ou de pau, e dentro em doze minutos está prompto o xarope, que se guardará como o antecedente. *Telles, senior.*

*Xarope de citrato acido de magnesia, mais purgativo.*

Acido citrico crystallizado. . . . . 6 oitavas = 24 gram.

Carbonato de magnesia. . . . . 2 " = 8 "

Agua de flor de laranjeira. . . . . 4 " = 125 "

Assucar refinado. . . . . 8 " = 250 "

Opere como no antecedente; os resultados são os mesmos.

Qualquer d'estes dous xaropes são mui agradaveis, e proprios para creanças e pessoas debeis; quer tomados sos, quer diluidos em agua. O segundo é mais purgante.

*Telles, senior.*

*Formulas de medicamentos, colligidas pelo Sr. LOURENÇO ANTONIO CORREA, Cirurgião do Hospital de S. José de Lisboa; continuadas de pag. 163.*

*Pomada de BAUMES, contra as manchas syphiliticas.*

Banha de porco. . . . . 1 onça = 32 gram.

Extracto de Saturno. . . . . 3 oitavas = 12 "

Camphora. . . . .  $\frac{1}{2}$  " = 2 "

misture.

*Pomada anti-ophtalmica de VELPEAU.*

Nitrato de prata fundido. . . . . 1 grão = 5 centigr.

Banha de porco. . . . . 1 oitava = 4 gram.

misture sôbre o porphyro.

*Pomada dos Irmãos MAHON.*

Soda do commercio.....	3 oitavas =	12 gram.
Cal extinta.....	2 oitavas =	8 "
Banha de porco.....	2 onças =	64 "

misture.

*Pomada d'alcatrão de BAUMES.*

Alcatrão.....	1 oitava =	4 gram.
Banha de porco.....	1 onça =	32 "

misture.

*Pomada de creosota da Ph. Lond.*

Creosota.....	$\frac{3}{4}$ oitava =	2 gram.
Banha de porco.....	1 onça =	32 "

misture.

*Pomada epispastica de trovisco da Ph. Fr.*

Banha de porco.....	14 $\frac{3}{4}$ onças =	456 gram.
Cêra branca.....	1 $\frac{1}{2}$ " =	48 "
Casca sêca de trovisco.....	4 " =	128 "

corte a casca de trovisco em talhadas transversaes, e lançe-as em almofariz de ferro, humedeça-as com um pouco d'alcohol, e contunda até que fique reduzida a massa fibrosa; ponha-a então em B. M. com a banha, e digira por 12 horas; cõe com expressão forte, deixe esfriar, separe o deposito, funda a pomada com a cêra, e mexa até esfriar.

*Tinctura d'iodureto de ferro de PIERQUIN.*

Iodureto de ferro.....	1 oitava =	4 gram.
Alcohol de 38° Baumé.....	} ãa 1 onça =	32 "
Agua distillada.....		

dissolva.

*Vinho d'hydriodato de ferro de PIERQUIN.*

Iodureto de ferro.....	$\frac{1}{2}$ onça =	16 gram.
Vinho de Bordéos.....	16 " =	500 "

misture.

*Xarope de figado de bacalhau de DUCLOS.*

Oleo de figado de bacalhau....	8 onças =	250 gram.
Gomma arábica em po.....	5 " =	156 "
Agua .....	12 " =	375 "
Xarope simples.....	4 " =	128 "
Assucar.....	2 libras =	750 "

misture e faça xarope.

*Xarope de genciana iodurado de RICORD.*

Xarope de genciana.....	16 onças =	500 gram.
Iodureto de ferro.....	1 " =	32 "

dissolva o iodureto em pouca agua, e misture ao xarope.

*Xarope sudorifico de RICORD.*

Salsa-parrilha cortada } Guayaco raspado.... } aa 1/2 libra	=	192 gram.
Agua commum.....	5 lib. e 4 onças =	1000 "

macere por 24 horas, reduza a metade a fogo lento, cõe com expressão e juncte

Assucar.....	2 lib e 4 " =	875 "
--------------	---------------	-------

*Xarope iodurado de RICORD.*

Xarope de salsa-parrilha.....	16 onças =	500 gram.
Iodureto de potassio.....	1 oitava =	4 "

misture.

*Po anti-gastralgico de HUFELAND.*

Sub-nitrato de bismutho.....	12 grãos =	65 centigr.
Extracto de meimendo negro..	6 " =	30 "
Carbonato de magnesia.....	1 oitava =	4 gram.
Oleo de cajeput.....	6 góttas =	30 centigr.
Assucar refinado.....	2 oitavas =	8 gram.

misture e divida em 6 doses.

*Po de HENNING contra a gastralgia.*

Cyanureto de zinco.....	1/2 oitava =	2 gram.
Magnesia calcinada.....	1 escropulo =	13 decigr.

Canella em pó.....18 grãos = 1 gram.  
misture e divida em 6 doses.

*Linimento anti-espasmodico de SELLE.*

Unguento d'althea..... 2 onças = 64 gram.  
Camphora..... }  
Laudano liquido de Sydenham } ãa 1 oitava = 4 "  
misture.

*Balsamo acetico camphorado de PELLETIER.*

Sabão animal..... }  
Camphora ..... } ãa 1 oitava = 4 gram.  
Ether acetico..... 1 onça = 32 "  
Essencia de tomilho..... 10 gôttas = 55 centigr.  
dissolva o sabão no ether a B. M., juncte a  
camphora e o oleo, e filtre.

*Nota sobre algumas preparações de cicuta (extracto, oleo, e emplastro); por TH. HURANT, Pharmacutico em Paris.*

Preparando, o anno passado, extracto de cicuta com o sumo depurado, observei eu que, o papel vermelho de tornasol, se azulava, em poucos momentos de exposição, no meio dos vapores que sahiam do vaso operatorio. Como as circumstancias em que então me achava me não permittissem indagar a causa d'esta reacção, differi o exame da questão para outra epocha. Pouco tempo depois emprehendi algumas experiencias, sobre o mesmo objecto, e os resultados a que cheguei não me parecem sem importancia; porque não so nos indicam o melhor andamento para obter o extracto de cicuta, dotado, no mais alto grau, das propriedades da planta que o fornece, mas permittem-nos tambem explicar, creio eu, porque é que os auctores teem emittido opiniões tão differentes ácerca das propriedades therapeuticas d'este extracto: ao qual uns concedem uma acção poderosa e especial contra certas affecções, em quanto outros lhe recusam toda a propriedade.



Quando se evapora o sumo de cicuta, os vapores, que se desinvolvem, restituem, como ja disse, a cor azul ao papel vermelho de tornasol. Este effeito produz-se em quanto dura a operação; mas é muito mais sensível no principio do que no fim, ao ar livre, do que no vacuo, e durante a ebullicão do liquido, do que quando a temperatura é inferior a 100°, ainda é sensível ao calor de banho-maria.

Recolhendo os vapores por condensação, n'um aparelho distillatorio, verifiquei que elles continham cicutina e ammoniaco em quantidade notavel; donde creio poder concluir que, o extracto de cicuta, sera tanto mais activo quanto mais baixa for a temperatura em que elle se preparar, e menos duradoura a acção do fogo.

Applicando este principio a todas as preparações de cicuta, que necessitam o emprego de calor; parece-me que o processo do Codex, para a preparação do oleo de cicuta, deve ser modificado. Com effeito, se em logar de ferver a cicuta fresca e contusa com o oleo, como recomenda o Codex, se fizer digerir no oleo a cicuta secca, bem verde, bem odorifera, e reduzida a po meio fino, por duas ou tres horas, e a um calor moderado, obtem-se um producto, que possui em alto grau o cheiro caracteristico da cicuta, que é sem duvida alguma o indicio de uma boa preparação, e de que fica quasi inteiramente privado o oleo que se prepara pelo processo do Codex.

Pela mesma razão seria eu de parecer, que se abandonasse o processo de preparação do emplastro (unguento) de cicuta, por meio das plantas frescas, para adoptar aquelle cuja formula foi dada pelo Sr. Guibourt, com o po recentemente preparado. Todavia, eu aconselharei que se deixe o po de cicuta em contacto, por algumas horas e a brando calor, com as matérias gordas, não so para dissolver a chlorophylla, mas tambem o composto cicutico contido na planta.

(*Jorn. de Phar. e de Chym. de Paris.*)

Trad. por J. A. Rodrigues.

---

**DIREITO****PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.**

*Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; continuada de pag. 165.*

Na Comarca de Leiria = A villa de Soure pagara oito mil reis = A villa da Atoguia vinte mil reis = Na Comarca de Alenquer = A Villa de Alenquer pagara desaseis mil reis do dinheiro dos sobejos das sisas e bens de raiz = A villa de Torres vedras pagara desaseis mil reis do dinheiro dos sobejos das sisas ou bens de raiz = A villa de Sintra pagara oito mil reis do dinheiro dos sobejos das sisas ou bens de raiz = A villa de Villa franca pagara seis mil reis da renda da imposição que tem perpetua = A villa de Cascaes pagara dez mil reis do dinheiro dos sobejos das sisas ou bens de raiz.

Na Comarca de Setuval = A villa de Setuval pagara quarenta mil reis da imposição = A villa de Alcacere do Sal pagara dez mil reis = A villa de Palmella pagara desaseis mil reis = A villa de Aldeagalega de Ribatejo pagara vinte e quatro mil reis = A villa de Benavente pagara dez mil reis.

Na Comarca do Campo de Ourique = A villa de Ourique pagara cinco mil reis = A villa de Mertolla pagara quarenta mil reis = A villa de Mesejana pagara quatro mil reis = A villa de Santiago de Cacem pagara dez mil reis = A villa de Aljustrel pagara tres mil reis.

Na Comarca de Esgueira = A villa de Esgueira pagara seis mil reis do dinheiro da imposição ou do crescimento das sisas = A villa de Aveiro pagara vinte mil reis do dinheiro da imposição ou do crescimento das sisas = A villa da Feira pagara dez mil reis do dinheiro da imposição ou do crescimento das sisas.

Na Comarca de Lamego = A villa de Villa nova de

Fascoa pagara vinte mil reis mais allem dos cincoenta mil que ja pagava = A villa de Langroiva pagara mais vinte mil reis allem dos sessenta mil reis que ja pagava.

Nas quaes contias todas entrando nellas as que ja dantes se pagavão se montão hum conto e seis centos mil reis por tanto me parecem necessarios assi para os ditos partidos e acrecentamentos, e para as despezas ordinarias e extraordinarias e dilligencias que se fazem na Recadação execução e comprimento do dito Regimento como para aver sempre na arca algum dinheiro de que se acuda a estas obrigações avendo falta e dillação na aRecadação delle e porque a separação das ditas contido se fez com o Resguardo e consideração devida, e não convem que no pagamento dos ditos partidos aja falta nem diminuição ei por bem que em nenhum tempo se possa abater dellas cousa alguma e mando aos meus desembargadores do paço e ao Presidente e deputados da mesa da consciencia e ordens que não Recebam nem admitão Carta nê petição alguma das Camaras das ditas Cidades e Villas acima nomeadas em que peção a dita deminuição, e assi mando aos Juizes Vereadores, e mais officiaes das ditas Camaras que tenham muito particular cuidado de fazerem apartar em cada um anno do primeiro Rendimento do concelho de cada uma dellas as ditas contias acima declaradas para que se não possa despender em outra alguma cousa, e as dem e entregue a pessoa ou pessoas que per mandado e ordem do Rector da Universidade de Coimbra as for aRecadar deixando conhecimentos do que receber para a conta do thesoureiro do concelho que lho pagar e nam o fazendo elles assi mando aos Provedores das ditas comarcas e a cada um delles que con toda a brevidade o fação pagar com effeito e havendo nisso descudo ou nigliencia da parte de algum official o aRecade e execute por asua fazenda sem appellação nem agravo porque pelo beneficio geral que todo o Regno e os ditos Lugares (cujos naturaes hande ser preferidos aos outros estudantes) recebem de aver na dita Universidade os ditos estudantes, medicos, e boticarios Chris-

tãos velhos, e de aver seguridade e certeza no pagamento de seus Partidos (posto que possa acontecer em algum dos ditos Lugares fazer falta a contia que delles se separa que se poderá remediar em outro anno ou annos ao diante, o que não pode aver lugar se em alguma maneira faltar o pagamento dos ditos partidos) o ey assi por bem e esta provisão se ajuntara ao dito Regimento que esta na Universidade de Coimbra e se registara nos Livros das provedorias das ditas Comarcas e nos das Camaras das Cidades e Villas acima declaradas que haude contribuir para os ditos partidos para que a todos seja notorio o que por ella mando e se saber a obrigação que em cada huma dellas hãde pagarem as contias que lhe vam lançadas e o cuidado con que o devẽ fazer, e assi se Registara nos Livros do desembargo do paço e da meza da consciencia e ordens, e se cumprira e guardara inteiramente como nella se contem sem embargo de quaesquer provisões e Regimentos em contrario posto que da sustancia dellas se nam faça aqui expressa menção, e esta me praz que valha e tenha força e vigor como se fosse Carta feita em meu nome, e por mim assignada sem embargo das ordenações que o contrario despoem. Sebastiam pereira a fez em Lixboa a desoito de fevereiro de mil seis centos e seis. João da Costa a fez escrever.

(Livro 2.<sup>o</sup> de Leis, a f. 124 v.)

(Continuar-se-ha.)

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

**PEÇAS OFFICIAES.**

Ill.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mos</sup> Srs. — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, achando-se possuidora d'uma porção de casca d'assacú e de varios preparados da mesma planta, recommendados hoje como especificos na cura da morphêa, e desejando, quanto está da sua parte, concorrer para o allivio das victimas de tão cruel enfermidade; tem a honra de dirigir a V. Ex.<sup>as</sup> a relação inclusa d'aquelles mesmos preparados, com as suas formulas e um directorio da sua applicação (\*), a fim de que V. Ex.<sup>as</sup> man-

(\*) Vide pag. 255 e 256.

dem fazer, pelos competentes Facultativos, as applicações necessarias nos doentes do Hospital de S. Lazaro, tão dignamente dirigido e governado por essa Ex.<sup>ma</sup> Commissão. Qualquer requisição que V. Ex.<sup>as</sup> se dignarem mandar fazer, será immediatamente satisfeita, podendo-se a mesma verificar por intermedio do nosso Membro Benemerito e 1.<sup>o</sup> Vice-Presidente, o Sr. José Dionysio Corrêa. Pedindo, outro-sim, a mesma Sociedade, a mercê de lhe serem depois enviadas, para se publicarem no seu Journal, as observações dos resultados colhidos.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>as</sup> Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 4 de Setembro de 1848. — Ill.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mos</sup> Srs. Membros da Commissão Administrativa do Hospital Nacional de S. José. — *Henrique José de Sousa Telles*, 1.<sup>o</sup> Secretario.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — A Commissão Administrativa d'este Hospital, recebeu o Officio de 4 do corrente mez, que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana lhe dirigiu, participando-lhe possuir uma porção de casca d'assacú e varios preparados da mesma planta; e que desejando, quanto está da sua parte, concorrer para o alivio das victimas atacadas de morphêa, enviava (inclusa no mesmo Officio) a relação d'aquelles, suas formulas, e um directorio da sua applicação, para que esta Commissão ordenasse o seu emprêgo nos doentes do Hospital de S. Lazaro, a cargo da referida Commissão; e pedindo ao mesmo tempo que lhe fossem enviados, para serem publicados no Journal da Sociedade, os resultados colhidos: tem a Commissão a honra d'agradecer á mesma Sociedade, tão relevante demonstração dos illustrados e caritativos sentimentos de que é adornada; e que accetando a sua generosa offerta, vae dar conhecimento d'ella aos respectivos Facultativos, para fazerem as applicações que julgarem acertadas, e darem parte dos resultados.

A Commissão previne a V. S.<sup>a</sup>, de que as requisições dos objectos offerecidos, serão feitas pelo Administrador da Botica d'este Hospital; a fim d'elle poder satisfazer convenientemente a qualquer pedido dos Facultativos do mesmo Hospital.

Deus Guarde a V. S.<sup>a</sup> Hospital Real de S. José, em 15 de Setembro de 1848. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — *Visconde de Benagasil*.

A Commissão Administrativa d'este Hospital, accetando o offerecimento que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana lhe fizera, constante do Officio e relação, que por copia vão junctas, agradeceu á mesma Sociedade os seus caritativos sentimentos, e a preveniu de que daria conhecimento do objecto aos respecti-

vos Facultativos, para fazerem as applicações que julgassem convenientes nos Infermos do Hospital de S. Lazaro; e que as observações que fizessem, e fossem remettidas á Commissão, lhe seriam transmittidas para serem publicadas no Jornal da mesma Sociedade, como ella pedia; e junctamente que pelo Administrador da Botica d'este Hospital seriam requisitados os medicamentos offerecidos, para este satisfazer aos pedidos dos dictos Facultativos: e por tanto a Commissão, querendo dar conhecimento do referido, ordena que o Enfermeiro do Hospital de S. Lazaro apresente esta e as copias referidas ao dicto Administrador da Botica, e continue na mesma apresentação aos Facultativos que visitarem o dicto Hospital de S. Lazaro; para que possam proceder como intenderem conveniente, no uso dos referidos medicamentos, e para transmittirem á Commissão as suas observações sobre os resultados, as quaes espera que se prestem em vista dos seus philanthropicos sentimentos.

Hospital Real de S. José, em 19 de Setembro de 1843. —  
Benagasil. — *Street.*

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

Acta n.º 328, de 16 de Dezembro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. Oliveira.

Sendo 6 horas da tarde abriu-se a Sessão, estando ja presentes 19 Membros Effectivos, 1 Honorario, e 1 Correspondente Nacional.

Lida e approvada a Acta da Sessão precedente, leu o Sr. 1.º Secretario a Acta de uma deliberação da Mesa, e o Auto de Posse do actual Edificio que a Sociedade hoje occupa. Seguidamente apresentou a correspondencia, e varios objectos doados.

O Sr. Telles junior, fez uma proposta, que motivou, para que fosse convidado o nosso Membro Benemerito do Porto, o Sr. Francisco Bernardo dos Santos, a consentir que se tirasse o seu retracto, para ser collocado, pela Mesa, no logar mais distincto da Sala das Sessões, em dia de uma das Sessões Scientificas. Declarou esta proposta urgente, e não sendo a urgencia approvada, ficou para 2.ª leitura.

Por proposta do Sr. Antonio de Sousa Dias, apresentada pelo Sr. 1.º Secretario, foram dispensadas as formalidades do Regimento, e proclamado Membro Correspondente Nacional, o Sr. Manuel Lopes Guilherme, Pharmaceutico na Cidade do Porto.

O Sr. Director da Commissão d'Historia Natural, apresentou dous Pareceres; um acerca das cantharidas colhidas em Arganil, e outro sobre o lupulo; os quaes são os seguintes:

SENHORES! — Com Officio de 12 de Novembro ultimo, remetteu o Sr. 2.<sup>o</sup> Secretario, á Commissão d'Historia Natural, uma pequena caixa circular, cheia d'insectos, d'uma côr verde-ouro, de cheiro viroso, com o titulo — *Cantharidas portuguezas* —, apresentadas pelo nosso Consocio, o Sr. J. Tedeschi, em Sessão de 11 do mesmo mez, e que lhe haviam sido offertadas pelo Sr. Ignacio Paes de Mello, que as importara de Moronho, Concelho d'Arganil, Districto Administrativo de Coimbra; e mandava á Sociedade ouvir ácerca d'ellas, o parecer d'esta Commissão. Ella entrou logo no seu exame, tendo o disgosto d'encontrar todos os insectos de tal forma deturpados, nas partes que proporcionam á classificação os principaes caracteres zologicos, que lhe foi summamente difficil conseguir os seus fins. Como porém, aquellas partes, estivessem unicamente deslocadas, mas distinctas entre si, e bem conheciveis a favor da lente, veio a Commissão a obter o objecto das suas observações, segundo as quaes é de parecer, que, o insecto apresentado é, segundo a opinião de Cuvier, confirmada por Latreille e Boitard, um insecto da ordem dos *coleopteros*, secção dos *hétéromeros*, da familia dos *trachelides*, da tribu das *cantharidas* ou *vesicantes*, do genero — *cantharis* — de Geoffroy, ou *litta* de Fabricius, ou *meloe* de Linneo, e da especie *cantharis vesicatorius* de Geoffroy, ou *meloe vesicatorius* de Linneo.

Consequentemente, intende a Commissão que este insecto é a verdadeira cantharida, visto que apresenta os caracteres genericos e especificos d'ella, não obstante serem as suas dimensões um pouco menores, e o cheiro menos viroso do que as do commercio. Quanto á primeira, pode-se attribuir á epoea prematura da sua colheita, e similhantemente a segunda, por não estarem ainda desinvolvidos todos os seus principios vesicantes; o que se poderia talvez verificar, por meio d'uma analyse comparativa, que demonstrasse a quantidade relativa de cantharidina.

Gabinete d'Historia Natural da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 4 de Dezembro de 1847. — *Filippe Fernandes Calgado*, Director. — *José Maria Botto*, Vice-Director. — *Henrique José de Sousa Telles*, Vogal.

SENHORES! — A' Commissão d'Historia Natural remetteu, o Sr. 2.<sup>o</sup> Secretario, com Officio de 26 de Novembro ultimo, quatro onças de lupulo, enviado pelo nosso Consocio de Coimbra, o Sr. Padre Antonio de Jesus Maria da Costa, e apresentado em Sessão de 25 do mez proximo passado, para que ella dê, a respeito d'elle, o seu parecer.

A Commissão, passando a fazer o devido exame, não achou cousa alguma de singular, n'aquella producção, aliás mui commum. São as flores *femeas estrobilaceas*, do lupulo ou pé de gallo, bem frequente pelos tapumes e ribanceiras dos rios, nas nossas provincias do Norte. E' o *humulus lupulus* de Linneo;

da diacéia pentandria; que vem a ser a classe 22.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> ordem, e da familia das urticéas.

Passando a examinar os cônes ou *amentilhos escamosos*, conheceu a Commissão, que, o lupulo, estava bastante recente, e que sôbre as *escamas*, que servem d'involucro ás sementes, havia grande quantidade de um po *granuloso, brilhante, e amarellado*, onde reside, mais principalmente, o principio activo da planta, e a que chamam *lupulino*; e que, segundo alguns Auctores, que o tem analysado, se compõe de *lupulina*, oleo volatil, gomma, resina, osmazoma, extractivo, acido malico, malato de cal, e outros saes.

Eis, Senhores, quanto esta Commissão vos pode informar.

Gabinete da Commissão d'Historia Natural da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 6 de Dezembro de 1847. — *Filippe Fernandes Colgado*, Director. — *José Maria Botto*, Vice-Director. — *Henrique José de Sousa Telles*, Vogal.

O Sr. Telles junior, apresentou, na qualidade de 1.<sup>o</sup> Operador, o resultado das suas observações toxicologicas, sobre a pellicula, reputada venenosa, das castanhas d'Inhambane.

Entrando em discussão o Parecer da Commissão de Direito, ácerca dos Estudos Pharmaceuticos, e sendo approved na generalidade, se passou a discutir na especialidade, — 1.<sup>a</sup> Cadeira — *Historia Natural Pharmaceutica*.

Fallaram n'esta materia os Srs., J. D. Corrêa, L. J. S. Pereira, Telles junior, J. Tedeschi, Ogando, e Telles senior; e tendo sido a questão mui debatida, foi adiada, por pedido do Sr. M. Freire.

Sendó 9 horas da noute fechou-se a Sessão.

### *Acta n.º 329, de 30 de Dezembro de 1847.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 5 horas abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes 18 Membros Effectivos, e 1 Honorario. Leu-se e approvou-se a Acta da Sessão antecedente.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, deu conta á Sociedade do andamento da *Representação* que se havia feito ao Governo, ácerca dos abusos que se estão praticando em toda a parte, no ramo de Saúde Publica. Informou, igualmente, que o Sr. Amaral, Juiz do 1.<sup>o</sup> Districto Criminal, tinha comparecido, com o Escrivão de seu Cargo e o Delegado do Procurador Regio, no local da Sociedade, onde a Commissão de Chymica se reunira, para procederem á abertura legal, dos vasos que continham os productos pathologicos, remettidos pelo Juiz de Castello-Branco, para se proceder á sua *analyse chymico-legal*; e que o Sr. Amaral assistiria á discussão do respectivo Parecer, quando fosse dado para Ordem do Dia.

Inteirou tambem a Sociedade que, a pedido d'um Agente



do Ministerio Francez, dera uma relação dos Funcionarios da Sociedade, outra dos nossos Consocios Francezes, e um exemplar dos Estatutos. Em continuação, mencionou a correspondencia, a que se deu o competente destino.

O mesmo Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, apresentou uma relação d'objectos doados, que a Sociedade recebeu com especial agrado.

O Sr. Telles junior, apresentou duas Propostas; uma para Membro Honorario, que foi para a Commissão de Direito Pharmaceutico, outra para Membro Effectivo, que foi approvada, na pessoa do Sr. João Quintino d'Avellar.

O Sr. J. D. Corrêa, apresentou um artigo traduzido, ácerca do chloroformio: mandou-se publicar no Jornal (Vide pag 18).

O Sr. Telles junior, propoz que se fizesse nota, advertindo que alguns Consocios nossos ja o preparavam.

O Sr. J. Tedeschi, fez ver que, a Revista Universal, fóra inexacta quando avançou o contrario; porque elle mesmo o tinha ja preparado no Laboratorio da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. Incumbiu-se d'este assumpto a Commissão de Redacção.

O Sr. Monteiro Freirê, leu, por parte da Commissão de Pharmacia, um Parecer da mesma, sôbre uma porção d'emplastro de cantharidas, que se devia remetter a um Clinico nosso Consocio, para o ensaiar.

SENHORES! — Em Sessão de 16 do corrente mez, foi incumbida a vossa Commissão de Pharmacia de preparar uma porção d'emplastro de cantharidas, com o po que produzissem as que nos fóram remettidas e apresentadas em Sessão de 11 de Novembro proximo passado.

A Commissão reservou uma pequena porção das dictas cantharidas, para sêrem collocadas no Gabinete de Pharmacia; as restantes fóram todas reduzidas a po, que produziram duas oitavas. O emplastro foi preparado segundo a formula descripta no Formulário dos Medicamentos do Hospital de S. José de Lisboa, edição de 1844, que está nas proporções de duas partes d'excipiente para uma de po de cantharidas. Finalmente, obteve-se seis oitavas do referido emplastro, que temos a honra de vos apresentar.

Gabinete da Commissão de Pharmacia da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 27 de Dezembro de 1847. — José Dionysio Corrêa, Director. — Sebastião Athanasio Estanislau da Silva, Vi. e Director. — Carlos Maria Monteiro Freire, Vogal.

Entrou em discussão um Parecer da Commissão de Direito, ácerca dos Estudos Pharmaceuticos.

O Sr. J. Tedeschi, reportando-se ao que expendera na Sessão antecedente, respondeu ás observações do Sr. Telles, sôbre a collocação das Cadeiras.

O Sr. J. A. Rodrigues, sustentou o Parecer, e combateu o addicionamento do Sr. J. D. Corrêa, sendo secudado pelo Sr. Telles junior, n'um brilhante discurso.

O Sr. J. D. Corrêa, deu algumas explicações, e pedindo para retirar o seu addicionamento, foi-lhe concedido.

O Sr. Telles senior, fez algumas ponderações, satisfazendo-se com as observações do Sr. J. Tedeschi; e o Parecer foi approvedo, quanto ás Cadeiras, e aos annos que os Alumnos deviam cursar. A cerca dos preparatorios, fallaram os Srs., Telles junior, J. Tedeschi, e J. A. Rodrigues; ficando, por proposta d'este, adiada a discussão.

Sendo 8 horas e meia da noute, fechou o Sr. Presidente a Sessão, depois de ter declarado a Ordem do Dia para a seguinte.

Francisco Fortunato d'Assis,  
2.<sup>o</sup> Secretario.



**PHYSICA.**



*Machina electrica, em papel azotado (Pyroxilinia).*

O Sr. Croissant, Pharmaceutico em Laval, acaba de annunciar á Sociedade dos Inventores, que elle fez uma machina electrica, em papel azotado (chamado pyroxilinia); da qual obteve privilegio de invenção, nos fins do anno passado.

Esta machina, segundo diz o auctor, é de jacto continuo, e pode ser empregada como motor.

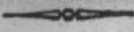
Compõe-se de uma folha de papel azotado, adaptado a um circulo de pau, como a pelle de um pandeiro; coxins, armados de pontas, gyram circularmente á sua superficie, e desinvolvem alli o fluido que se vae depositar n'um reservatorio commum. Esta machina é de construcção muito simples, pouco dispendiosa, e o auctor espera que ella poderá ser adoptada em todos os gabinetes de physica.

O Sr. Croissant diz, que, o que mais lhe custou, foi o combater a hygrometria, mas que a final alcançou.

Um exemplar d'esta curiosa machina foi mandada para ser examinada por uma Commissão da Sociedade dos Inventores.

(*Moniteur industriel.*)

Extr. por P. F. Norberto.



## SAÚDE PUBLICA.

*Instrucções ou preceitos que se devem adoptar contra o cholera-morbo epidemico.*

A Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, tendo bem fundados receios de que o cholera-morbo asiatico, depois de uma ausencia de quinze annos, e a despeito do rigor da presente estação invernosa, venha, por segunda vez, infestar este Reino, trazendo após si a desolação e a morte, faltaria a um de seus mais imperiosos deveres, se, na conjunctura presente, deixasse de suggerir a todos os Portuguezes a observancia dos meios, que a experiencia propria e alheia lhe tem mostrado mais proficuos, como preservativos de tão terrivel flagello.

No meio dos lamentaveis estragos, que o cholera-morbo asiatico por toda a parte tem causado, tem a Sciencia podido colhêr dados da maior importancia para a determinação dos meios preventivos, e dos symptomas, que quasi constantemente annunciam seus ataques, e que devem ser desde logo combatidos. O conhecimento d'estes meios, derivado da attenta observação das diversas condições e circumstancias, que sensivelmente contribuem para a diffusão da doença, acha-se hoje sancionado pelos resultados benéficos, que d'elles se tem colhido na epidemia, que actualmente grassa pela Europa. E' o conhecimento d'estes mesmos meios, que inspira á Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa a lisongeira esperança, de que, quando infelizmente venha de novo a manifestar-se n'esta Capital tão grave epidemia, a diffusão d'ella e a mortalidade hão de ser comparativamente menores, do que o fôram em o anno de 1833; uma vez que, aproveitando as superiores condições de salubridade, em que Lisboa hoje se acha, se empregue aquelle systema de medidas, que as circumstancias demandam, e geralmente se aconselham.

A Sociedade começa por declarar, que não conhece especifico algum preservativo do cholera; todas as substan-

cias, como tal empregadas na passada epidemia, fôrão mais prejudiciaes que uteis; o tractamento preservativo so pode consistir no emprêgo de meios, que fortaleçam o espirito e o corpo em tão difíceis circumstancias, e na remoção de todas as causas, que possam favorecer a acção da epidemia.

Para confortar o animo, e evitar quanto possivel o terror e o susto, a Sociedade intende que muito deve contribuir o conhecimento positivo, que a Sciencia hoje possui: — 1.º, de que a molestia não é essencialmente contagiosa, noção esta da maior importancia para a execução immediata dos socorros e auxilios promptos, que ella reclama; — 2.º, de que o cholera-morbo, na generalidade dos casos, previne da sua invasão, pela manifestação dos symptomas abaixo mencionados, que podem ser muitas vezes felizmente atalhados; — 3.º, de que as condições de sua propagação, sendo ja em parte conhecidas, pode muitas vezes ser obviado o desinvolvimento da doença; — 4.º, de que na Capital, com particularidade, tem sido incessantemente levadas a effeito, nos differentes bairros, muitas precauções geraes de salubridade, em que razoavelmente devemos confiar contra a extensão de tão pernicioso mal.

Confiados pois n'estes principios, que a sciencia e a experiencia tem abonado, cumpre, como principal meio de diversão, ter vida occupada, regular e bem ordenada, observando temperança e sobriedade no exercicio de todas as funcções, evitando tanto as commoções fortes, que excitam a alma, como as affecções tristes, que a deprimem e abatem.

Sendo de absoluta necessidade, durante o predomínio da epidemia, manter e conservar o corpo nas melhores condições de saúde, é da maior importancia ter perfeito conhecimento do modo, como devem ser dirigidas as principaes funcções da economia, tanto no que respeita ao individuo, como ás circumstancias que sôbre elle actuam.

A funcção da alimentação occupa a este respeito o primeiro lugar. O preceito mais importante, que ácêrca d'el-

la se pode dar, vem a ser, a observancia de uma bem entendida sobriedade, preferindo uma dieta antes solida que liquida, composta na maior parte de substancias animaes simplesmente preparadas; resultando d'este regimen alguma constipação de ventre, que é uma condição mais favoravel durante a epidemia, do que a opposta.

Como haja, durante o predominio da epidemia, manifesta tendencia para a irritação dos intestinos, importa evitar todo o alimento, que possa occasionar a relaxação d'elles, e n'esta conformidade convém excluir da alimentação os vegetaes verdes, cosinhados ou não, taes como couve, salada, e em geral as hortaliças de qualquer qualidade, as fructas de todo o genero, maduras, cozidas ou mesmo sêccas, a não ser em mui diminuta quantidade; sendo entre os vegetaes, considerados como mais proficuos, o arroz, e a batata.

Importa igualmente excluir a carne defumada, ou ensacada, as massas de pastelaria, as especiarias e conservas de toda a qualidade, os peixes de escabeche, os mariscos, (óstras, lagóstas, &c.), e em geral todos os peixes de concha; devendo constituir o principal alimento as carnes frescas bem cozidas ou assadas, e não muito gordas; proscrevendo igualmente a carne de porco, ainda mesmo fresca, que so se deve usar para tempero das outras carnes, das quaes as melhores são vacca, vitella, gallinha, e frangão. Convém tambem o peixe fresco, de facil digestão.

Quanto a bebidas, as alcoholicas são nocivas, tomadas em excesso, e uteis, sendo usadas com regularidade, principalmente quando convenha o seu uso para favorecer a digestão das comidas, como acontece com as pessoas fracas, preferindo-se o bom vinho puro aos de confeição e muito alcoholicos, so ou misturado com agua, conforme a constituição individual e costumes de cada um, e evitando-se sôbre tudo os vinhos novos ou azedos.

Nada é tão pernicioso, como o abuso de quaesquer bebidas espirituosas; sendo hoje bem demonstrado, pela experiencia, que, os que são dados ao vicio da embriaguez, são acommettidos da infermidade com mais frequencia e intensidade.

Os intervallos, entre as comidas, não sejam demasiadamente longos; por quanto a experiencia tem mostrado, que o cholera ataca terrivelmente as classes, que fazem longos jejuns, no Oriente e em alguns paizes da Europa.

As cêas devem ser ligeiras, porque os ataques depois de cêas pesadas são ordinariamente terríveis.

A outra funcção, a que muito importa attender, é a effectuada pela pelle, que tem estreitas relações com os órgãos internos. Cumpre por tanto entreter o maior aceso no corpo, empregando para isso as lavagens e banhos convenientes, ter a pelle bem coberta e agasalhada, usando de flanela immediatamente sobre ella, na estação fria, e de vestidos apropriados; conservar sempre os pés quentes e sem humidade, mudando frequentemente de roupa e calçado, quando as circumstancias o exigirem, evitar o sereno da noute, o resfriamento, e finalmente tudo que possa produzir qualquer suppressão de transpiração, pois que a transpiração regular é um dos principaes preservativos do cholera.

A habitação do individuo é um dos pontos que tem uma influencia mui directa para a conservação da saúde. A experiencia tem plenamente demonstrado, que as condições, que mais predispõem para o cholera-morbo são, a humidade, as exhalções putridas de materias animaes e vegetaes, e em geral tudo o que dá logar á impureza da atmosphera, porque todas estas circumstancias abatem a saúde e o vigor do corpo humano, e augmentam a susceptibilidade para a molestia. Deve pois haver a maior limpeza exterior e interior nas habitações, sendo diariamente limpas e bem arejadas todas as casas, fazendo remover de prompto (para locaes competentes) todas e quaesquer immundicias, desinfectando as latrinas, e as pias das cozinhas, uma vez por dia, com agua em que se tenha apagado uma porção de cal, e muito melhor com o soluto de *chlorureto de cal*; e não conservar dentro de casa aves ou outros animaes, que possam dar logar á infecção do ar.

Nos logares estreitos, deve evitar-se a accumulção de muitas pessoas, como ordinariamente acontece a respeito

da gente pobre, que vive accumulada em casas pequenas e mal arejadas, viciando assim o ar que respiram.

Procure-se dissipar, quanto possível, a humidade das habitações, sendo preferiveis para morada os logares altos e sêccos aos baixos e húmidos; evitando estender roupa molhada dentro das casas, e não permanecer nem dormir em quarto que não esteja bem enxuto.

Se, não obstante estas precauções, o cholera-morbo se manifestar, eis os symptomas e o tractamento que cumpre seguir. Por duas formas se costuma ordinariamente annunciar esta molestia; na primeira forma, o individuo experimenta indisposição geral, muito frio, rugidos no ventre, náuseas, vertigens, fraqueza consideravel, e caimbras; n'este caso convém deitar em cama quente, e conservar-se entre cobertores de lã, applicar calor por meio de flannels quentes, ou botijas cheias de agua quente, ou saquinhos cheios de arêa ou cinza quente, aos pés e ao longo da espinha, esfregar com actividade as extremidades superiores e inferiores, sendo as fricções feitas com a mão com um pedaço de panno de lã, ou com uma escova; pôr um largo sinapismo sôbre a região do estomago, conservando-o por quinze a vinte minutos, tomar, cada meia hora, uma chavena de chá de flôr de tilia, de borragens, de hortelã, de flôr de carqueija, ou do da India, &c., ou agua quente com uma pequena porção d'agua-ardente e assucar; em summa fazer tudo para promover um suor geral quente, até á chegada do Facultativo, que é indispensavel para determinar o tractamento ulterior.

A outra forma precursora, que a doença, na grande maioria dos casos, apresenta, e que como tal merece a maior attenção e cuidado, consta dos symptomas acima mencionados, conjunctos com diarrhea, ou so e simplesmente da diarrhea, com sentimento doloroso no ventre ou sem elle, cursos de côr e cheiro natural, e mais tarde brancos e sem cheiro, e similhantes á agua d'arroz; n'este caso, além do repouso na cama e da dieta, que deve ser muito tenue, como caldo de frangão ou vitela, convém o uso do cosimento d'arroz com gomma arabica (veja recei-

ta n.º 1.), ou o cosimento branco com o xarope d'opio (veja receita n.º 2.); tomando-se um copinho de quatro ao quartilho, de tres em tres horas; administram-se, com o mesmo intervallo, pequenos clysteres de quatro onças de cosimento de sêneas finas e cabeças de dormideiras, ou de cosimento d'arroz com uma pequena porção de gomma e oito a dez gôttas de laudano; applica-se uma larga cataplasma de farinha de linhaça sôbre o ventre, feita em cosimento de dormideiras; pode convir tambem o banho geral, se as fôrças do doente o permittirem; e no caso de persistir a dôr no ventre, e o doente for pessoa robusta, applicam-se, n'esta parte dolorosa, doze a vinte sanguesugas, e sendo o individuo muito moço ou fraco, seis a dez.

Taes são os meios, que convêm pôr em practica, logo na primeira apparição dos phenomenos indicados; sendo da maior importancia insistir no tractamento proprio, para debellar a diarrhea, que, segundo a observação geralmente feita nos diversos paizes, constitue quasi constantemente o primeiro periodo da doença, e estabelece, quando não é atalhada, a transição para o segundo periodo, que, pela sua gravidade, se deve por todos os modos evitar.

Quando os meios indicados não possam ser devidamente postos em practica, no proprio domicilio, e se torne necessario recorrer aos hospitaes, deverá o doente effectuar a sua entrada sem demora, logo no começo da doença, quando se não ache ainda estabelecido o chamado periodo azul ou algido, em cuja circumstancia ja não poderá ser tão proveitosa a mudança.

### da Ordem dos Farmacêuticos

#### FORMULAS.

##### N.º 1.

- Arroz ..... 1 onça,  
 ferva em meia canada d'agua até se reduzir a  
 um quartilho; tire do lume, e ajuncte logo
- Gomma arabica..... 2 oitavas,  
 mexa por algum tempo para a dissolver, e  
 adoce com assucar branco.



## N.º 2.

Raspas de ponta de viado.....  $\frac{1}{2}$  onça,  
 Miollo de pão.....  $\frac{1}{2}$  ”  
 Agua.....  $\frac{1}{2}$  canada,  
 ferva até ficar em metade: côe e dissolve

Gomma arabica..... 2 oitavas,  
 Xarope d'opio.....  $\frac{1}{2}$  onça.

(J. da S. das Sc. Med. de Lisboa.)

*Observações acerca de Saúde Publica.*

Oh caminho da vida nunca certo!  
 Que aonde a gente põe sua esperança,  
 Tenha a vida tão pouca segurança!

Camões.

Sendo, na verdade, o homem um ente o mais nobre, e o mais magnifico, parece que todas as influencias da natureza, sciosas da sua sublimidade, se conspiram para lh'a combater e destruir. A sua existencia, aliás tão curta, tão precaria e limitada, encontra, ainda assim, por toda a parte, agentes destruidores, e influxos maleficos, que lh'a damnificam, abreviam e extinguem! Serão taes inimigos do homem, os pregoeiros da sua grandeza, e os apologistas da sua dignidade? Ou antes as consequencias infalliveis, do *interdictam sibi arborem degustassent*, que contraverteram, desde a infancia dos sêres, a felicidade, que sem aquella fatalidade, os devia embalar perpetuamente? E' certo, e a experiencia de todos os seculos o confirma, que ao homem, ainda mais que a qualquer dos sêres existentes, é preciso arrostar, corajoso e vigilante, uma serie de principios destruidores que a todo o momento o cercam e hostilisam.

Os calores e os frios; a abundancia e a miseria; os gozos e os dissabores; os abusos e incontinencias; e até as mesmas precauções, ainda as mais severas, tudo concorre e como que se apraz, em expor-lhe a vida a uma perse-

guição systematica e acintosa. O seu proprio organismo, que aliás extasia os mais profundos anatomicos, physiologistas, pelo estupendo machinismo e compaginação de suas partes, parece succumbir, de continuo, ao pèso dos elementos de sua materia, que, desequilibrando suas funcções, por bem faceis e fortuitos accidentes, lhe annunciam, com voz de ferro — Lembra-te ó desgraçado, que és um pouco de po, no qual bem prestes te has de tornar a converter — *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*

Não obstante, devemos confessar que, um principio vivificador e providente, vigia na conservação da obra prima do seu podêr, e da sua predilecção, ainda a despeito dos humanos extravios, e como que oppõem á morte diamantino escudo; pois que lá disse, pela bocca do paciente Job — *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* Vós assignalasteis ao homem, um prazo determinado para existir, e ninguem terá podêr para lh'o abreviar. Esta voz poderosa leva consigo a toda a parte a convicção do seu podêr formidavel, e a natureza a ouve e lhe obedece.

Se os Decretos, porém, do Eterno, são immutaveis, elles tambem prescrevem ao homem as circumstancias que os modificam, por isso que teem alguma cousa de condicionaes; para o que, ouçamos o Supremo Oraculo:

« Ama a teu pae e a tua mãe, para que vivas largos  
» annos sobre a terra. Arrebatarei ao Joven, no tempo da  
» sua mocidade, para que o Mundo o não contamine. O  
» Joven desregrado, anticipa o termo da sua morte. » Estas, e outras muitas sentenças do Espirito Sancto, confirmam a nossa opinião.

Se ella parecer contradictoria, appellaremos para as causas occultas, e das quaes a limitação da nossa intelligencia apenas comprehende os effeitos. Os nossos dias andam sempre expostos a multiplicados padecimentos e ameaçadores perigos, e ainda assim, e a despeito de tantos males que cercam a misera humanidade, e contra os quaes ella se não pode garantir, muitos ha bem faceis de reme-

diar, e até de perfeitamente destruir, *se houvesse quem tomasse conta no que importa.* ; Quando se attenderão os clamores da razão e da justiça? ; Estaremos sempre *clamando no deserto?* ; Não alcançaremos nunca algum fructo das nossas diligencias? Ah! uma triste e fatal experiencia confirma a inutilidade d'ellas.

Mais de uma vez levantámos a nossa voz, e não foi attendida. Levantou-a a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e nada conseguiu. Dirigiu-se ao Governo, e as suas representações não tiveram deferimento. Enviámos aos Jornaes publicos as nossas observações, negaram-se á sua publicação. ; N'este caso que faremos? Nossos Collegas das Provincias, não acreditam os nossos esforços, e instam em dizer que nada fazemos, porque nada vêem remediado ácerca dos males que affligem a classe e a humanidade, alvo e objecto desgraçadissimo, dos curandeiros e charlatães; dos falsos e illegaes pharmaceuticos; dos medicamentos empiricos, e ministrados publicamente por mãos mercenarias, inhabeis e ignorantes; do trafico abusivo, com que mercadeja a ambição, o egoismo, e ma fe dos especuladores, com a saúde publica; de tantas espeluncas d'onde sabe a morte, involta e mesclada com variegados coloridos, a fazer victimas a centos; em quanto que os verdadeiros pharmaceuticos, os filhos predilectos da sciencia, mal dizem, e com razão, a subtracção cavillosa, que lhe deturpa os seus interesses e invalida o seu justo merito, legalmente adquirido, á custa de fadigas e despesas; em quanto que, o idiotismo, alardeia um imerecido e insultante triumpho. As mesmas posturas não se observam. Mofa-se da auctoridade, porque ella se não respeita, e a saúde publica naufraga n'este *mare magnum* de desconcertos e desordens. Por toda a parte se vendem, se dão, e dispensam, illegalmente, medicamentos ao povo, credulo e sempre debaixo do aspecto da sua propria utilidade; levando-lhe, indiscretamente, o germen da destruição e da morte, a par das apparencias de um bem real.

Que, nas aldeias, nas mais desprovidas terras de nossas  
Tom. V. — N.º 12.

mal fadadas provincias, isto acontecesse, ainda teria alguma desculpa; na mesquinhez dos recursos, que mal se compadece com o estado actual de nossa civilisação; porém verificam-se estes abusos, estas anomalias, para maior descredito nosso, no centro da Capital, á vista das auctoridades legaes, e na presença de tantos recursos, e tão accessiveis a todas as classes.

Unguentos, emplastros, pomadas, elixires, pos para sezões, antidotos contra o cholera-morbo, &c. &c., tudo se inculca ao misero povo, com fascinadoras e falsas virtudes, para obterem um consumo, cujos resultados são sempre vantajosos ao avido vendedor. Nem se pense que nos aprazemos em debuxar o nosso quadro, com côres mui carregadas; a modestia e acatamento, com que se deve escrever sobre certos assumptos, e em relação ás altas dignidades, nos impede o descer, como podíamos, ás individualidades: ha bem pouco tempo se publicou, no eximio *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias*, um factio bem notavel, e não menos damnoso, succedido na Rua do Longo, ao cimo da Rua Formosa, em um sujeito que esteve á morte pelo uso do sub-carbonato de chumbo, ministrado por *mãos caritativas*, debaixo do titulo — *pos para sezões*. No mesmo sitio esteve perigosamente infermo um soldado da guarda municipal, com um purgante dado igualmente por charlatães, e todos sabem o que succedeu, similhantemente, a um creado do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Palmella, que por consequencia a morte.

Pelo que pedimos, mui incessantemente, ás Auctoridades, remediem tantos males que nos cercam, e dos quaes ellas podem facilmente tomar conhecimento, não omittindo o acceo de varios sitios da Capital, hoje quasi inhabitados por falta de limpeza; assim como a inspecção das casas publicas, onde se vendem comestiveis e bebidas, porque, em fim, a proximidade do cholera, e o seu terrivel aspecto, deve despertar todas estas medidas, que deveriam ter sido, ha muito, objecto da mais severa policia medica. Não se limitem aos sauguões, mas sim inspeccionem-se todos os estabelecimentos, principalmente

aquelles que, pela materia que faz o principal objecto de seu trafico, podem, por pouco acceio, serem mais nocivos á saúde publica; e nós, os pharmaceuticos, não desdenharemos qualquer convite, que, para coadjuvar as Auctoridades, nos seja dirigido, porque amamos os nossos Concidadãos, e desejamos, quanto em nós caiba, concorrer para o bem geral.

Lisboa, em 10 de Novembro de 1848.

*Henrique José de Sousa Telles.*

## PHARMACIA.

Em resposta á carta que recebemos de um nosso Collega da Provincia, sobre a identidade ou differença do iodureto e hydriodato de potassa, julgámos que não poderíamos satisfazer melhor o seu desejo, que transcrevendo este Parecer.

*(Os Redactores.)*

A' Commissão de Pharmacia foi enviado um escripto do nosso Consocio em Tavira, o Sr. José Pedro Marques Belliogo, para dar o seu parecer sobre qual era a composição chymica do iodureto de potassio, e do hydriodato de potassa; e na hypothese que estes compostos sejam a mesma cousa, qual a razão por que no commercio apparecem dous saes, um com o nome de iodureto, e o outro com o de hydriodato de potassa, com caracteres physicos e organolepticos diversos.

Esta questão, Senhores, tirou a sua origem da controversia que teve logar entre o nosso Consocio e os Srs. Azevedos, em consequencia d'elle lhes ter pedido uma porção de iodureto de potassio, que elles lhe mandaram em forma crystallina, e com o nome de hydriodato de potassa; e consequentemente com caracteres diversos d'aquelles com que no commercio apparece um sal intitulado iodureto de potassio, que é mais sêcco, sem forma crystallina, e quasi pulverulento, tendo mesmo um sabor mais acre que o chamado hydriodato. Na presença pois dos caracteres appa-

rentes dos dous saes, o Sr. Belliagio julgou que não eram um mesmo composto chymico; e como mostra na sua exposição, a leitura de obras anteriores a esta epocha, e talvez a influencia moral do preconceito em que estava, o levaram a ter como certa a sua asserção, e por isso reenviou o sal aos Srs. Azevedos, dizendo-lhes que elle queria o iodureto e não o hydriodato: aquelles Senhores lhe responderam bem, segundo julga a Commissão, e segundo os principios de chymica actualmente professados, porém não descêram a explicações sobre qual era o motivo por que no commercio existem dous saes de caracteres e nomes diversos, sendo estes um dos principios em que o nosso Consocio fundamenta o seu argumento para a admissão dos dous saes.

A Commissão, pois, lendo mui reflectidamente aquelle escripto, assim como a resposta dos Srs. Azevedos, inserta na ultima pagina do mesmo citado escripto, ácerca do hydriodato de potassa e sua synonymia, intendeu que se devia illustrar quanto possivel fosse o nosso Consocio sobre os saes em questão, e fazer ver de um modo palpavel o estado da sciencia n'esta parte; e como á Commissão toca dispor as materias para entrarem em discussão, intendeu ella que de modo algum preencheria melhor esta missão que em apresentar, de uma maneira succinta, o estado em que hoje se consideram estes corpos, intitulados saes binarios.

E' fora de duvida que os metalloides (corpos alogeneos de Berzelius), como o iodo, o chloro, o bromio, o fluor, podem combinar-se directamente com os metaes ou com os oxydos metallicos e formar saes, e que estes saes teem o nome de ioduretos, chloruretos, bromuretos, &c. Como o nosso objecto é tractar especialmente do sal, que resulta da combinação do iodo com o potassio ou com o seu oxydo, potassa, nós restringiremos a nossa discussão a este unico ponto quanto possa ser.

Os saes binarios, ou aloides, são formados por tres modos: 1.º, unindo directamente o iodo com o potassio; 2.º, unindo o acido hydriodico com a potassa; 3.º, por dobrada

decomposição, como quando se juncta um soluto de um carbonato, ou de um sulphureto alcalino ao iodureto de ferro; e não se conhece hoje outro meio de obter estes corpos, dos quaes o sal em questão forma o modelo como fica dicto.

Analysemos o que se passa n'estes tres casos para obter o mesmo resultado.

No primeiro caso, quando a união é directa, isto é, quando unirmos o iodo com o potassio, não podêmos ter duvida que temos somente iodureto de potassio.

No segundo caso, que é quando unimos o acido hydriodico com a potassa, se esta operação se fizer a sêcco, a hypothese admittida hoje, pela maior parte dos chymicos, é que o hydrogenio do hydracido se unirá ao oxygenio da base para formar agua, e o seu radical, isto é, o iodo se unirá ao potassio, e temos ainda um iodureto de potassio e mais agua.

No terceiro caso, apontaremos mesmo o processo pelo qual este sal é obtido geralmente nos laboratorios, processo que é devido a Baup e Caillot.

As proporções dos componentes são as seguintes:

Iodo.....	2 libras.
Limalha de ferro.....	10 onças.
Carbonato de potassa.....	q. s. ou quasi 26 onças.

Expliquemos a reacção.

Pela união que se faz do iodo com o ferro, por intermedio da agua, forma-se iodureto de ferro, e depois, acrescentando-se o carbonato de potassa, tem então lugar a dobrada decomposição, a saber: o iodo combina se com o potassio formando iodureto de potassio, e o acido carbonico se une ao ferro, primeiro prot'oxydado pelo oxygenio da potassa, que se precipita. Por tanto temos que todos estes tres processos nos deram o mesmo resultado, e a explicação que aqui se dá é a mais plausivel no estado actual da sciencia.

A origem da palavra hydriodato, como muito bem dizem os Srs. Azevedos, veio do modo porque alguns chy-

micos comprehenderam a reacção do acido hydriodico sobre as bases; ou a reacção do iodo sobre os metaes e metalloides, quando esta tinha logar por intermedio da agua.

Pensavam elles que os hydr'acidos, geralmente fallando, se uniam com as bases formando saes, não binarios como hoje se crê; porém sim amphidos. Mais claro ainda; que o hydr'acido se não decompunha, e que se unia ao oxydo metallico, ou de outro modo, que fazendo-se a união, por intermedio da agua, do iodo com o potassio, devia decompor-se a agua, attenta a avides do iodo para o hydrogenio, este unir-se ao iodo e formar acido hydriodico: e a parte do oxygenio que resultava da decomposição da agua unir-se-ia ao potassio, ficando prot'oxydo de potassio ou potassa, esta unia-se ao acido hydriodico, e tinhamos hydriodato de potassa, quando o sal era preparado por intermedio da agua.

Os mesmos chymicos que tinham similbante opinião, confessam que o sal passa a iodureto de potassio depois de crystallizado. N'esta hypothese, como se vê, era preciso admittir primeiro uma decomposição da agua, e depois uma recomposição; e isto so porque o sal deixava de estar dissolvido, o que parece evidentemente repugnante, porque não vemos acções physicas nem chymicas capazes de produzir este segundo phenomeno. Estas e outras considerações de maior peso ainda, e o estudo posterior que se tem feito sobre esta qualidade de corpos compostos, teem feito cessar a ambiguidade que existia a este respeito, estando todos de accôrdo que o sal, de que se tracta, é um iodureto.

Isto sabido, resta com tudo saber e mesmo explicar a razão porque no commercio existem dous saes, um intitulado iodureto de potassio, em forma mais ou menos pulverulenta, e de uma côr um tanto mais escura ou de perola, e outro com o nome de hydriodato de potassa crystallizado, em cubos mais ou menos regulares, no que podem influir diversas circumstancias dependentes umas do processo operatorio empregado, outras da quantidade do sal que se fabrica, &c. &c.



Em primeiro lugar é certo, que no commercio existem estes saes, e é devido isto ainda a certa crença de que para o sal ser iodureto precisa ser sêcco; é isto ainda o resto das doutrinas professadas ha poucos annos, como bem se vê na citação que o A. da exposição faz do Sr. Mouzinho de Albuquerque, o qual diz que o hydriodato, pela exsiccação, passa a ioduréto.

Para conseguir isto, deitam o sal n'uma capsula, expõe-no ao fogo, até lhe fazer perder a agua de crystallisação, e é assim que elle fica sêcco e de forma pulverulenta, e além d'isto com uma côr mais escura.

E' porque fica privado da agua de crystallisação, que elle adquire propriedades organolepticas mais pronunciadas, por isso o seu sabor é mais acre, e mesmo as suas propriedades medicinaes devem ser mais activas; por quanto n'um dado peso se contém mais porção de sal que quando se acha na forma crystallina, succedendo a este respeito o que succede ao sulphato de soda, que pela sua efflorescencia perde muito do seu peso, porém ganha qualidades purgativas maiores se dá na mesma dôse.

Além d'este sal apparece, como temos dicto, o iodureto crystallizado, que é o mais conhecido e geralmente usado.

D'aqui conclue-se que, chymicamente fallando, um e outro sal são a mesma cousa, isto é, ioduretos; que iodureto e hydriodato são synonymos no estado actual da sciencia, e que a differença que apresentam á vista não passa de uma qualidade accidental, que nada muda a sua natureza chymica.

A Comissão poderia fazer citações textuaes dos AA. para comprovar a doutrina que emette, porém como este trabalho seria extenso, e passaria os limites de um parecer, onde deve expor-se a verdade com a maior concisão e clareza possivel, por isso não fará mais que indicar as fontes onde com facilidade pode colher-se esta doutrina.

1.<sup>a</sup> Curso de Chymica elementar da Eschola Polytechnica, pelo Sr. J. M. O. Pimentel, 1839, pag. 337, quando do tracta dos saes binarios.

2.<sup>a</sup> Diccionario de Medicina, &c., de Nysten, edição de 1840, pag. 194, artigo — chloruretos: — alli está exposta esta doutrina com clareza e laconicamente.

Idem pag. 469, artigo ioduretos.

Idem pag. 470, iodureto de potassium.

Idem pag. 435, hydriodato.

3.<sup>a</sup> Soubeiran, edição de Bruxellas, 1837, tomo 2.<sup>o</sup> pag. 211, artigo iodureto de potassium.

4.<sup>a</sup> Orfila, Elementos de chymica applicada á Medicina e ás Artes, tomo 1.<sup>o</sup> Paris 1839, pag. 269, artigo ioduretos, onde diz: — *Composition: l'acide hydriodique donne avec plusieurs oxides metalliques, de l'eau et un iodure...*

Lisboa, 7 de Novembro de 1845. — João Manuel Ogan-  
do. — Dr. Bernardino Antonio Gomes.

(J. da S. das Sc. Med. de Lisboa).

*Citrato de magnesia de ROGÉ, em BOUCHARDAT.*

Carbonato de magnesia.....	4 oitavas =	16 gram.
Acido citrico crystallisado.....	6     " =	24     "
Assucar de lasca.....	2 onças =	64     "

Privem-se as tres substancias, o mais possivel, da agua que possam conter, por meio d'uma dissecação moderada; reduzam-se a po grosso, e misturem-se. Esta quantidade é para 18 onças d'agua.

Não obstante a indicação do Auctor, permitta-se-nos expôr o que a practica nos tem ensinado, e que preenche, ao mesmo tempo, as prescrições usuaes dos nossos clinicos.

A formula acima mencionada, solvida n'uma libra d'agua, e tomada por tres porções, dá um bom purgante e mui agradável.

O carbonato deve ser peneirado; o acido e o assucar, devem-se empregar em po grosso. A razão é obvia, porque sendo em po fino, a reacção opera-se rapidamente; em tanto que sendo em po grosso, ella é mais lenta, menos tumultuosa, e o gaz, que se vae desinvolvendo, im-

pressiona menos a garrafa para a não estalar, e produz uma bebida gazosa, muito mais saborosa do que deixando-lhe evolver o gaz carbonico.

E' indifferente, para o gosto, empregar qualquer assucar areado; porém a côr da limonada será citrina, em quanto que o de lasca lhe não põe côr alguma.

*Xarope extemporaneo, para as tosses, catarrhosa e pulmonar.*

Assucar candil em po. . . . . 1 libra = 375 gram.

Caracoos das hortas, limpos e privados da sua casca. . . . . n.º 100.

Involva tudo n'um pano pouco tapado, e suspenda-o sôbre um vaso, até que o assucar, bumedecido pelos caracoos, passe todo em forma de xarope mui claro.

Toma-se ás colheres, amiudadas vezes.

*Limonada citrica.*

Acido citrico crystallisado em po 4 oitavas = 16 gram.

Assucar do melhor. . . . . 16 onças = 500 "

Misture exactamente n'um gral de pedra. Duas onças d'esta mistura, dão um quartilho de limonada mui agradável.

Se, ao assucar, junctarmos algumas gôttas d'essencia de casca de laranja, formando um *oleo saccharo*, simularemos, na bebida, o gosto das laranjadas.

H. J. S. Telles.

## PEÇAS OFFICIAES.

SENHORA! — Diz a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, por si e pela Classe que representa, que tendo sido, em todos os tempos, excluida do Serviço Militar, por incompativel com o exercicio da sua profissão, não menos do que pelos serviços que sempre tem prestado ao publico, mormente em tempos d'epidemias, como bem se viu quando o cholera-morbo aqui se de-

involveu, e que pode ainda prestar, se semelhante flagello tornar a evadir-nos, visto que ja de tão perto nos ameaça; que attendendo a tão ponderosos motivos, e a exemplo do que se acaba de practicar a favor das Classes, Medica e Cirurgica, com as quaes a Pharmaceutica se acha perfeitamente em identicas circumstancias; seja Vossa Magestade Servida Attendel-a em seu requerimento, para se lhes conceder a mesma escusa: pelo que — Pede a Vossa Magestade Se Digne escusar, do Recrutamento, a Classe Pharmaceutica. E. R. M.<sup>ce</sup> — Lisboa, em 16 d'Outubro de 1848. — *José Dionysio Corrêa*, 1.º Vice-Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*, 1.º Secretario. — *Francisco Fortunato d'Assis*, 2.º Secretario.

SENHORA! — Diz a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que tendo Vossa Magestade deferido, por Portaria de 17 d'Outubro ultimo, ao seu requerimento de 16 do dicto mez, isentando do Serviço Militar os Pharmaceuticos com botica aberta; que se lhes torna summamente prejudicial, que o não sejam egualmente os seus Ajudantes ja examinados, bem como os Aspirantes com dous annos, pelo menos, de boa practica; isto não so porque sempre elles teem sido isentos, mas porque os seus serviços pharmaceuticos são indispensaveis, nas occasiões de maiores trabalhos, como se viu no tempo da passada invasão do cholera-morbo, e o pode vir a ser, se Deus não afastar para longe de nós aquelle flagello, que nos está ameaçando: pelo que — Pede a Vossa Magestade Seja Servida ampliar aquella isenção, aos Pharmaceuticos examinados, e Aspirantes com dous annos de boa practica, e que sejam menores de 25 annos; a exemplo do que se practica com os Alumnos de Medicina e Cirurgia. E. R. M.<sup>ce</sup> — Lisboa, em 4 de Novembro de 1848. — *Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira*, Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*, 1.º Secretario. — *Francisco Fortunato d'Assis*, 2.º Secretario.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

Acta n.º 330, de 13 de Janeiro de 1848.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 6 horas da tarde abriu o Sr. Presidente a Sessão. Feita a chamada, estavam presentes 19 Membros Effectivos, e um Honorario.

Lida, e approvada a Acta antecedente, deu conta, o Sr. 1.º Secretario, da seguinte Correspondencia.

O nosso Consocio Honorario, o Sr. Dr. Beirão, deu parte dos bons effeitos vesicantes do emplastro de cantharidas (Vide pag. 53).

O Sr. J. Tedeschi, informou ácerca dos maravilhosos resultados obtidos nas experiencias feitas, no Hospital de S. José, com o chloroformio, preparado por elle no Laboratorio da Eschola; assim como de se ter, na mesma, procedido a um Corpo de Delicto, em um Creado do Ex.<sup>mo</sup> Duque de Palmella, que se supõe ter succumbido á propinação d'algum agente mortifero.

O Sr. J. P. Azevedo, propoz se extrahissem dos differentes Officios recebidos, ácerca de *policia medica*, para se publicarem n'algum jornal; ficou para segunda leitura.

O Sr. J. D. Corrêa, propoz um Candidato para Membro Honorario; foi a proposta remettida á Commissão de Direito Pharmaceutico.

Procedeu-se á eleição d'um Vogal para a Commissão de Chymica, e ficou eleito o Sr. J. G. Ayellar.

O Sr. Telles junior, participou que, havendo concluido os ensaios feitos na epiderme das castanhas de *Inhambane*, não havia encontrado indicio algum de propriedades toxicas.

Apresentou tambem um Parecer da Commissão de Chymica, sobre a salsa-parrilha de Moçambique; ficou para segunda leitura.

Por parte da Commissão de Saúde Publica, participou, o Sr. Ogando, que em breve apresentaria os trabalhos relativos ao Sr. Jonathan Pereira.

Entrou em discussão a quarta parte do Parecer sobre Instrução Pharmaceutica.

O Sr. Ogando, approvou a sua doutrina, excepto na parte que admittia a — *Geographia* — por isso que esta ia sobrecarregar muito os Alumnos; que, ao depois, a podiam facilmente estudar.

Esta opinião foi vigorosamente impugnada pelos Srs. Telles junior, Vicente Tedeschi, Telles senior, e J. A. Rodrigues; ficando a votação adiada para a Sessão seguinte.

Sendo 9 horas da noite fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Acta n.º 331, de 27 de Janeiro de 1848.*

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes 15 Membros Effectivos.

Lida a Acta da Sessão antecedente, foi approvada; e deu-se conta da Correspondencia.

Recebeu-se, com especial agrado, varios objectos doados.

O Sr. J. Tedeschi, apresentou, por parte do Sr. Sousa Dias,

uma proposta de Candidato para Membro Correspondente Nacional, que dispensadas as formalidades, foi votado e approvedo o Sr. Joaquim da Costa Neves, Pharmaceutico no Porto.

O Sr. Ogando, como Director da Commissão de Saúde Publica, apresentou as correções e esclarecimentos pedidos pelo Sr. Jonathan Pereira.

O Sr. Loureiro, tambem apresentou tres Pareceres da Commissão de Direito-Pharmaceutico.

O Sr. Freire, queixou-se de que a Commissão não apresentasse o seu Parecer sobre a proposta que elle havia feito, acerca da Lei de Saúde; ficou porém satisfeito com as explicações que lhe deu o Sr. Director.

O Sr. J. Tedeschí, requereu tornassem á Commissão os Pareceres apresentados pelo Sr. Loureiro, e que dizem respeito a Membros Honorarios, para se lhes fazer uma pequena modificação; requerimento, que soffreu alguma discussão, sustentada pelos Srs., Ogando, J. A. Rodrigues, e Freire.

O Sr. Presidente, observou que, em consequencia do mau tempo, se achavam presentes poucos Socios, faltando mesmo aquelles que mais interesse tinham tomado n'esta discussão; por cujo motivo propunha o adiamento, que foi approvedo.

Approvou-se egualmente os seguintes Pareceres:

SENHORES! — A' vossa Commissão de Pharmacia foi presente um Officio do Sr. 2.<sup>o</sup> Secretario, acompanhado da Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, datada de 8 de Julho ultimo, e d'uma porção de castanhas d'Inhambane, bem assim do Parecer da Commissão d'Historia Natural, sobre o estudo botanico das mencionadas castanhas; para que obtivessemos d'ellas uma porção d'oleo, d'uma certa quantidade, e pelos processos que julgassemos mais convenientes, dando depois á Sociedade o resultado de nossos trabalhos, tudo em conformidade da supradicta Portaria. Tendo procedido esta Commissão á extracção do oleo, julgou que o melhor e mais productivo processo era o da expressão. Assim, tomou dezesseis onças das castanhas, separou-lhes a casca, e deram nove onças de sementes; estas foram immergidas em agua fervendo, para separar a pellicula. Tirada esta, e depois de bem enxutas, contusas, reduzidas a massa, e submettidas a frio á expressão em uma prensa de ferro, produziram quatro onças d'oleo, o qual foi depois filtrado por papel. Este oleo é amarello, muito transparente, de cheiro aromatico, sabor doce e agradavel.

Como na referida Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, se annuncie que na pellicula suppõe-se existir algum principio venenoso, a vossa Commissão de Pharmacia officiou, em 13 do corrente mez, ao Sr. 1.<sup>o</sup> Operador, remettendo-lhe a casca das castanhas, a pellicula, e a agua em que foram immergidas; convidando-o a fazer algumas observações toxicologicas, e do seu resultado dar conta á Sociedade.

Esta Commissão, Senhores, em presença dos trabalhos a que procedeu, espera ter cumprido o que a haviéis encarregado.

Gabinete da Commissão de Pharmacia da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 22 de Novembro de 1847. — *José Dionysio Corrêa*, Director. — *Sebastião Athanasio Estanislau da Silva*, Vice-Director. — *Carlos Maria Monteiro Freire*, Vogal.

SENHORES! — A Commissão de Chymica foi enviada uma amostra da planta que, em Moçambique, denominam — *salsaparrilha* —, acompanhada da copia da Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, pela qual sua Magestade ordenava, á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, analysasse a supradicta planta, para se conhecer se com effeito era a *salsaparrilha*; e, sendo-o, que valor poderia ter em Medicina, e mais usos a que costuma applicar-se.

A Commissão reconheceu logo que mui pequena era a porção da planta, para poder ensaiar-se devidamente; e não lhe sendo possível alcançar maior quantidade, decidiu-se a submettel-a á analyse tão rigorosa, quanto a porção da substancia lh'o prometia. Para marchar com mais acerto, procurou no commercio uma quantidade de *salsaparrilha* verdadeira, egual em peso á que lhe fora remettida, e confrontou, primeiro do que tudo, os seus caracteres physicos; nos quaes encontrou bastantes differenças, que não menciona, porque de certo haverão ja sido apontadas pela Commissão d'Historia Natural.

A Commissão, seguindo a doutrina dos melhores auctores, deveria encontrar na *salsaparrilha* verdadeira: oleo volatil, *salsaparina*, resina acre e amarga, materia oleosa, extractivo, amydo, e albumina.

Não obstante a convicção de que impossivel era, em tão mesquinha porção de planta, fazer obra perfeita, a Commissão dividiu a *salsaparrilha*, propriamente dicta, em sete porções eguaes, e operou, sobre cada uma d'ellas, do modo seguinte; para descobrir os diversos principios acima mencionados.

*Oleo volatil.* Submetteu-se uma porção, cortada em miudos pedaços, á distillação, com sufficiente porção d'agua pura, em retorta de vidro munida do competente recipiente. O liquido, que passou para o recipiente, não apresentou camada alguma d'oleo, nem indícios d'elle, e nem ao menos, pelo repouso, se manifestou porção alguma.

*Albumina e materia extractiva.* Tomou-se egual porção, contundiu-se, e poz-se em maceração por 24 horas com 24 vezes o seu peso d'agua distillada; coou-se e passou-se o liquido para uma proveta, lançou-se-lhe alcohol para coagular a albumina. O liquido filtrou-se por filtro lavado e pesado, seccou-se e pe-sou-se de novo, para saber a quantidade d'albumina.

O liquido filtrado evaporou-se em capsula pequena de porcelana, tarada, e obteve-se uma porção de materia extractiva, cuja quantidade se reconheceu pelo novo peso da capsula.

*Amydo.* Uma egual porção foi, depois de contusa, tractada por 24 vezes o seu peso d'agua pura a 171.º O residuo foi de novo submettido á decoção, e coado, ainda quente, separou-se a albumina pelo alcohol e filtro, e tractou-se o liquido pelo acetato-plumbico, que precipitou a fecula. Filtrou-se o liquido, por filtro pesado e lavado, e pesou-se para conhecer a porção de fecula ou amydo.

*Resina.* Tomou-se uma identica porção, e, depois de preparada convenientemente, deixou-se em digestão com 12 vezes o seu peso d'alcohol de 40º, por 24 horas em vaso tapado; filtrou-se, e subjeita de novo a egual tractamento, evaporou-se o soluto alcoholito em uma capsula, tarada antecedentemente, e, pelo augmento de peso, se conheceu a porção de resina.

A salsa-parrilha, assim esgotada pelo alcohol, foi submettida a similhante tractamento, e por egual tempo, com o ether, e d'est'arte se avaliou a quantidade de resina extrahida por estes dous excipientes.

Uma nova porção, asgotada pelo alcohol e ether, e filtrada, foi depois tractada pela agua distillada, que produziu um precipitado, que, separado pelo filtro e secco, deu resina.

Uma porção, posta em maceração no alcohol e filtrada, não deu materia oleosa.

*Salsaparina.* Tomou-se uma parte de salsa-parrilha e duas d'alcohol de 33º, poz-se em digestão por duas horas, decantou-se, e sobre o residuo se lançou nova porção d'alcohol. Reuniram-se os liquidos, e evaporaram-se aos sete oitavos. O oitavo restante, foi fervido com o carvão e filtrado. Deixado em repouso, por muito tempo, para se effectuar a evaporação espontanea, obteve-se um pequeno residuo, que foi tractado pelo alcohol quente, filtrado a travez do carvão animal preparado; e evaporado de novo, para dar crystallizada a salsaparina, que não se manifestou.

A Commissão empregou, para procurar a salsaparina, um novo processo mencionado em o Tractado de Pharmacia do Sr. Soubeiran; que consiste em tractar o soluto alcoholico pelo acetato-plumbico, até não dar precipitado, filtrar, separar do liquido o excesso de chumbo pelo acido sulphurico, filtrar, descorar pelo carvão, evaporar, e tractar de novo o residuo pelo alcohol, e deixar á evaporação espontanea. Foi so por este processo que se manifestaram pequenos e pouquissimos crystaes, que, pela sua pouquidade, mal se podiam descobrir, e muito menos verificar a sua natureza e composição chymica.

Passando d'esta analyse, feita na planta verdadeira, para a da que nos foi remettida pelo Governo, a Commissão encontrou o seguinte:

Nada d'oleo essencial.

Muito maior porção d'albumina, do que na do commercio.

Menos porção de materia extractiva.



Menor quantidade d'amydo.

Egual porção de resina; solúvel no alcohol, e menos da solúvel no ether; do que resultava uma somma de resina menor do que a do commercio.

Nada de materia oleosa.

Traços de salsaparina menores do que na do commercio.

A Commissão preparou um decocto e infuso, com cada uma das plantas, e reconheceu-lhes differenças bem palpaveis, especialmente na côr e sabor; sendo a salsa-parrilha, enviada pelo Governo, de sabor menos amargo, e de cheiro mais fraco do que a do commercio: ambos elles porém espumavam pela agitação, sendo menor a quantidade d'espuma formada no decocto da supposta salsa-parrilha.

Em vista do que levamos dieto, a Commissão, attenta a pequena quantidade de planta que lhe foi remettida, e que não lhe permittiu verificar cabalmente a existencia do alcaloide, que caracteriza a salsa-parrilha, não pode definitivamente decidir ácorea da natureza verdadeira da planta em questão; mas, por induções, julga podêr concluir que a planta que nos foi enviada, pelo Ministerio da Marinha e Ultramar, com o nome de — *salsa-parrilha de Moçambique* — se não é a *smilax salsa-parrilha*, será uma outra especie proxima d'esta, e aproveitavel na sua falta, como bem poderiam mostrar alguns ensaios therapeuticos.

Gabinete da Commissão de Chymica da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 14 de Janeiro de 1847. — *João José de Sousa Telles*, Director. — *José Pereira d'Azevedo*, Vice-Director.

Sendo 3 horas da noute, fechou-se a Sessão.

*Francisco Fortunato d'Assis*,  
2.º Secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

### BIBLIOGRAPHIA.

Amantes da illustração, ha muito desejavamos que, em Portugal, se publicasse um Compendio d'Historia Natural, escripto em um estylo adequado, para que a infancia se pudesse instruir, e adquirir gosto pelos estudos da natureza, aliás tão sublimes! Os antigos n'este gosto, que tinham lido em alguns jornaes de Paris, e dedicados ás Demoiselles, tinham-nos desafiado este desejo, e compungiamo-nos de que não apparecesse um

genio que emprehendesse este trabalho, que tanto bem devia produzir na condição moral da infancia; e mais d'uma vez tinhamos lamentado o descuido da educação das nossas Demoiselles, aliás tão espirituosas como as de outros paizes.

Nas escolas, além das primeiras letras, aprende a juventude uma cartilha de doutrina e algumas maximas moraes; e, lançados depois no grande mundo, com o espirito errante, fixam a sua attenção em qualquer romance, e é este genero de leitura que forma depois toda a sua litteratura: e se por ventura os romances forem de um moralista como Paulo de Cok, não tardarão paes e maridos em colher os sazonados fructos de sementeira tão fertil!!

A maior parte do povo possui este genero d'instrução, que, a ser mais augmentado, aggregam-se-lhe umas lições de polka e de dança, abandonando em tudo o mais a verdadeira erudição.

O Sr. *João José de Sousa Telles*, amante sobremaneira das letras, e conhecedor profundo dos vicios do actual systema d'educação em muitas escolas primarias, empreendeu a ardua tarefa d'arranjar uma obra que satisfizesse esta grande necessidade; imprimindo assim movimento util á intellectualidade da mocidade, illustrando o seu espirito, e fazendo nascer o gosto por aquellas sciencias, que presentes, em toda a parte, á nossa observação, nos rebellam com linguagem muda, mas energica e persuasiva, a magestade e o poder do Creador.

O Compendio d'Historia Natural, escripto pela mão do Auctor das Visitas ao Horto-Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e d'outros importantes artigos inseridos nos Jornaes da Capital, deve satisfazer o desejo de todos os Paes de Familia, e attrahir-lhe as benções de todos quantos amam a cultura do espirito, sem a qual as mesmas obras maternas conservam uma monotonia aborrecivel; e não so o aconselhamos aos Paes e Mestres, senão que ainda o achamos util aos jovens Maridos que querem ver a seu lado Esposas dotadas de uma instrução não superficial, e sempre superior áquella que provém da leitura da maior parte dos romances.

Lisboa, em 9 de Novembro de 1843.

*João Manuel Ogando.*

**SAÚDE PUBLICA.***Influencia electrica no organismo.**Effeitos physiologicos.*

A electricidade applicada aos vegetaes pode activar as suas funcções nutritivas, e despertar os actos vegetativos. Os órgãos dotados da contractilidade entram em acção, debaixo do estímulo electrico, o que pode observar-se nos foliolos da *mimosa pudica* (sensitiva), e nos estames do *berberis vulgaris* (espinheiro-vinbeto), os quaes electrificados dobram-se sobre o pistillo, do mesmo modo que estimulados pelo acto do coito floral ou de outra forma.

No homem os effeitos da electricidade modificam-se com o modo de sua applicação. O banho electrico ou a electricidade statica, augmenta a transpiração, accelera a circulação, e quasi nada mais deixa perceber; pela pouca importancia das modificações de que é capaz, é este modo de applicação de pequena utilidade na practica. A electricidade por choque ou descarga feita com os excitadores, com as garrafas de Leyde, é capaz de produzir fortes excitações no systema, mas demais exerce-se sobre a excitabilidade nervosa de modo a diminuil-a ou mesmo a gastal-a; por isso o raio, que não é mais que uma forte descarga electrica, mata de prompto, extinguindo os poderes excitaveis, e com elles a vida, dos individuos submettos á corrente da electricidade. A electricidade, em corrente continua ou o galvanismo, exerce no organismo influencia notavel, presta-se melhor que pelas outras formas ás applicações therapeuticas, e é capaz de dar resultados curativos mais assignalados. As applicações fazem-se comprehendendo o individuo doente no circulo galvanico, por tempo mais ou menos demorado, e por vezes mais ou menos repetidas.

Por influencia galvanica os sentidos especiaes exaltam-se ou perturbam-se em seus respectivos exercicios, os or-

gãos da visão deixam perceber falsas impressões de corpos luminosos; os da audição zumbidos ou outros ruidos anormais; despertam-se sensações de sabão acido ou alcalino, para as quaes pode concorrer, além da aberração de acção nervosa, a decomposição dos contentos da saliva por effeito da mesma acção electrica. A sensibilidade tactil pode tambem exaltar-se, perceberem-se picadas, formigueiros, dôres. Despertam-se, e mui facilmente, contracções musculares convulsivas, e mais especialmente as desafiam as interrupções da corrente galvanica, no momento de se produzirem. Podem augmentar as secreções, cutanea, urinaria, e menstrual, principalmente dirigido a applicação das correntes electricas aos órgãos secretores respectivos.

De todos osapparelhos conhecidos e proprios para desinvolver a electricidade, por correntes continuas, nenhuns são mais proprios para as applicações therapeuticas como os electro-magneticos, e em especial o apparelho de Clark, ou os que o imitam. Por estes apparelhos não se consegue o ter correntes continuas, mas demais se obtém continuamente encontradas e interrompidas, o que especialmente concorre para o augmento da tensão electrica produzida.

Cabe chamar n'este logar a attenção sobre uma publicação recente, que tem recebido muito geral apreço; são as lições sobre os phenomenos physicos dos corpos vivos, feitas pelo Dr. Matteuci, distincto professor de Florença. Apreciando devidamente os factos da sua observação, o Dr. Matteuci faz por fixar as leis da physiologia-electrica, ou dos effeitos physiologicos por acção electrica. Diremos em resumo quaes são essas leis, porque muito podem esclarecer as applicações therapeuticas.

1.<sup>a</sup> Lei. Uma corrente electrica, applicada a um nervo muscular, desperta contracções no musculo correspondente quando a sua direcção é para esse musculo, e dôr quando, em sentido opposto, isto é, á dos centros nervosos de que o dicto nervo procede.

2.<sup>a</sup> Quando a corrente electrica se dirige ao nervo no sentido transversal ou perpendicularmente ao seu eixo, o effeito é quasi nullo.

3.<sup>a</sup> A acção das correntes electricas muito continuada, produz a diminuição da excitabilidade, e pode mesmo extinguil-a, e tanto mais depressa, quanto mais forte fôr sua tensão. A excitabilidade diminuida restabelece-se cessando a influencia que a gastou.

4.<sup>a</sup> Os effeitos physiologicos apreciaveis (dôr, contracção), produzidos pela acção electrica, são especialmente sensiveis, no momento da interrupção das correntes.

5.<sup>a</sup> A corrente electrica pode operar sobre os musculos, contrahindo-os, directa ou indirectamente. Do primeiro modo quando o musculo, que se contrae em convulsões, é aquelle a que o nervo sob a influencia electrica se dirige; do segundo modo, quando os musculos convulcionados recebem o estímulo da corrente, depois de reflectida nos centros nervosos. Pode demonstrar-se este dobrado effeito n'uma rã, cujos nervos cruaes se ponham a descoberto, e estimulando cada nervo ora no sentido centripeto, ou dos centros nervosos, ora no centrifugo ou dos musculos em que os nervos se distribuem; o resultado, sendo n'este segundo caso, produzirem-se as contrações nos musculos correspondentes ao nervo estimulado, e no primeiro nos do lado opposto.

6.<sup>a</sup> Ha substancias que, levadas ao organismo, modificam a acção electrica; o acido cyan'hydrico, por exemplo, influe assim para diminuir muito a excitabilidade nervosa, que essa acção produza, o acido sulph'hydrico pode-a tornar nulla, de modo que depois da morte do individuo, as partes respondem mui pouco ou nada ao estímulo da electricidade. Outras substancias existem, como o acido carbonico, o chloro, o azoto, cuja influencia modificadora a este respeito parece nulla.

7.<sup>a</sup> Um nervo ligado transmittirá a influencia electrica sem que o faça a respeito da nervosa, o que além de tudo tem servido a estabelecer uma differença de natureza nas duas especies de influencia.

8.<sup>a</sup> A corrente electrica, no sentido centrifugo dirigida, tende a enfraquecer os poderes nervosos; quando no centripeto fortalece-os.

9.<sup>a</sup> As correntes interrompidas gastam mais depressa a excitabilidade nervosa, do que o fazem as continuas.

10.<sup>a</sup> As contracções dos musculos, desafiadas por acção directa da corrente electrica sobre os nervos, que n'esses musculos se distribuem, cessam com a cessação do estimulo. Se o estimulo fôr dirigido por intermedio do centro nervoso respectivo a cada musculo, ou directamente a esse centro, ainda cessando o estimulo, podem continuar por tempo as contracções musculares. Desta lei deduz o Dr. Matteuci demais uma curiosa e interessante consequencia, e vem a ser o modo de descobrir pela electricidade quaes são os centros nervosos que presidem ás diversas acções musculares; demonstrando por exemplo assim, que no proprio coração existe o centro nervoso ganglionar que prende aos seus proprios movimentos, sendo esse o motivo da continuação das suas contracções por tempo, quando se separa dos animaes nas viviseccões.

11.<sup>a</sup> A influencia nervosa é gerada por acções chymico-organicas, do mesmo modo que a electricidade o é por acções simplesmente chymicas. E a combustão do hydrogenio e carbonio da massa nervosa, continuamente operada pelo oxygenio, que o sangue arterial lhe leva, qua gera, segundo o Dr. Matteuci, esta acção nervosa.

Dr. B. A. Gomes.

(J. de Ph. e Sc. Acc. de Lisboa.)

Centro de Documentação Farmacêutica  
**PHARMACIA.**  
da Ordem dos Farmacêuticos

*Observações acerca dos xaropes.*

Ouvindo *raciocinar* varios de nossos Collegas, acerca da grande tendencia que os xaropes teem para *fermentar*, occorreu-nos a lembrança d'escrever algumas observações a este respeito, fundadas n'uma longa practica.

Não vamos expôr doutrinas que lhes façam novidade, mas tão somente *elucidar* algumas ideias *controversas*, e que não estão bem fixadas na mente de outros.

A boa fe que sempre acompanha as nossas asserções, e o justissimo conceito que fazemos dos vastos conhecimentos dos pharmaceuticos portuguezes, nos dispensa de *preludiar* a questão.

Não daremos a definição de xarope, nem do seu objecto. Os intendidos a não precisam; os que o não forem, tambem nos não intenderiam.

Geralmente se observa que, estes preparados, fermentam com a maior facilidade, e não se teem definitivamente indagado a razão. Qual será ella? Não o podemos, por em quanto, conhecer; procuraremos indagal-a.

Os xaropes compõem-se de um liquido sóbrecarregado d'assucar, em proporções taes, que uma parte do primeiro contenha duas do segundo, em perfeito soluto.

O principio fermentescivel deve existir em um d'elles, ou formar-se pela concorrência d'ambos, ou mesmo pela acção d'agentes externos, que, por circumstancias locaes e accidentaes, reajam e operem sobre a mistura.

Desinvolvamos estas ideias: o liquido pode ser um decocto, um hydro-infuso, um macerado, um soluto, um dissoluto, um acido, ou um sumo expresso; em qualquer dos casos, este liquido é o vehiculo do xarope, e cada um de per si, abandonado por algum tempo a si mesmo, torna-se mais ou menos putrido, mas não fermenta. O assucar, no seu *statu quo*, não soffre alteração sensivel; posto que, em contacto com os liquidos, desequilibra-se o seu grau de densidade, e se altera o xarope fermentando, ainda conservado fora da acção do ar. Aquella fermentação é acida, e necessariamente assim deve acontecer; e porque? Porque o principio fermentescivel existe na conjunção do liquido e do assucar, sobre que opera o calor e o ar: agentes locaes, externos, e accidentaes necesarios, conjunctamente com o assucar e mucilagem, para se operar a fermentação acida, que, em certas circumstancias, pode passar a putrida. Occasiões ha em que, segundo a materia do xarope, apparece igualmente ou se forma uma porção d'acido acetico livre, e a presença, tambem, de muito acido carbonico.

¿D'onde provém, aos xaropes, o calor e o ar? Isso é mui obvio. O primeiro, provém do calor atmospherico, assás intenso, muitas vezes em nossos laboratorios; o segundo, da grande capacidade dos vasos, e a continuada e necessaria abertura d'elles, para a extracção do mesmo xarope.

¿Como pois evitar esses inconvenientes? Nós diremos o que temos practicado, com bastante vantagem: 1.º, empregar os vehiculos o mais bem depurados que seja possivel; 2.º, que o assucar, para os xaropes cosidos, seja de caixa e da melhor qualidade, e para os xaropes não cosidos, seja o de pedra ou então o areado tambem do melhor; 3.º, que a clarificação, dos primeiros, seja feita com toda a attenção, e que o xarope ferva sufficientemente, para que a albumina fique bem cosida, e totalmente inadherente, ainda em pequena quantidade, ao xarope; 4.º, que, tanto os primeiros como os segundos, fiquem rigorosamente na densidade propria, de cuja exactidão depende a sua melhor conservação; 5.º, que se guardem, em garrafas de pouca capacidade, mas depois de perfeitissimamente frios; 6.º, que se conservem em sitio fresco, e, quanto seja possivel, em garrafas bem enxutas, e escuras, ou então fora da acção directa da luz; 7.º, que, ao servirmo-nos d'elles, se não meneiem muito, antes pelo contrario, fazel-o de forma que não soffram grande agitação; 8.º, finalmente, ter toda a cautela quando se guardam, extrahir-lhe, com precaução, da superficie, com uma colher, alguma pequena porção d'espuma proveniente da coadura.

Nós temos practicado todas estas cautelas e prevenções, e raras vezes nos teem fallhado, conservando até mesmo, alguns annos, o xarope de violas róxas, e outros, por 16 e 18 mezes, sem alteração sensivel.

H. J. S. Telles.



*Meio de reconhecer, pelo chlorureto de sodio, a presença da resina de guayaco na de jalapa.*

E' um facto, ha muito conhecido, que o chloro tem a propriedade d'azular a resina de guayaco. Segundo a opinião do Sr. Smedt, os chloruretos, de sodio e de calcio, possuem igualmente aquella propriedade, e podem servir para demonstrar, na resina de jalapa, os mais diminutos vestigios da resina de guayaco. E com effeito, 15 centigrammas (3 grãos) de resina de jalapa, misturados com 1 centigramma (5 grãos) de resina de guayaco, e dissolvidos em 4 grammas (1 oitava) d'alcohol de 40°, dão, debaixo da influencia d'uma so gotta d'hypochlorito sodico, uma estria verde, que se precipita e se depõe no fundo do vidro, em que se faz o ensaio, em uma camada verde, bem distincta do liquido sobrenadante, que conserva a primitiva côr.

A sensibilidade do reactivo é tal, que pode assignalar  $\frac{1}{320}$  de resina de guayaco, misturada com a de jalapa (*Journal da Sociedade de Pharmacia d'Anvers*).

Repetindo estas experiencias, de que reconheci toda a exactidão, tive oportunidade de verificar que, o chlorureto de sodio, assignalava igualmente a resina de guayaco, na escamonéa, como na de jalapa. E' d'esperar, como pensa o Sr. Smedt, que a descoberta d'um reactivo tão sensível fará, para o futuro, mais raras as sophisticções d'estas resinas. Seriam porém desnecessarias estas diligencias, que aliás somos obrigados a fazer, para reconhecer a pureza dos medicamentos, se os pharmaceuticos, bem penetrados do sentimento dos seus deveres, os preparassem nos seus laboratorios, em lugar d'os haver do commercio.

(*J. de Ph. e Ch. de Paris.*)

Trad. por H. J. S. Telles.

Diversas formulas de farinbas peitoraes se acham, d'esde muito tempo, registradas nos livros da sciencia, para que esta, que hoje apresentamos, se ligue um extraordi-

nario interesse. Ha bastantes annos que os Monges Benedictinos de Lisboa dispensavam ao publico uma farinha peitoral, que, por se vender unicamente no laboratorio pharmaceutico d'aquelle Mosteiro, tomou o nome de farinha de S. Bento. Qual fosse a sua composição ignorava-se, porque o denso véo do mysterio a envolvia. Depois d'extinctos os Conventos, continuou-se a expedir na mesma botica; e, ultimamente fallecido o pharmaceutico que alli residia, annunciou-se a sua venda em outro laboratorio, e começaram a apparecer diversas formulas, todas ellas dissimilhanes.

Ja n'este tomo, a pagina 133, transcrevemos a que nos enviou o nosso digno Consocio, o Sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, em consequencia da qual o Sr. José Maria Botto teve a bondade de remetter-nos a que hoje publicamos, como sendo a verdadeira. Respeitamos muito a opinião do nosso apreciavel Collega o Sr. Botto, e tanto que n'este ponto juramos perfeitamente na palavra do mestre; porque não temos razões assás fortes que nos guiem na resolução d'este problema, cuja incognita não seria facil descobrir.

Considerando a farinha de S. Bento como remedio secreto, cujas vantagens são attestadas pelo uso de muitos tempos, seguimos o conselho de Soubeiran; e sem entrar na discussão do grau de perfeição d'esta formula, ahi a registramos como nos foi confiada. Aos nossos Collegas fica o direito d'optarem por uma ou outra, até que appareça a verdadeira, se ainda esta o não fór; e que so publicaremos se incontestaveis provas nos garantirem a sua genuidade.

(Os Redactores.)

*Farinha de S. Bento.*

Farinha de trigo da terra . . . .	10 libras	=	5000 gram.
— — de barrica . . . . .	1 quarta	(medida).	
Assucar de caixa . . . . .	10 libras	=	5000 gram.
Althea . . . . .	1 onça	=	32 "
Alcaçús . . . . .	3 "	=	96 "

Gallinha.....	}ãa n.º 1.
Perdiz.....	
Pato.....	
Carne de vitela.....	9 onças = 288 gram.

Reduzo a althea e o aleaçús a po, misturo com as farinhas, e ponho de parte.

Tomo as aves, depois de limpas das partes inúteis, como são pennas, ossos e intestinos, (\*) divido-as em pequenos pedaços, e, junctamente com a vitela, mando-as ao forno para que se torrem; feito isto pisam-se, peneiram-se, até que do resto nada mais se possa apurar. Depois misturo os pos vegetaes aos animaes, mando novamente ao forno, mexo de espaço em espaço, para que as farinhas offereçam nova face ao calor, e d'esta maneira se evita a combustão. Practicando assim, deixo-as tomar uma côr alambreada, e passo-as por peneiro apropriado.

E' esta a verdadeira farinha de S. Bento; porém como por muitos annos esta formula foi ignorada, houve alguns de nossos Collegas que imitaram a sua composição, nascendo d'aqui a irregularidade das formulas.

*José Maria Botto.*

*Bebida contra a ténia; pelo Sr. J. J. CARVALHO.*

Casca da raiz de romãseira.....	2 onças = 64 gram.
— de pecegueiro.....	1 ” = 32 ”

(\*) Consta-me que o seu inventor mandava torrar estas carnes com as partes osseas; porém não aconselho que isto se faça, pois ainda mesmo prescindindo da difficuldade da pulverisação, os tecidos animaes são mais facéis de tostar de que as partes osseas. Além d'isto procede-se a uma operação pela qual se obtém um novo producto, que está em desharmonia com os fins para que elle se applica. O primeiro inconveniente consiste em se levar segunda ou terceira vez os ossos ao forno, para se poderem torrar, a ponto de se reduzirem a po sem difficuldade; o segundo é não obtermos os principios gelatinosos com que o auctor de certo contava: pois é evidente que os ossos, em geral, submettidos á ebullição, fornecem-nos gelatina, porém expostos á calcinação, ella se decompõe, ficando uma parte calcarea contendo carbonato e phosphato de cal; principios que nenhum effeito produzem para os fins da sua applicação.

Agua commum . . . . .	1 $\frac{1}{2}$ libra = 564 gram.
ferva até ficar em . . . . .	1 " = 375 "
côde e juncte	
Rhuibarbo em po. . . . .	} ãa 1 onça = 32 "
Xarope de senne. . . . .	

Toma-se por tres vezes, com o intervallo de quatro a cinco horas, de dose em dose. Oleo de ricino facilitará a final a expulsão da ténia. (*Gazeta Medica do Porto.*)

—  
*Pomada contra o eczema chronico.*

A pomada seguinte, formulada pelo Sr. Mialhe, parece ter uma efficacia bem reconhecida no tractamento do eczema chronico.

Banha recente. . . . .	10 oitavas = 40 gram.
Turbith nitroso. . . . .	$\frac{1}{2}$ " = 2 "
Extracto d'opio. . . . .	18 grãos = 1 "

Solva-se o extracto d'opio n'algumas gottas d'agua, ajuncte-se o turbith, depois a banha, e triture-se tudo n'um gral de porcellana, até que a mistura esteja perfeitamente homogênea.

Esta pomada emprega-se em unções leves, de manhã e de tarde. Foi imaginada para substituir as pomadas, tendo o unguento citrino por base; attento o effeito inconsistente d'estes ultimos preparados, em razão da variabilidade de composição, por assim dizer, infinita do unguento citrino.

Poderia ella igualmente ser substituida, pelos mesmos motivos, ás pomadas com a base d'unguento citrino; que os inglezes empregam com successo contra certas blepharites chronicas.

(*L'Abeille Médicale de Paris.*)

(*J. dos Facult. Militares.*)

—  
*Preparação do xarope de casca de laranja; pelo Sr.*

*F. EYMAEL, Pharmaceutico de Bruzellas.*

Não contendo o xarope de casca de laranja senão os principios activos da casca, a sua preparação obtem-se com difficuldade. A maior parte dos processos em voga dão,

em resultado, um xarope de curta duração, escuro, mucilaginoso, e pouco aromatico; e a causa d'isto, na minha opinião, está em que todos estes processos mandam tractar as cascas de laranja pela agua fervendo, quando é evidente que, em se empregando a agua n'esta temperatura, não somente se dissolvem os principios activos das cascas, mas tambem uma grande quantidade de materias mucilaginosas, cuja introdução no xarope prejudica consideravelmente as suas qualidades physicas e a sua conservação.

Descubri pois o processo, de que ha muitos annos uso, capaz d'extrahir completamente, das cascas de laranja, todos os seus principios medicamentosos, sem o emprêgo do calor; e é o seguinte:

Tomo 540 grammas (17 onças e 2 oitavas) de casca de laranja, e egual pêso de cascas de Curaçao d'Hollanda, a primeira qualidade, secco-as ao sol ou n'uma estufa, cujo calor não exceda de 35 a 40.º centigrados.

Logo que ellas se possam quebrar com facilidade, reduzo-as a po, tracto-as pela agua fria no apparelho de deslocação; recolho as primeiras 500 grammas (16 onças) de liquido, lanço-o em uma garrafa, que, depois de tapada hermeticamente, colloco em uma vasilha contendo agua fria: levo esta á ebullição, tiro depois a garrafa, deixo-a esfriar, e filtro por papel o liquido que contém (\*). Continúo a tractar as cascas pela agua fria, até chegarem a enxugar-se completamente, obtendo d'esta maneira 4,500 a 5,000 grammas (143 onças e 1 oitava a 160 onças) de liquido.

Levo este liquido á ebullição em um vaso aberto, e, depois de frio, filtro-o e n'elle solvo pelo calor 4,000 grammas (130 onças) d'assucar branco, separando com

---

(\*) E' indispensavel aquecer e filtrar o liquido obtido no apparelho de deslocação; porque, sem esta dupla operação, o xarope apresenta, visto por transmissão, floccos esverdeados. Estes floccos, que ficam sobre o filtro, depois que o liquido tem sido levado a 90 ou 100º, são provavelmente formados de substancias albuminoides, que, coagulando-se, attrahem a materia colorante verde das cascas.

cuidado as espumas esverdinhas, à medida que se vão formando; evaporo o xarope até que marque 33° no pesa-xaropes, ajuncto-lhe então o primeiro liquido, dou-lhe uma fervura, e passo-o por coador de lã.

D'este modo se obtém um xarope muito transparente, de boa consistencia, bella côr vermelha, atrigueirado, muitissimo aromatico e com o amargor da casca de laranja. Este xarope, collocado em logar fresco, e guardado em garrafas bem fechadas, e antecedentemente sêccas, conserva por muitos mezes todas estas qualidades primitivas.

*Emprego do carvão na preparação das pilulas de BLAUD; pelo Sr. RANWEZ, Pharmaceutico em Huy.*

Proponho o emprego do carvão na preparação das pilulas de Blaud, mas que seja do menos impuro, tal como o do assucar ou outro similhante. D'este intermedio resultam as vantagens seguintes:

1.º Absorvendo-se o acido carbonico, que se desinvolve depois da *sob'oxydação instantanea* d'uma parte do oxydo ferroso do carbonato ferroso que se produz, podem fazer-se estas pilulas sem difficuldade e promptamente.

2.º Torna inutil o emprego das mucilagens, que so augmentam a dureza, que ja por si mesmo adquire este genero de preparado.

3.º Impede sua alteração, porque os poros do carvão, estando obstruidos pelo acido carbonico, este oppõe-se á penetração do oxygenio do ar, e, por conseguinte, á decomposição ulterior do carbonato ferroso.

*Novo liquido para a conservação dos preparados anatomicos.*

Este liquido, que é empregado ha mais de seis annos, com bom exito, no Hospital de Jervir-Street, em Dublin, consiste em um soluto saturado d'alumen, no qual se dissolvem 2 grammas ( $\frac{1}{2}$  oitava) de nitrato de potassa para 100 grammas (3 onças e 1 oitava) de soluto. Mergulha-se no liquido o preparado, que se descolora immediatamente, mas que não tarda em reassumir sua coloração depois d'al-

guns dias; então tira-se o preparado, e colloca-se definitivamente em soluto saturado d'alumen. Os grumos sanguíneos do cerebro, os derramamentos apoplecticos dos pulmões, &c., conservam o mesmo aspecto que no momento da autopsia.

*Pomada contra a sarna.*

O cheiro desagradavel dos unguentos sulphurosos, empregados em fricções, repugnam muitas vezes, d'uã maneira extraordinaria, a muitos doentes; e, para evitar estes inconvenientes, o Sr. Dr. José Jascon emprega com vantagem uma pomada composta de 16 partes de cevadilha (*vératrum sabadilla*) em pó mui fino, incorporadas em 100 partes de banha de porco. Unctam-se, de manhã e á noite, as partes acommettidas d'erupção. No fim de cinco ou seis dias, está concluida a cura.

(*L'Abeille Médicale de Paris.*)

Trad. por J. D. Corrêa.

**CHYMICA.**

*Collodio.*

O collodio, cuja descuberta é disputada por Meynard e Bigelow, é um dissoluto no ether do algodão polvora, obtido pela acção do acido sulphurico ou azotico sôbre o algodão. A reacção, mais ou menos energica do acido sôbre o algodão, faz com que este senão dissolva no ether, constituindo a *pyroxilina*, ou se dissolva formando a *etheroxilina*.

Como diversas tentativas, para preparar o collodio, sabissem infructiferas, Mialbe estudou o ponto e obteve, em resultado das suas experiencias, que o melhor meio de conseguir este preparado era o seguinte:

Nitro em pó.....	20 partes.
Acido sulphurico de 66.°.....	30 ”
Algodão em rama.....	1 ”

Mistura-se o nitro com o acido sulphurico em um vaso de

vidro ou de porcellana, immerge-se logo o algodão, e agita-se com vareta de vidro por espaço de tres minutos; lava-se immediatamente com muita agua, sem espreme-o, e quando está bem lavado espreme-se fortemente; divide-se e estende-se entre os dedos, e secca-se na estufa. Obtido por este modo o algodão-polvora, o collodio prepara-se como se segue:

Algodão-polvora.....	1 parte.
Ether sulphurico.....	16 ”
Alcohol rectificado.....	1 ”

Lançam-se o algodão e o ether em um vaso tapado, agita-se por espaço d'alguns minutos; ajuncta-se o alcohol, e agita-se de novo até que a mistura se torne homogenea, e adquira a consistencia de xarope: coa-se com expressão por um panno, e conserva-se em vaso tapado hermeticamente.

Este collodio é tão eminentemente adhesivo, que, segundo diz o *Restaurador Pharmaceutico de Madrid*, d'onde fizemos este extracto, um pedaço de panno de tres centimetros de diametro, applicado sobre a palma da mão, susteve um peso de 15 kilogrammas sem despegar-se; sendo mais facil romper-se o panno do que desprender-se.

Emprega-se umas vezes o collodio, cobrindo as feridas com uma camada applicada com um pincel, outras vezes embebem bandeletas n'este liquido, e servem-se d'ellas como do adhesivo estendido. Ultimamente Debout aconselhou as bandeletas de tripa de boi, revestidas com este liquido.

Empregado do segundo modo os aparelhos, ficam mais solidos, porém não permitem, como quando se emprega ou so o collodio ou as bandeletas de tripa, que as modificações das feridas sejam observadas.

O não se obter sempre o collodio, empregando os agentes acima mencionados, parece proceder de não estar o nitro bem sêcco, de conter o acido sulphurico agua em excesso.

Para evitar estes inconvenientes, convém empregar ni-



tro bem sêcco, e acido sulphurico fervido, para que não contenha se não a quantidade d'agua que lhe é essencial.

Ainda ha outro meio d'obter o collodio, menos seguro e economico, consiste elle em empregar os acidos, sulphurico e azotico, mono-hydratados. *J. J. S. Telles.*

*Preparação economica do oxydo d'antimonio; pelo Sr.*

*E. G. HORMING.*

Tendo Froederking publicado o methodo de preparação do oxydo d'antimonio, por meio do acido sulphurico, ensaiou o auctor se se conseguiria o mesmo resultado substituindo o antimonio pelo sulphureto. Para este effeito misturou, em uma capsula de ferro, 15 partes de sulphureto d'antimonio em po fino, com 36 partes d'acido sulphurico, e abandonou a mistura durante a noute a um brando calôr. A mistura, ao principio, espessou-se; porém depois liquifex-se, aquecendo-a e agitando-a fortemente. Por fim a massa tornou-se branca, separou-se e fundiu-se uma porção d'enxôfre, desinvolveu-se uma grande quantidade d'acido sulphuroso, continuou-se a aquecer a mistura, e agitando até que se não desinvolveu mais gaz sulphuroso, nem se queimou enxôfre. Quando os vapôres, que se desprendem, são d'acido sulphurico, ajuncta-se agua a pouco e pouco, e lava-se a massa para separar o acido sulphurico livre. Decompõe-se logo o sub-sulphato d'antimonio obtido, com o carbonato de soda, e lava-se o oxydo obtido; 15 partes de sulphato d'antimonio, dão 13 d'oxydo sêcco, branco-esverdeado, que, excepto algumas impurezas, se dissolve todo no acido tartarico.

Este processo é o mais economico para a preparação do oxydo, destinado para ser convertido logo em tartaro emetico.

*(Arch. der Pharm.)*

*Pepsina.*

Esta substancia, que corresponde á *quimosina* de Deschamps, e á *gasterase* de Payen, prepara-se, segundo Aschenbrenner indica na sua *Neueren Arzncimittel*, do modo seguinte:

Fazendo macerar por alguns dias, em agua distillada fria, o estomago fresco de porco, cortado em pedaços. Coa-se o liquido, e precipita-se pelo acetato de chumbo. O precipitado obtido, que contém, conjunctamente com a pepsina, uma grande quantidade d'albumina, é decomposto pelo sulph'hydrico. Separa-se o liquido do sulphureto formado, por meio do filtro, evapora-se a um brando calor até á consistencia xaroposa. Tracta-se depois pelo alcohol absoluto, que, no fim d'algum tempo, separa a pepsina debaixo da forma d'uã materia branca e volumosa.

O liquido filtrado deixa sobre o filtro a pepsina, que, sêcca ao ar, se apresenta amarella viscosa, e com cheiro animal, *sui generis*. Quando se aquece perfeitamente a banho d'agua, fazendo-lhe perder os ultimos vestigios d'acido acetico que contenha, perde as suas propriedades organo-chymicas, e se apresenta debaixo da forma de um po branco, solúvel na agua, com reacção alcalina, e que parece formada de 57,718 C. 5,666 H. 21,088 Az. e 16,064 O.

A pepsina humida, que não foi submettida á temperatura d'agua fervendo, dissolve mui bem a albumina coagulada, bem como a fibrina.

Mialhe julga ter esta substancia, sôbre as materias albuminosas dos nossos alimentos, uma acção analogá á da *diastase* sôbre as materias amiloideas, transformando-as em substancias eminentemente assimilaveis.

*Uso.* Recommendam-a nas convalescenças das fevres mucosas, na dispepsia, e na atonia dos órgãos digestivos, e falta de força assimilatriz.

*Doses e formas.* Meia a uma drachma por dia, dissolvida em agua, como bebida ordinaria.

Para uso medico, pode obter-se um dissoluto de pepsina, fazendo digerir, durante 8 a 10 horas a + 28° ou 30° R., a membrana mucosa d'um estomago de porco, em agua que contenha 2 ou 3 onças de chlorureto de sodio. Este liquido, filtrado, pode considerar-se como dissoluto mais ou menos carregado de *chlorureto de pepsina*, ou *quimosina*.

(*La Abeja Médica Española.*)

— Trad. por J. J. S. Telles.

*Preparação do chloroformio ; pelos Srs. HURAUULT  
e LARROCQUE.*

Tomem-se 105 libras d'agua, e ponham-se n'um alambique a banho-maria ; eleve-se a temperatura d'esta agua a 36 ou 40°, e desfazem-se primeiro 15 libras de cal viva, previamente hydratada, e 35 libras de chlorureto de cal do commercio. Em seguida deitam-se 51 onças de alcohol de 85°, e, quando a mistura está bem feita, luta-se o alambique, e faz-se ferver o mais prompto possível a agua do banho maria. Passados alguns minutos o capitel se aquece, e depois que o calor se tem elevado á extremidade do collo, diminue-se o fogo, logo a distillação do chloroformio marcha rapidamente, e continúa por si mesma até concluir a operação. Separa-se o chloroformio pelos meios ordinarios ; somente em lugar de distillar, como o recommenda Soubeiran, os liquores que sobrenadam, se conservam para uma operação subsequente, que se pratica immediatamente. Para este fim introduzem-se de novo na cucurbita, sem tirar nada do que la existe, 30 libras d'agua, e quando a temperatura do liquido tem chegado aos 36 ou 40°, se accrescentam 7½ ou 8 libras de cal, e 30 libras de chlorureto de cal, e dilue-se tudo com cuidado ; depois deita-se o liquor chloroformico da operação precedente, ajunctando-lhe somente 25½ onças de alcohol. Agita-se e termina a operação do modo antes indicado. Com um alambique, de capacidade sufficiente, pode-se principiar uma terceira ou quarta operação ; empregando as mesmas doses das substancias, e procedendo como se acaba de indicar.

Practicando d'este modo quatro operações successivas, dizem os auctores da nota, obtem-se geralmente com 125 onças de alcohol de 85°, na primeira operação, 16 onças de chloroformio ; na segunda 19 onças ; na terceira 21 onças ; na quarta 22 onças : total 78 onças.

No decurso das operações, accrescentam, temos observado, como tambem o havia observado Soubeiran, que quanto mais rapida marcha a operação, maior é a quantidade

de chloroformio obtida. Por isso aquecemos d'antemão a agua, antes de misturar a cal e o chlorureto, a elevação da massa que, no processo de Soubeiran, é tão consideravel, apenas é sensivel quando se opera em banho-maria, em presença da cal; accrescenta-se que, pelo processo que indicamos, o chloroformio que se produz não contém chloro, uma vez que a operação tenha sido bem conduzida.

(*La Abeja Medica Española.*)

Trad. por J. M. Ogando.

## PECAS OFFICIAES.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

Acta n.º 332, de 10 de Fevereiro de 1848.

Presidencia do Sr. A. A. R. Oliveira.

A's 6 horas da tarde, abriu-se a Sessão, achando-se presentes 18 Membros Effectivos.

Leu, o 2.º Secretario, a Acta da Sessão antecedente, que foi approvada; e passando o Sr. 1.º Secretario a mencionar a correspondencia.

O Sr. Presidente, requereu um — *Quite* — do dinheiro que recebeu para a Analyse das Águas-Mineraes do Reino, como Thesoureiro da Commissão; para fazer entrega, á nova, dos documentos que tinha na sua mão: decidiu-se que se lhe passasse.

O Sr. Telles senior, apresentou um apparelho para fazer espadrapo transparente, a fim de ser examinado pelos Membros da Sociedade.

O mesmo Sr., como Relator da Mesa, apresentou o projecto de Representação ao Governo, acerca das castanhas d'Inhambane; o qual, depois d'uma larga discussão, em que tomaram parte os Srs. J. Tedeschi, Freire, Telles junior, Avellar, Corrêa, A. Rodrigues, Telles senior, e Norberto, foi submettido a nova redacção.

O Sr. Telles junior, apresentou, em nome do nosso Consocio Honorario, o Sr. Dr. B. A. Gomes, um artigo — Lições de electricidade e magnetismo —, para se inserir em o nosso Jornal (Vide pag. 37).

Approvou-se, depois d'alguma discussão, uma Proposta do Sr. J. A. Rodrigues, para que a correspondencia, sôbre objectos economicos, fosse, d'hoje em diante, ao Conselho Administrativo. Approvou-se igualmente outra, do Sr. J. Tedeschi, para ser auctorizada a Commissão de Redacção a fazer alguns melhoramentos no Jornal.

O Sr. Telles junior, fez uma Proposta, sobre a maneira de regular as discussões em materias scientificas: ficou para segunda leitura.

O Sr. Telles senior, por parte do Sr. Sousa Dias, fez uma Proposta para Membro Correspondente Nacional.

O Sr. Norberto, fez outra Proposta para Membro Effectivo. Dispensadas as formalidades ácerca d'ambos, foi approvedo Membro Correspondente o Sr. Manuel Emilio Gomes da Costa, Pharmaceutico em São Romão d'Ucha, e Effectivo o Sr. Joaquim José Roquete, Pharmaceutico em Lisboa.

O Sr. Loureiro, apresentou, por parte da Commissão de Direito-Pharmaceutico, um Parecer sôbre tres Propostas para Membros Honorarios: ficaram para se votarem na Sessão proxima.

O Sr. Norberto, propoz que se votassem agradecimentos ao Sr. Sousa Dias, nosso Delegado no Porto; por ter montado, com clareza e em harmonia, a Thesouraria do Porto com a de Lisboa: approvou-se a proposta, e foi incumbido o Sr. 1.º Secretario d'assim lh'o fazer constar.

O Sr. J. Q. Avellar, agradeceu a sua admissão, e fez os protestos da sua effectiva adhesão á Sociedade.

Sendo 9 horas da noute, fechou-se a Sessão.

### Acta n.º 333, de 24 de Fevereiro de 1848.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão. Estavam presentes 20 Membros Effectivos.

Lida, e approveda a Acta da Sessão precedente, deu conta, o Sr. 1.º Secretario, da correspondencia seguinte:

Um Officio do Sr. F. B. Pimentel, de Rebordello, acompanhando uma Memoria de sua composiçãõ, intitulada — *Breves recordações dos antigos sabios que deram origem á medicina, e illustram a pharmacia, como ramo principal da mesma* —, pedindo, ácerca d'ella, o parecer da Sociedade; sôbre o que se suscitou alguma discussão, terminando por se nomear uma Commissão especial de tres Membros, para sobre ella emittirem o seu parecer: e, procedendo-se ao escrutinio, ficaram eleitos os Srs. Telles, J. D. Corrêa, e J. A. Rodrigues. O Sr. Telles senior, ponderou que, não se escusando nunca de qualquer trabalho, tinha motivos, mui razoaveis, para pedir ser exonerado d'esta Commissão: foi attendido, nomeando-se, para o substituir, ao Sr. Telles junior.

Mencionou mais, o Sr. 1.º Secretario, dous Officios do nosso Delegado no Porto, que foram para o Conselho Administrativo; outro do Sr. Manaças, d'Estremóz, que foi para a Commissão de Direito.

Leu a Consulta, ácerca das castanhas d'Inhambane, que foi approveda.

Participou a recepção de varios objectos doados, que se receberam com especial agrado.

Por parte do Sr. Sousa Dias, apresentou uma proposta para Membro Correspondente Nacional; que, dispensadas as formalidades do Regimento, foi votado e approved, como tal, o Sr. Constantino Antonio Sobral, Pharmaceutico em Serhançelhe, Comarca de Vizeu.

Foi lido o Parecer da Comissão de Direito-Pharmaceutico, sobre as Propostas para Membros Honorarios; sendo proclamados os Srs., Luiz José da Rocha e Silva, Pharmaceutico do Dispensatorio de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica do Porto, proposto pelo Sr. F. B. dos Santos; Joaquim Henriques da Silveira Fradesso, Lente Substituto de Chymica e Physica da Eschola Polytechnica, proposto pelo Sr. Telles junior; e José Tedeschi, Professor de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, proposto pelo Sr. J. D. Corrêa.

O Sr. Telles junior, como Relator da Comissão de Chymica, apresentou o Parecer da mesma, sobre a Analyse-Chymico-Legal, e pediu que se desse para ordem do dia da Sessão seguinte. Assim se deliberou, fazendo-se avisos previos a todos os Membros Effectivos, assim como ao Juiz do 2.º Districto Criminal, para assistir á discussão, como tinha convençionado.

O Parecer é o seguinte:

SENHORES! — A vossa Comissão de Chymica, em Sessão de 20 de Dezembro de 1847, recebeu, do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Juiz de Direito do 2.º Districto Criminal, acompanhado do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Delegado do Procurador Regio, e do Escrivão do seu cargo, em presença do Sr. Primeiro Secretario, um caixote de madeira, enviado a esta Sociedade pelo Sr. Juiz de Direito de Castello-Branco; contendo uns productos pathologicos, de Domingos Botão, cuja morte casual se julga devida a propinação de veneno, em uma porção de vinho que lhe fôra dado por sua nora.

Abrindo-se o caixote, encontraram-se os objectos seguintes:

Um vaso grande, de capacidade de tres libras, de louça branca, cintada com tiras de papel branco sobre encerado preto, e este sobre um pouco de panno branco, tendo um rotulo em que se lia — *Intestinos*.

Um outro vaso azul, de tres libras de capacidade, da mesma cintado, tendo um rotulo em que se lia — *Estomago*.

Um de vidro preto de duas libras, com a rolha coberta com papel branco, tendo por cima encerado preto, atado com um cordel, e com letreiro — *Liquido dos intestinos*.

Uma garrafa de vidro preto quebrada.

A Comissão guardou todos estes objectos debaixo de sua chave, em casa sellada, para em tempo opportuno proceder ás competentes analyses.

Reunida de novo a Comissão, principiou os seus trabalhos por analysar escrupulosamente todos os utensilios e reagentes de

que tinha a servir-se, convencendo-se por este modo da sua pureza.

Em seguida abriu-se o vaso que continha o estomago, observou-se cuidadosamente esta viscera; não se lh' encontrando lesões apreciaveis, fragmento algum d'acido arsenioso ou de outra alguma substancia solida, que se tornasse suspeita, nem mesmo no liquido em que ella vinha.

Lavou-se depois, repetidas vezes, em alcohol e ether, até que estes liquidos sahisses incoloros; cortou-se em pequenos pedagos, e dividiram-se estes em tres porções.

A 1.<sup>a</sup> porção submetteu-se á decocção, em agua distillada, coou-se e de novo se coeou; os liquidos obtidos foram coados, filtrados, e submettidos a uma corrente de chloro, até ficarem perfeitamente descolorados: de novo se filtraram e guardaram para serem ensaiados pela via humida.

Estes liquidos foram designados com a letra — *A*. O filtro contendo materia organica coagulada, guardou-se, designando-o com a letra — *X*.

A 2.<sup>a</sup> porção do estomago foi fervida em agua distillada, com uma pequena quantidade de prot'oxydo de potassio; e coado o residuo, de novo foi submettido á decocção, e os liquidos, coados e filtrados, fôram tractados por o acido chlor'hydrico, e submettidos a uma corrente de gaz sulph'hydrico, sem que a sua côr mudasse.

A 3.<sup>a</sup> porção foi submettida com o acido nitrico, em capsula de platina, a acção do fogo, e carbonisada completamente, para ficar destruida a materia organica.

Depois de formado o carvão, serviu-se este por alguns minutos em agua distillada, a qual se dividiu em duas porções: uma para ser ensaiada por a via humida, que designamos com a letra — *B*, e outra para se experimentar no aparelho de Marsh, se designou com a letra — *C*.

Montado o aparelho de Marsh, segundo a modificação do St. Chevallier, e contestada a sua pureza, introduzimos-lhe o liquido — *C*; e fazendo-o funcionar, recebemos, sobre laminas de porcellana e platina, a chamma de redução, e nem uma so mancha se formou. A chamma foi ainda recebida no centro d'um tubo de dez pollegadas de comprimento, collocou-se o tubo com uma inclinação de 40° proxivamente, e nunca se percebeu a presença do acido arsenioso, arsenico metallico, nem cheiro alliaceo.

Tomou-se uma porção do liquido — *C*, saturou-se com prot'oxydo de potassio, evaporou-se n'uma capsula de porcellana, até á seccoza; o residuo, perfeitamente sêcco e pulverisado, misturou-se com uma porção de carvão, e introduziu-se em um tubo afilado e aquecido á chamma do alcohol, não se formou anel metallico.

Passou-se depois aos ensaios, pela via humida, o liquido — *A*.

1.<sup>o</sup> Com o hydrato-calcico, não deu precipitado.

2.<sup>o</sup> Com o sulph'hydrico gazoso e aquoso, não deu precipitado amarello.

3.º saturado com o prot'oxydo de potassio, e tractado com o nitrato-argentico, deu um precipitado branco solavel no ammoniaco.

4.º com o deuto-sulphato de cobre, sendo egualmente saturado pelo prot'oxydo de potassio, não deu precipitado.

A Commissão procedeu ainda a um novo ensaio, com o liquido do estomago, que fôra tractado pelo sulph'hydrico. Tendo-se filtrado este liquido, seccou-se completamente, e depois de juncto com uma porção de nitrato de potassa, fundiu-se n'um cadinho de platina; o producto da fusão foi dissolvido em agua distillada, filtrado, e tractado pela agua de cal em excesso: que produziu um precipitado, que secco e misturado com o carvão em po, foi reduzido em tubo afilado, sem que produzisse annel algum metallico.

Os intestinos, contidos no vaso branco, foram submittidos a decoções em agua distillada, e em agua distillada com prot'oxydo de potassio; coadas e submittidas ás mesmas experiencias que o estomago, reservando-se uma porção de liquido em que se cozeram depois de destruida a materia organica, para n'elle se fazerem outros ensaios.

Este liquido foi designado com a letra — *B*. Os resultados das experiencias, feitas sobre os intestinos, foram analogas ás obtidas com o estomago.

Passou-se depois a analyse do liquido contido na garrafa preta, designado com o titulo — *Liquido dos intestinos*. Pesava 180 grammas, e seus caracteres eram os seguintes: côr de chocolate, cheiro excessivamente nauseabundo. Tirou-se para uma capsula, lavou-se a garrafa com agua distillada, que se junctou ao liquido, decantou-se este e examinou-se se existiam n'elle algumas particulas solidas, que não se encontraram; submetteu-se a uma corrente de chloro, para o descorar e coagular a materia organica, filtrou-se e sujeitou-se ás correntes do sulph'hydrico, sem que se manifestasse a coloração. Outra porção foi reservada para os ensaios pela via humida, obtendo-se sempre os mesmos resultados. Uma outra porção, conjunctamente com o coagulo, que ficara no filtro, carbonisado com o acido nitrico, se ensaiou no aparelho de Marsh, sem que se formassem manchas.

Concluidas assim as nossas pesquisas, a respeito do arsenico, passámos a indagar a presença d'outros toxicos inorganicos, nos liquidos do estomago e intestinos, designados com as letras — *A—B—e D*.

Saes de base de prot'oxydo de mercurio :

- 1.º com o cyanureto-potassico, deveria dar precipitado.
- 2.º com o carbonato-potassico, precipitado branco-pardo.
- 3.º com a potassa e ammoniaco, precipitado negro.
- 4.º com o acido chlor'hydrico, precipitado branco.
- 5.º com o sulph'hydrico, precipitado negro.

Os resultados fôram negativos.



Passámos aos saes de deut'oxydo de mercurio; que, existindo, deviam dar:

- 1.º com o carbonato-potassico, precipitado vermelho-amarellado.
- 2.º com a potassa, precipitado amarello-alaranjado.
- 3.º com o ammoniaco, precipitado branco.

Passámos aos saes d'antimonio, que deviam produzir:

- 1.º com a potassa e soda, um precipitado branco, solúvel em um excesso de alcali.
- 2.º com o ammoniaco, um precipitado branco insolúvel.
- 3.º com o sulph'hydrico, um precipitado alaranjado.
- 4.º com uma lamina de zinco, dever-se-hia separar um po negro (o antimonio metallico); porém todos estes reactivos não demonstraram a presença dos saes antimonias.

Passámos a procurar os saes de chumbo, que deviam dar:

- 1.º com o cyanureto ferrico-potassico, precipitado branco.
- 2.º com o carbonato-potassico, o mesmo.
- 3.º com a potassa, o mesmo, solúvel em um excesso d'alcali.
- 4.º com o ammoniaco, o mesmo, insolúvel em um excesso d'alcali.
- 5.º com o acido sulphurico, o mesmo, insolúvel n'agua, e acido.
- 6.º com o iodureto-potassico, precipitado amarello-dourado.

Os resultados fôram negativos.

Procurámos os saes de cobre, que se deviam manifestar produzindo:

- 1.º com o cyanureto ferrico-potassico, um precipitado escuro-castanho.
- 2.º com o acido azotico, deveriam produzir effervescencia, e corarem-se em azul.
- 3.º com o carbonato-potassico, um precipitado azul-pallido.
- 4.º com a potassa, um precipitado floccoso azul-celeste.
- 5.º com o ammoniaco, um precipitado azul-pallido, solúvel em excesso d'alcali, ficando de côr anilada.
- 6.º com o sulph'hydrico e hydro-sulphatos, um precipitado verde-herva.

Os resultados tambem fôram negativos.

A Commissão passou a procurar, no alcohol e no ether, em que se tinham lavado o estomago e intestinos, algum dos alcaloides mais communs. Para isso operámos do modo seguinte:

A *strychnina*, devia

- 1.º esverdear o xarope de violetas.
- 2.º com o acido azotico quente, tornar-se amarello.
- 3.º dissolvido em acido sulphurico, e juntando-lhe algum alcali, dar um precipitado branco-floccoso.

Porém nenhum d'estes caracteres apresentou.

A *morphina*, devia

- 1.º pelo acido sulphurico diluido, e pela addição dos alcalis, dar um precipitado branco-floccoso.

2.º com o acido azotico concentrado, tomar uma cõr de sangue, que, pela acção da luz e no espaço d'algum tempo, se devia tornar em amarello-alaranjado, e depois amarello-carregado.

3.º o per-chlorureto de ferro, uma cõr azul carregada, que desaparecesse com os acidos.

Porém não apresentou nenhum d'estes phenomenos.

Não ligou porém a Commissão grande interesse a estes ensaios, nem dispoz d'outros meios que podia empregar, para verificar a presença dos alcaloides e compostos cyanicos; por isso que o estado de putrefacção, das visceras e do liquido, teria necessariamente operado a decomposição de taes substancias.

Em vista do que levamos dicto, julga a Commissão não haver nas substancias pathologicas, pertencentes a Domingos Botão, toxico algum inorganico ou organico dos que mais communmente s'empregam nos envenenamentos, e dos que a chymica mais facilmente pode reconhecer pelos meios ao seu alcance.

Gabinete e Laboratorio da Commissão de Chymica da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 24 de Fevereiro de 1848. — *João José de Sousa Telles*, Director. — *José Pereira d'Azevedo*, Vice-Director.

Entrou em discussão a Proposta do Sr. Telles junior, apresentada na Sessão precedente; sôbre a forma de regular a discussão das materias scientificas: foi approvada.

Entrou igualmente em discussão o Parecer da Commissão de Direito, sôbre os Estudos Pharmaceuticos; estando a hora adiantada, e não se achando presentes alguns Membros que tinham encetado a discussão, foi esta adiada.

A's 9 horas da noute, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Francisco Fortunato d'Assis*,

2.º Secretario.

## Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem **DECLARAÇÃO.** Farmacêuticos

A Commissão de Redacção d'este Jornal declara, que, por lapso de revisão, fôra collocado no fim das Instrucções, insertas a pag. 273 a 279, e em parenthesis (*J. da Soc. das Sc. Med. de Lisboa*); cuja citação so era destinada para o artigo de Pharmacia, inserido a pag. 283 a 288.

*Os Redactores.*